

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Matemática
Curso de Licenciatura em Matemática a Distância

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - Libras

Marisa Pinheiro Mourão (Org.)

Segunda Edição
Revista e Atualizada



2018

1ª edição 2013

2ª edição 2018

MOURÃO, M. P. (Org).

Língua Brasileira de Sinais. CEaD/CEPAE, - 2ª ed. - Uberlândia, MG, 2018. Material elaborado para os cursos a distância da Universidade Federal de Uberlândia/Universidade Aberta do Brasil. 118p.

Cursos de Licenciatura UFU.

1. Língua Brasileira de Sinais.

Reitor

Valder Steffen Júnior

Coordenador UAB/CEAD/UFU

Maria Teresa Menezes Freitas

Conselho Editorial

Carlos Rinaldi - UFMT

Carmen Lucia Brancaglion Passos - UFScar

Célia Zorzo Barcelos - UFU

Eucidio Arruda Pimenta - UFMG

Ivete Martins Pinto - FURG

João Frederico Costa Azevedo Meyer - UNICAMP

Marisa Pinheiro Mourão - UFU

Edição

Centro de Educação a Distância

Comissão Editorial - CEAD/UFU

Diagramação

Equipe CEAD/UFU

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
José Mendonça Bezerra Filho

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/CAPE
Carlos Cezar Modernel Lenuzza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
REITOR
Valder Steffen Júnior

VICE-REITOR
Orlando César Mantese

CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
DIRETORA E COORDENADORA UAB/UFU
Maria Teresa Menezes Freitas

SUPLANTE UAB/UFU
Aléxia Pádua Franco

FACULDADE DE MATEMÁTICA – FAMAT – UFU
DIRETOR
Prof. Dr. Marcio Colombo Fenille

COORDENADORA DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA – PARFOR
Profa. Dra. Fabiana Fiorezi de Marco

ASSESSORA DA DIRETORIA
Sarah Mendonça de Araújo

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR
Alberto Dumont Alves Oliveira
Darcus Ferreira Lisboa Oliveira
Dirceu Nogueira de Sales Duarte Jr.
Gustavo Bruno do Vale
Otaviano Ferreira Guimarães

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS LIBRAS



A autora (parte escrita)

Marisa Pinheiro Mourão - possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia, com habilitação em Supervisão escolar, e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área de Educação, atuando e pesquisando os seguintes temas: educação a distância, formação de professores, educação especial e Língua Brasileira de Sinais. Desde 2009 é professora efetiva da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Uberlândia. Atua no Centro de Educação a Distância como coordenadora dos cursos de formação de tutores e professores para EaD e, no curso de Pedagogia a

Distância, na coordenação de Tutoria.



Vídeos em Libras (parte prática)

Aparecida Rocha Rossi - possui graduação em Odontologia pela Universidade de Uberaba, pós-graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e graduação em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no polo da Universidade de Brasília (UNB). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de pessoas surdas e Libras. É proficiente em Libras, certificada pelo Ministério da Educação em Nível Superior. Desde 2011 é professora efetiva da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Uberlândia, ministrando a disciplina Libras.



Kleyver Tavares Duarte – possui graduação em Educação Física pelo Centro Universitário do Triângulo, pós-graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Uberlândia, formado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestrando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atuou na rede municipal de ensino de Uberlândia por 17 anos, 1 ano e meio na rede estadual de ensino e 4 anos na rede privada de ensino superior, na qualidade de professor de Libras. Desde 2011 é professor efetivo da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Uberlândia, ministrando a disciplina Libras.



Paulo Sérgio de Jesus Oliveira - possui graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário do Triângulo, pós-graduação em Educação Especial pela Universidade Federal de Uberlândia. É proficiente em Língua Brasileira de Sinais, certificada pelo Ministério da Educação em Nível Superior. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino superior e ensino de Libras. Desde 2011 é professor efetivo na Universidade Federal de Uberlândia, ministrando a disciplina de Libras.

Sumário

FIGURAS	9
QUADROS	9
INFORMAÇÕES	10
INTRODUÇÃO	11
AGENDA	13
ANOTAÇÕES	14

MÓDULO 1 - *História, conceitos e políticas públicas na educação do sujeito*

SUMÁRIO QUINZENAL	17
I - TEXTO BÁSICO	
1.1 <i>História da pessoa surda no mundo e no Brasil</i>	19
1.2 <i>Conceito e caracterização da surdez</i>	26
1.3 <i>Os discursos sobre o Surdo: abordagens e imaginário social</i>	31
1.4 <i>A Língua de Sinais e a constituição da identidade e cultura dos sujeitos Surdos</i>	37
1.5 <i>Abordagens educativas para alunos Surdos</i>	42
1.6 <i>O processo de inclusão educacional da pessoa surda</i>	47
1.7 <i>As políticas públicas brasileiras na educação de pessoas surdas</i>	50
II - ATIVIDADES DO TEXTO BÁSICO	54
III - LEITURA COMPLEMENTAR	54
IV - ATIVIDADES DA LEITURA COMPLEMENTAR	55
V - VÍDEO BÁSICO	55
VI - ATIVIDADES DO VÍDEO BÁSICO	55
VII – ATIVIDADES SUPLEMENTARES	56
VIII - SÍNTESE DO MÓDULO	58
IX - BIBLIOGRAFIA ADICIONAL COMENTADA	59

MÓDULO 2 - *Introdução à Língua Brasileira de Sinais - Identidade e Família*

SUMÁRIO QUINZENAL	63
I - TEXTO BÁSICO	
1.1 <i>História da Língua de Sinais Brasileira</i>	65
1.2 <i>Parâmetros para realização dos sinais na Libras</i>	68
II - ATIVIDADES DO TEXTO BÁSICO	77
III – DIÁLOGOS EM LIBRAS	79
IV – ATIVIDADES DOS DIÁLOGOS EM LIBRAS	81
V – FAÇA VOCÊ MESMO(A)	82
VI - SÍNTESE DO MÓDULO	83
VII - BIBLIOGRAFIA ADICIONAL COMENTADA	83

MÓDULO 3 Introdução à Língua Brasileira de Sinais - Estudos, Trabalho e Diversão

SUMÁRIO QUINZENAL	87
I - TEXTO BÁSICO	
1.1 Estrutura linguística da Libras	89
II – DIÁLOGOS EM LIBRAS	94
III – ATIVIDADES DOS DIÁLOGOS EM LIBRAS	96
IV – FAÇA VOCÊ MESMO(A)	97
V – SÍNTESE DO MÓDULO	98
VI - BIBLIOGRAFIA ADICIONAL COMENTADA	98

MÓDULO 4 - Introdução à Língua Brasileira de Sinais - A Cidade, a Escola e as Férias

SUMÁRIO QUINZENAL	101
I - TEXTO BÁSICO	
1.1. Tipos de frases na Libras	103
II – DIÁLOGOS EM LIBRAS	105
III – ATIVIDADES DOS DIÁLOGOS EM LIBRAS	108
IV – FAÇA VOCÊ MESMO(A)	108
V – SÍNTESE DO MÓDULO	109
VI - LISTA DE SITES COMENTADA	110
REFERÊNCIAS	111

Figuras

FIGURA 1 – Na Cultura Surda. Disponível em < http://idc.mdaigletoons.com/ >	19
FIGURA 2 – Antigo Egito. Disponível em < http://sxc.hu/ >	20
FIGURA 3 – Instituto Nacional de Educação dos Surdos. Disponível em < http://www.ines.gov.br/institucional/ >	24
FIGURA 4 – Passeata em homenagem ao dia Nacional do Surdo. Disponível em < http://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/2012/09/ >	26
FIGURA 5 – Mulher grávida. Disponível em < http://sxc.hu/ >	27
FIGURA 6 – Níveis de decibéis	28
FIGURA 7 – Crianças surdas americanas conversando em Língua de Sinais Americana. Disponível em < http://commons.wikimedia.org/ >	31
FIGURA 8 – Crianças surdas conversando em Língua de Sinais. Disponível em < http://www.adelaidenow.com.au/deaf-kids-level-with-hearing-peers/story-e6frea6u-1226264065064 >	33
FIGURA 9 – Pessoas conversando em Libras. Acervo de fotos do CEaD/UFU.	34
FIGURA 10 – Criança aprendendo a sinalizar em Libras. Acervo de fotos do CEaD/UFU.	37
FIGURA 11 – Crianças aprendendo Libras com professora surda. Acervo de fotos do CEaD/UFU.	38
FIGURA 12 – Professores Surdos da UFU conversando em Libras. Acervo de fotos do CEaD/UFU.	41
FIGURA 13 – Crianças aprendendo Libras com professor surdo. Acervo de fotos do CEaD/UFU.	42
FIGURA 14 – Criança aprendendo Libras com professor surdo. Acervo de fotos do CEaD/UFU.	45
FIGURA 15 – Alunos surdos em sala de aula. Disponível em < http://portaldoprofessor.mec.gov.br/ >	47
FIGURA 16 – Várias pessoas unidas em volta do mundo. Disponível em < http://sxc.hu/ >.	50
FIGURA 17 – Duas mãos juntas simbolizando a Língua de Sinais. Disponível em < http://sxc.hu/ >.	65
FIGURA 18 – Professores Surdos da UFU conversando em Libras. Acervo de fotos do CEaD/UFU.	89

Quadros

QUADRO 1 - Causas potenciais da surdez	28
QUADRO 2 - Classificação das Perdas Auditivas de Davis	29
QUADRO 3 - Relação entre a perda auditiva e suas implicações	29

Informações

Prezado(a) aluno(a):

Ao longo deste guia impresso você encontrará alguns “ícones” que o ajudarão a identificar as atividades.

Fique atento ao significado de cada um deles, pois isso facilitará a sua leitura e seus estudos.



Prezado(a) aluno(a),

O processo de inclusão de alunos Surdos na educação tem alcançado destaque nas últimas décadas, distanciando-se dos discursos e práticas educacionais de reabilitação, em que imperavam o preconceito e a normalização. Hoje podemos falar que avanços significativos ocorreram no campo de pesquisas e produção de materiais para a inclusão do Surdo na sociedade e na escola. E é com esse sentimento de luta, superação, desmistificação e conquista que convidamos você a conhecer um pouco da trajetória histórica desse grupo de pessoas, sua língua, sua cultura e sua identidade.

Nesta disciplina você será apresentado aos fundamentos históricos, filosóficos, pedagógicos e técnicos da língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira, o que contribuirá para a sua formação enquanto professor no contexto da Educação Inclusiva. Nossos objetivos específicos neste estudo serão:

- utilizar os conhecimentos básicos da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em contextos escolares e não escolares;
- reconhecer a importância da organização gramatical da Libras e sua respectiva utilização nos processos educacionais dos Surdos;
- compreender os fundamentos da educação de Surdos;
- utilizar metodologias de ensino destinadas à educação de alunos Surdos, tendo a Libras como elemento de comunicação, ensino e aprendizagem.

É notável o crescimento da consciência das pessoas surdas em busca do reconhecimento das suas singularidades e direitos. Um importante marco dessas conquistas foi a oficialização da Língua Brasileira de Sinais, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que torna a Libras um meio legal de comunicação e expressão dos Surdos brasileiros. Além disso, a regulamentação do Decreto nº. 5.626, no final de 2005, determinou a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, de nível médio e superior, em instituições públicas e privadas, e nos cursos de Pedagogia, Fonoaudiologia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas. Essa lei estabelece um prazo de 10 anos para que os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior de todo o País incluam o professor de Libras em seu quadro de magistério.

Essa legislação favoreceu não só a inclusão educacional do Surdo como também contribuiu para a garantia de seus direitos como cidadão brasileiro. Além disso, essa legislação ainda determinou que as empresas públicas garantissem às pessoas surdas atendimento diferenciado por meio do uso, da tradução e da interpretação da Libras, atendimento esse que deverá ampliar em, pelo menos, 5% o quadro de profissionais nessa área.

No entanto, tais conquistas precisam ser traduzidas em ações que permitam aos Surdos o acesso a uma educação de qualidade e a participação efetiva na sociedade. Assim, não se trata apenas de garantir a esse cidadão espaços educacionais adequados, mas faz-se necessário também promover a difusão da Libras. Neste sentido, compete às Instituições de Ensino Superior oferecer espaços alternativos e/ou complementares para o aprendizado dessa Língua aos seus alunos e aos demais profissionais, para que tenham a oportunidade de refletir sobre as especificidades culturais, linguísticas e identitárias dos sujeitos Surdos.

Partindo do princípio de que a participação social é um direito de todos e que Libras é a língua materna dos Surdos brasileiros, há uma necessidade urgente de torná-la acessível aos profissionais que atuam ou desejam atuar com pessoas surdas, salientando que a comunicação é uma condição básica para as interações sociais e para o exercício democrático da cidadania.

Consideramos, portanto, que o movimento de divulgação e ensino dessa língua poderá contribuir para garantir à comunidade surda participação mais efetiva na sociedade e acesso a uma educação de qualidade a todos os seus membros.

Assim, para organizarmos nosso estudo, esta disciplina foi dividida em 4 módulos e em todos eles apresentaremos textos básicos, hipertextos, dicionário de Libras, passeios virtuais, vídeos de conversação em Libras, atividades e jogos no Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA, sugestões de filmes e leituras.

No Módulo 1 ***“História, conceitos e políticas públicas na educação do sujeito Surdo”*** apresentaremos uma breve retrospectiva histórica, contextualizando a visão da sociedade sobre as pessoas surdas no cenário mundial e nacional, a história da Língua de Sinais Brasileira e as filosofias educativas para alunos Surdos. Abordaremos também a importância da Libras como instrumento de comunicação, ensino e avaliação da aprendizagem em contexto educacional e a sua participação na constituição da identidade e cultura surdas. Por fim, trataremos sobre os reflexos das políticas públicas brasileiras na educação de pessoas surdas.

A partir do Módulo 2, ***“Introdução à Língua Brasileira de Sinais - Identidade e Família”***, daremos início aos estudos sobre a prática de comunicação na Libras, apresentando as características da língua por meio de diálogos e frases em situações de contexto, como: “Encontro entre amigos”, “Minhas características”, “O lugar onde eu moro” e “Minha família é assim...”. Além das conversações, exploraremos a gramática da Libras para conhecermos os parâmetros de formação dos sinais, o alfabeto manual, os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e os advérbios de lugar.

No Módulo 3 ***“Introdução à Língua Brasileira de Sinais – Estudos, Trabalho e Diversão”***, trabalharemos com diálogos e frases em situações de contexto, como: “Minha agenda mensal”, “Quando será a festa”, “Procurando emprego” e “A visita ao Banco”. Além das conversações, exploraremos a gramática da Libras para conhecermos sua estrutura linguística e frasal, os sinais simples e os sinais compostos, os numerais, os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar.

Na última etapa deste curso, o Módulo 4, ***“Introdução à Língua Brasileira de Sinais – A Cidade, a Escola e as Férias”***, apresentaremos diálogos e situações relacionadas aos seguintes contextos: “Os lugares da cidade”, “Na sala de aula”, “O vestibular” e “As férias chegaram”. Você conhecerá também os tipos de frases, os advérbios de tempo, gênero dos substantivos e adjetivos.

Os diálogos em contexto e as frases em Libras poderão ser visualizados no DVD do aluno e no AVA a fim de que se tenha uma compreensão geral da disciplina. Os diálogos exploram situações do dia a dia e foram organizados com uma estrutura frasal mais simples para o aluno iniciante no aprendizado de Libras.

A proposta avaliativa será processual e acontecerá por meio de diferentes atividades presentes no AVA, tais como fóruns de discussão, estudos dirigidos, questionários e também por meio de questões de reconhecimento de frases e situações de Libras com opções de múltipla escolha em Língua Portuguesa. A avaliação presencial final da disciplina será composta por questões discursivas envolvendo os conteúdos teóricos trabalhados na disciplina e também questões de múltipla escolha em Libras, que serão apresentadas para o aluno três vezes consecutivas.

Esperamos despertar em você o desejo de conhecer uma nova língua: a Língua Brasileira de Sinais e a vontade de aprendê-la e de compreendê-la.

Agenda

Módulo 1	Desenvolvimento do estudo	Atividades Avaliativas
História, conceitos e políticas públicas na educação do sujeito Surdo	Tarefa 1 - Assistir à videoaula introdutória Tarefa 2 – Leitura do texto básico Tarefa 3 – Realizar a atividade do texto básico Tarefa 4 – Leitura do texto complementar Tarefa 5 – Realizar atividade do texto complementar Tarefa 6 – Assistir ao vídeo básico Tarefa 7 – Realizar atividade referente ao vídeo básico Tarefa 8 - Realizar as atividades suplementares	Tarefa 3 – Realizar a atividade do texto básico - Fórum de discussão: concepções de surdez. (2 pontos) Tarefa 5 – Realizar atividade do texto complementar – Envio de Texto: Análise crítica das abordagens educativas. (3 pontos) Tarefa 7 – Realizar atividade referente ao vídeo básico – Questionário. (2 pontos) Tarefa 8 - Realizar as atividades suplementares – Envio de Texto – Estudo Dirigido Decreto 5.626. (3 pontos)
Módulo 2	Desenvolvimento do estudo	Atividades Avaliativas
Introdução à Língua Brasileira de Sinais - Identidade e Família	Tarefa 1 – Leitura do texto básico Tarefa 2 – Realizar a atividade do texto básico Tarefa 3 – Diálogos em Libras Diálogo 1, 2, 3 e 4 Tarefa 4 – Atividades dos diálogos em Libras Tarefa 5 – Faça você mesmo(a)	Tarefa 2 – Realizar a atividade do texto básico. Questionário. (6 pontos) Tarefa 4 – Atividades dos diálogos em Libras Diálogo 1 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 2 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 3 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 4 - Questionário. (2 pontos)
Módulo 3	Desenvolvimento do estudo	Atividades Avaliativas
Introdução à Língua Brasileira de Sinais – Estudos, Trabalho e Diversão	Tarefa 1 – Leitura do texto básico Tarefa 2 – Diálogos em Libras Diálogo 1, 2, 3 e 4 Tarefa 3 – Atividades dos diálogos em Libras Tarefa 4 – Faça você mesmo(a)	Tarefa 3 – Atividades dos diálogos em Libras Diálogo 1 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 2 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 3 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 4 - Questionário. (2 pontos)
Módulo 4	Desenvolvimento do estudo	Atividades Avaliativas
Introdução à Língua Brasileira de Sinais – A Cidade, a Escola e as Férias	Tarefa 1 – Leitura do texto básico Tarefa 2 – Diálogos em Libras Diálogo 1, 2, 3 e 4 Tarefa 3 – Atividades dos diálogos em Libras Tarefa 4 – Faça você mesmo(a)	Tarefa 3 – Atividades dos diálogos em Libras Diálogo 1 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 2 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 3 - Questionário. (2 pontos) Diálogo 4 - Questionário. (2 pontos)



MÓDULO

HISTÓRIA

CONCEITOS E POLÍTICAS PÚBLICAS
NA EDUCAÇÃO DOS SUJEITOS SURDO

Sumário Quinzenal

Conteúdos básicos do módulo 1

- História da pessoa surda no mundo e no Brasil
- Conceito e caracterização da surdez
- Os discursos sobre o Surdo: abordagens e imaginário social
- A Língua de Sinais e a constituição da identidade e cultura dos sujeitos Surdos
- Abordagens educativas para alunos Surdos
- O processo de inclusão educacional da pessoa surda
- As políticas públicas brasileiras na educação de pessoas surdas

Objetivos do módulo

Ao final do estudo do módulo 1 da disciplina Língua Brasileira de Sinais, esperamos que você, aluno(a) possa alcançar os seguintes objetivos:

- identificar as diferentes maneiras de como o Surdo foi visto ao longo da história;
- apresentar o conceito e a caracterização da surdez, buscando compreender a relação dos seus efeitos na comunicação do sujeito Surdo e as possíveis implicações para o processo de ensino e aprendizagem;
- conhecer as concepções de sujeito Surdo e quais os impactos de cada uma;
- discutir sobre a importância da aquisição da linguagem para crianças surdas, demarcando a importância do aprendizado da Libras como primeira língua;
- apresentar a concepção de “Surdo” e a relação com os conceitos de cultura, identidade e comunidade;
- conhecer as abordagens educativas empregadas na educação do Surdo e demarcar a mais apropriada;
- conhecer o cenário educacional atual de pessoas surdas no Brasil;
- apresentar os fundamentos para a consolidação de uma proposta educativa bilíngue para pessoas surdas;
- apresentar os avanços nas políticas públicas em relação aos Surdos, a sua língua e à educação.

I – TEXTO BÁSICO



FIGURA 1

1.1 História da pessoa surda no mundo e no Brasil

Prezado(a) aluno(a):

A primeira parte importante da disciplina Libras que você conhecerá diz respeito aos diferentes olhares na trajetória histórica do sujeito Surdo em seus aspectos mais relevantes para a compreensão do nosso estudo, especialmente porque o estudo do passado nos fornece elementos para compreendermos o presente.

A ilustração intitulada “Na cultura surda”, de um artista Surdo americano, Matt Daigle, nos mostra pessoas em uma caverna, apontando para pinturas rupestres que revelam “sinais” utilizados pela comunidade surda desde a mais remota era.

Você irá perceber que dirigir o olhar para um determinado tempo atrás será importante para conhecermos como a pessoa surda foi “representada, percebida e educada” ao longo da história. É relevante, nesta discussão, considerar as representações do ser “Surdo” em diferentes contextos, no cenário mundial e nacional, para entendermos qual(is) é (são) o(s) espaço(s) que a Comunidade Surda e a Língua de Sinais ocupam nos dias atuais.

Gostaríamos, especialmente, que você observasse e questionasse, ao longo da leitura dessa história, alguns pontos importantes:



A visão da sociedade, em cada contexto histórico, sobre a pessoa surda evoluiu ou permanece a mesma?

Quais fatos marcantes aconteceram nessa história e quais reflexos eles tiveram na vida da pessoa surda?

Vamos, então, conhecer um pouco dessa história...

Durante séculos, as pessoas surdas foram vistas sob o estigma da incapacidade e da limitação, consideradas desprovidas da capacidade de pensar, pois não sabiam comunicar-se por meio da fala. Outras vezes, essas pessoas eram vistas como seres malignos, doentes e imperfeitos e, por esses motivos, eram marginalizadas, privadas de educação e, conseqüentemente, impedidas de poderem exercer o seu direito de cidadão.

A educação desse grupo de pessoas, durante décadas, não fazia parte da educação em geral, pois era voltada para o caráter filantrópico do “cuidar e proteger”. Essas pessoas, entretanto, só poderiam ser integradas à sociedade se conseguissem alcançar um determinado nível de competências compatíveis com os padrões sociais vigentes.

Aristóteles (384-322 a.C), acreditava que quando alguma pessoa não falava, conseqüentemente não possuía linguagem e tampouco pensamento. Tal pensamento considerava o Surdo como não competente, incapaz, um ser sem pensamento, porque, segundo pensava-se, a linguagem dava ao homem a condição humana para o indivíduo. Portanto sem linguagem, o Surdo era considerado não humano.



FIGURA 2

A visão do filósofo Sócrates (470-399 a.C.) mostrava um entendimento diferente em relação ao sujeito Surdo e suas possibilidades. Ele acreditava que “se não tivéssemos voz nem língua, mas apesar disso desejássemos manifestar coisas uns para os outros, não deveríamos, como as pessoas que hoje são mudas, nos empenhar em indicar o significado pelas mãos, cabeça e outras partes do corpo?” (SACS, 1998, p. 29).

No Egito (a.C) os Surdos eram adorados como se fossem deuses. Já na Grécia, os Surdos eram considerados como seres incompetentes e em Roma, por serem considerados imperfeitos, eram privados dos seus direitos legais e, muitas vezes, sua condição lhes custava a vida. Fernandes (2011) aponta que na Grécia, e depois em Roma, os Surdos eram condenados à escravidão ou a morte, recaindo novamente a ideia de que o pensamento se desenvolvia somente por meio da palavra articulada oralmente.

Alguns estudos sobre a história da educação de Surdos apontam que, durante a Antiguidade e por quase toda a Idade Média, essa visão persistiu, uma vez que os Surdos eram privados de exercer os direitos como cidadãos. Existiam leis que proibiam os Surdos de receber heranças, de votar e até mesmo de se casar e constituir uma família, restrições essas que afetavam os direitos civis, religiosos e sociais desses cidadãos. Havia uma crença de que os Surdos não eram capazes de participar do processo de ensino e aprendizagem, especialmente pela visão da surdez associada à falta de inteligência. (GÓES, 2002; SOARES, 2005, FERNANDES, 2011).

Segundo Fernandes (2011, p. 16-17), a história da educação de Surdos, apresentada pela maioria dos textos publicados na área, aponta os esforços em tornar esses indivíduos sociáveis, plenamente integrados a um mundo que se constitui com base na fala e na audição. Tal perspectiva revela ainda os embates metodológicos entre correntes gestualistas e oralistas na comunicação e educação de pessoas surdas, com predomínio da filosofia oralista, cujo objetivo principal é a reabilitação da audição e da fala. Mas, há outra perspectiva não registrada na história oficial e que vem aos poucos ocupando espaço no cenário atual: são os grupos de pessoas surdas que lutam contra práticas arbitrárias, cuja intenção é ignorar as diferenças. Ao contrário dessas práticas, esses grupos chamam atenção ao colocar em evidência sua identidade, sua forma de comunicação e a cultura visual.

Ainda na visão dessa autora, os Surdos foram vítimas de uma concepção equivocada, baseada na crença hegemônica de que como não podiam falar, não desenvolveriam a linguagem, não poderiam pensar e, portanto, não haveria possibilidade de aprendizagem formal. Tal pensamento influenciou as práticas sociais durante toda a Antiguidade e grande parte da Idade Média, privando os Surdos do acesso à instrução.

Somente no início do século XVI, começou-se a admitir que os Surdos podiam aprender por meio de procedimentos pedagógicos, sendo o propósito dos professores ensiná-los a escrever, a falar e a compreender a língua oral. No entanto, somente os Surdos pertencentes às famílias abastadas tinham acesso à educação por meio de professores particulares. Havia ainda a predominância dos métodos clínicos na educação dos Surdos, ficando o pedagógico em segundo plano, ou seja, ao conteúdo escolar não era dada a mesma importância que se dava aos exercícios específicos, considerados condição para adquirir a linguagem oral. Além desse aspecto, as pessoas surdas foram alvo, desde o início da Idade Moderna, de dois tipos de atenção: a médica e a religiosa. A primeira se baseava no fato de a surdez se constituir um desafio para a medicina e a segunda, porque ajudar os “desvalidos” fazia parte dos preceitos religiosos (SOARES, 2005).

Segundo Soares (2005), **Gerolamo Cardano** (1501-1576), apontado como um dos primeiros educadores de Surdos, já afirmava no século XVI que a surdez não era impedimento para o Surdo aprender e que o melhor meio para isso acontecer seria por meio da escrita. Portanto, a educação das pessoas surdas deveria ser alcançada pelo ensino da leitura e da escrita, pois propiciaria, aos Surdos, condições melhores de relacionamento e participação social.

Fernandes (2011) discorre que no século XVI o espanhol beneditino **Pedro Ponce de León** (1520-1584), reconhecido oficialmente como o primeiro professor de Surdos da história, ensinou nobres Surdos a ler, a escrever e a contar com o apoio de gestos utilizados em alguns

mosteiros, como resultado da regra de silêncio ali imposta. Ele utilizava também a soletração manual para aprendizagem da palavra falada.

Posteriormente, **Juan Pablo Bonet** (1579-1629), soldado e filósofo espanhol, publicou, em 1620, um livro sobre método de ensino aos Surdos denominado *Reducción de las Letras y Arte para Enseñar a Hablar los mudos*, no qual defendia que o Surdo não deveria ser considerado como um ser incapaz de falar e de refletir, mas sim com capacidade de aprender as línguas e as ciências. (FERNANDES, 2011).

De acordo com Soares (2005), em 1760, o **Abade de L'Epée** (1712-1789) fundou a primeira escola para Surdos, em Paris. Esse abade afirmava que “o único meio de restituir os Surdos-mudos à sociedade é eles aprenderem a se exprimir de viva voz e a ler as palavras sobre os lábios”. Por receber diferentes tipos de crianças surdas, L'Epée viu-se imposto a criar uma linguagem mímica para todos que admitissem o cumprimento de uma instrução rápida, que possibilitasse a esses Surdos transformarem-se em elementos úteis manualmente para a sociedade. Assim, a responsabilidade da predominância do método gestual no Instituto Nacional de Paris foi dada ao Abade de L'Epée, o primeiro a pesquisar sobre a língua de sinais empregada por Surdos.

Pelo sucesso obtido, a prática de L'Epée ganhou inúmeros adeptos e vários professores foram treinados para difundi-la nas mais de 20 escolas para Surdos criadas na França e no resto da Europa até 1779. Pelo predomínio da comunicação gestual nas aulas, vários professores Surdos passaram a colaborar nas práticas educativas, o que, pela primeira vez, conferiu *status* social às pessoas surdas. A conquista de direitos educacionais e sociais dos Surdos dominou a França entre 1770 e 1820 e continuou seu curso triunfante nos EUA até 1870 (FERNANDES, 2011, p. 28-29).

Fernandes (2011) aponta ainda que dentre todas as experiências registradas, foi a metodologia do alemão **Samuel Heinicke** (1727-1790), conhecido como fundador do oralismo, que ganhou notoriedade por fazer os Surdos falarem, retomando o pensamento dominante na antiguidade greco-romana. Para ele, a utilização de gestos ou mímicas significava caminhar em direção contrária ao avanço do aluno, e a oralização era necessária para que os contatos sociais dos Surdos não fossem restritos aos seus semelhantes.

Mais tarde, no século XIX, o médico **Jean Marie Gaspar Itard** (1775-1838), incorporou-se ao Instituto Nacional de Surdos de Paris, em 1800, após ver fracassar suas tentativas para a cura da surdez. O seu trabalho consistia no treinamento da sensibilidade auditiva, na aquisição da fala e no aproveitamento dos resíduos auditivos (SOARES, 2005).

Depois dos estudos de Itard, ainda na visão da autora, outro médico francês, **Friedrich Bezold** (1842-1908), trabalhou exaustivamente na criação de um aparelho que é conhecido como escala contínua de sons. Bezold realizou uma investigação com os alunos Surdos do Instituto de surdos-mudos de Munique e percebeu que nem todos os alunos eram Surdos profundos, pois alguns possuíam resíduos que permitiam perceber os sons. A partir desses resultados, Bezold concluiu que era necessário retirar os alunos que possuíam bons resíduos auditivos das instituições de Surdos-mudos.

Quando **Laurent Clerc** (1785-1869) chegou aos Estados Unidos, em 1816, exerceu influência imediata nos professores americanos que até então nunca haviam estado na presença de um Surdo cuja inteligência e educação eram tão notáveis. Com **Thomas Gallaudet** (1787-1851), Clerc fundou, em 1817, o *American Asylum for the Deaf*, em Hartford. O êxito imediato da instituição desencadeou a abertura de novas escolas por toda parte onde havia população suficiente de Surdos. O aumento da alfabetização e da educação entre os Surdos foi tão

grande nos Estados Unidos quanto fora na França que logo foi difundida por outras partes do mundo. Em 1864, o congresso americano autorizou o funcionamento da primeira instituição de ensino superior especificamente para Surdos, o colégio Gallaudet, atualmente **Universidade Gallaudet**, em Washington. Esta é até hoje a única universidade de ciências humanas para alunos Surdos, onde a língua de instrução é a língua de sinais (SACKS, 1998, p. 35-38).

Porém, a difusão do oralismo se intensificou no século XIX, de acordo com Fernandes (2011). A autora relata que o oralismo fortaleceu suas bases em toda a Europa por meio da poderosa influência de **Adolf Hitler** (1889-1945), na Alemanha, **Benedito Mussolini** (1883-1945), na Itália, além de **Alexander Graham Bell** (1847-1922), escocês, partidário da **eugenia** que, paralelamente à invenção do telefone, trabalhou em protótipos de aparelhos de amplificação sonora para pessoas surdas.

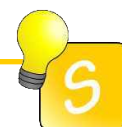
Graham Bell, cuja mãe era surda, dedicou-se aos estudos sobre a acústica e fonética e deu aulas de fisiologia da voz para Surdos na Universidade de Boston, dando prosseguimento aos trabalhos de seu pai, que também ensinava os Surdos a falarem. Lá ele conheceu a surda Mabel Gardiner Hulbard com quem se casou no ano 1877. Entre os anos 1870 e 1890, Graham Bell publicou vários artigos criticando casamentos entre pessoas surdas, a cultura surda e as escolas residenciais para Surdos, alegando que são esses fatores que colaboram para o isolamento dos Surdos na sociedade. Ele era contra a língua de sinais e afirmava que tal modalidade não propiciava o desenvolvimento intelectual dos Surdos (STROBEL, 2009, p. 25-26).

Em 1878, em Paris, aconteceu o primeiro Congresso Internacional de Surdos-Mudos. Nesse evento circulava a perspectiva de que o melhor método de ensino seria aquele que combinasse articulação labial para leitura das palavras ao uso de gestos como medida de auxílio entre professores e alunos Surdos. Porém, em 1880, no segundo congresso, em Milão, foi rechaçado o uso simultâneo de fala e do gesto e o método recomendado foi o oral puro. No ano seguinte, no congresso realizado em Bordeaux, seguiu-se a mesma linha de pensamento. A partir desse momento a filosofia oralista ganhou sobreposição a outras, sendo proibido, oficialmente, o uso das línguas de sinais. Dos congressos realizados, a perspectiva oralista era defendida como sendo a melhor maneira de o Surdo adquirir linguagem. Entretanto, nenhum deles demonstrou a preocupação em fazer com que o Surdo pudesse adquirir instrução tal como era compreendida para os normais (SOARES, 2005, p. 34-35).

A partir das decisões realizadas no 2º Congresso de Milão, começou um período difícil para a comunidade surda, pois, a língua de sinais esteve proibida de ser usada durante 100 anos. Houve a extinção das escolas para Surdos, uma vez que a existência dessas escolas manteria a língua de sinais presente e viva. Assim, durante os anos de 1880 a 1960 as ações, sobretudo as educacionais, tinham como objetivo inferiorizar os Surdos, enfatizando o que estava ausente neles frente ao modelo de educação dos ouvintes. A maior consequência dessas ações foi a perda da essência da educação dos Surdos, pois ela passou a ter foco no desenvolvimento da oralidade e fez com que a prática pedagógica se transformasse em prática terapêutica. O discurso sobre a surdez passou a ser então o da deficiência.



A Universidade de Gallaudet, situada em Washington, foi regulamentada, oficialmente, em 1864, em carta assinada pelo presidente Abraham Lincoln. Trata-se de uma instituição bilíngue, com uso da Língua de Sinais Americana e do Inglês. É a única universidade do mundo com programas e serviços especificamente projetados para Surdos. Atualmente, a instituição recebe, anualmente, cerca de 2.000 matrículas, oferecendo desde a educação básica até o doutorado, com oferta de mais de 40 cursos diferentes. Visite o site da Universidade de Gallaudet - www.gallaudet.edu/ para saber mais.



A audiometria é um exame **Eugenia** é um termo criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), significando “bem nascido”. Galton definiu eugenia como *o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente*. O tema foi bastante divulgado no final do século XX e é bastante controverso, particularmente após o surgimento da eugenia nazista, com a tentativa de criar uma sociedade em que todos seriam belos, fortes e inteligentes por meio da *pureza racial*, a qual culminou no Holocausto. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eugenia>



Saiba mais: O 2º Congresso Internacional de Surdos-Mudos, na Itália, foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro. As pessoas surdas foram excluídas da votação sobre a língua mais adequada para a sua comunicação. Somente as pessoas ouvintes tiveram direito a voto.



FIGURA 3



Coincidentemente, no mesmo ano em que aconteceu o Congresso de Milão, nasceu **Hellen Keller** (1880-1968), em Alabama, Estados Unidos. Ela ficou cega e surda aos 2 anos de idade. Aos 7 anos foi confiada aos cuidados da professora Anne Sullivan. Keller obteve graus universitários e publicou trabalhos autobiográficos. Formou-se em 1904 em filosofia, falava três idiomas (francês, latim e alemão) e ao longo da vida recebeu diversos títulos, condecorações e foi membro honorário de várias sociedades científicas e organizações filantrópicas nos cinco continentes. A história da vida de Hellen Keller pode ser vista no filme “O Milagre de Anne Sullivan”, de 1962.

Já no contexto brasileiro, até meados do século XIX não existia ainda uma ideia pública em relação à educação de pessoas surdas. De acordo com Rinaldi (1997), um pouco antes do Congresso de Milão, o professor francês **Hernest Huet**, em 1857 (Surdo e partidário de L’Epée) veio para o Brasil, a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos Surdos de nosso país: Imperial Instituto de Surdos-Mudos. O instituto iniciou suas atividades com a utilização da língua de sinais como meio de acesso aos conteúdos curriculares. A partir de então os Surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua educação e tiveram a oportunidade de criar uma língua de sinais, misturando a Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos Surdos das mais diversas localidades.

Em 1868, o ministro do Império, Fernando Torres, designou ao chefe da seção da Secretaria do Estado, **Dr. Tobias Leite**, a tarefa de elaborar um relatório minucioso sobre as condições do Instituto. O resultado do relatório foi o de que não havia ensino porque o instituto, na verdade, era uma casa que servia de asilo aos Surdos. Dr. Tobias assumiu interinamente a instituição até 1872, quando foi nomeado diretor efetivo do Instituto até 1896. Como novo diretor, Tobias Leite implementou uma série de iniciativas com o objetivo de melhorar a rotina da Instituição. Uma das metas principais foi a de oferecer o ensino profissionalizante, pois acreditava que o Surdo deveria dominar um ofício para garantir sua sobrevivência. Em sua opinião, o “*objetivo dos Institutos de Surdos não era o de formar homens de letras, mas, ensiná-los uma linguagem que os habilitasse a manter relações sociais, tirando-os do isolamento provocado pela surdez*”. Uma importante iniciativa do então diretor foi fazer a tradução de livros franceses utilizados no Instituto de Paris, a fim de suprir a necessidade de professores primários que eventualmente pudessem trabalhar com alunos Surdos (ROCHA, 2007, p. 34-41).

Segundo informações dos documentos do Instituto analisados por Rocha (2007), outra publicação de extrema relevância sobre esse tema foi realizada em 1875, quando um ex-aluno do Imperial Instituto de Surdos-Mudos, **Flausino José da Gama**, organizou a obra “Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos”, com o objetivo de divulgar a língua de sinais, definida por Flausino

como “meio predilecto dos Surdos-mudos para a manifestação dos seus sentimentos”. O sucesso do seu trabalho junto aos alunos foi reconhecido pelo então diretor, Dr. Tobias Leite.



As decisões do Congresso de Milão, em 1883, repercutiram no Instituto de Surdos-Mudos no Brasil e diversas mudanças administrativas e pedagógicas trouxeram novas dinâmicas ao Instituto, que passou a adotar, em 1911, o oralismo puro como metodologia oficial de ensino e defendida pelo **Dr. Menezes de Vieira**. Vieira argumentava a favor da adoção do método oral, uma vez que as pessoas surdas precisariam se tornar produtivas e socialmente viáveis. Dr. Vieira acreditava, também, que para os alunos Surdos aprender a falar era mais importante do que aprender a ler e escrever, já que o Brasil era um país de analfabetos (SOARES, 2005, p. 42-45).

No período em que o Brasil foi governado pelo presidente Getúlio Vargas, as transformações pelas quais passou o País também refletiram na rotina do Instituto. Dr. Armando de Paiva Lacerda e Dr. Henrique Mercaldo, dois médicos otologistas, tiveram seus trabalhos de reeducação auditiva reconhecidos no âmbito científico com a divulgação de um tratamento rigorosamente dosado, por meio de vibrações sonoras. O reconhecimento do trabalho foi tão grande, que em 1930, Vargas nomeou o Dr. Armando diretor do Instituto. Em sua gestão, Dr. Armando elaborou um plano de atendimento diferenciado que dividia os alunos entre os que tivessem aptidão para a linguagem articulada e os que só poderiam ser trabalhados pela escrita, ideia defendida em seu livro “Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo”, publicado em 1934 (ROCHA, 2007, p. 63-67).

De acordo com Rocha (2007), em 1957, ano do centenário do Instituto, sob a direção de **Ana Rímola de Faria Daoria**, foi assinado um decreto imperial, Lei nº 3.198, de 6 de julho, que mudou o nome do “Imperial Instituto dos Surdos-Mudos” para “Instituto Nacional de Educação dos Surdos” – INES – uma vez que a denominação “surdo-mudo” já não condizia com as novas concepções de surdez e de mudez.

A comunidade surda não se manteve apática e a língua de sinais sobreviveu, apesar da sua proibição, pois essa modalidade ainda era utilizada, às escondidas, pelas pessoas surdas. Entre 1960 e 1970 houve a descrição linguística da língua de sinais americana e, posteriormente, de outras Línguas de Sinais.

Sacks (1998) relata que o oralismo dominou em todo o mundo até a década de 1960, quando **Willian Stokoe** (1919-2000), publicou, em 1960, o artigo *Sign Language Structure: An Outline of the Usual Communication System of the American Deaf*, demonstrando que a *American Sign Language* (ASL), a Língua de Sinais usada pelos Surdos americanos, era tão legítima quanto as línguas orais. Essa publicação foi uma semente que gerou todas as pesquisas que floresceram nos Estados Unidos e na Europa. A comunicação utilizada pela comunidade surda começou a ser vista como instrumento para o desenvolvimento das linguagens oral e escrita nos Surdos.

No início da década de 70, com a visita de **Ivete Vasconcelos**, educadora de Surdos da Universidade Gallaudet, chegou ao Brasil a filosofia da Comunicação Total, que foi a pioneira na estimulação precoce de bebês Surdos.

O INES é reconhecido como centro de referência nacional na área da surdez, exercendo os papéis de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas nessa área. É o único em âmbito federal que ocupa importante centralidade na educação de Surdos, tanto na formação e qualificação de profissionais, por meio da Educação Superior, quanto na construção e difusão do conhecimento, por meio de publicações, eventos, cursos de extensão, assessorias em todo o Brasil. O Ensino Básico oferecido no Colégio de Aplicação, contempla a Educação Precoce (de recém-nascidos a três anos), Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, atendendo aproximadamente 500 alunos. Várias pesquisas e materiais foram desenvolvidos pelo INES para a difusão do conhecimento relacionado à educação de Surdos: Dicionário de Libras (CD-ROM), Literatura Infantil em Libras (DVDs), periódicos científicos, Música Popular Brasileira em Libras (DVDs) são alguns exemplos. Conheça um pouco mais sobre o INES, clicando no link www.ines.gov.br/

Na década seguinte, a partir das pesquisas da professora linguísta **Lucinda Ferreira**, sobre a Língua Brasileira de Sinais, e da professora **Eulália Fernandes**, sobre a educação dos Surdos, a filosofia bilíngue passou a ser difundida no Brasil com a repercussão de um movimento mundial.



Acesse o site da Feneis e conheça um pouco mais sobre a história desse importante Instituto para a Comunidade Surda <http://www.feneis.com.br/>. Pesquise sobre os projetos FotoLibras e Libras é Legal e conheça os materiais desenvolvidos pela Feneis, como o livro “Libras em Contexto”, primeiro material didático a ensinar a Libras de forma contextualizada no Brasil por meio de material impresso e vídeos elaborados pela própria Comunidade Surda.



FIGURA 4

A partir da década de 1990, importantes movimentos sociais da comunidade surda conseguiram respaldar seus direitos por meio da criação de políticas públicas brasileiras, organizadas pela busca por respeito linguístico, cultural e identitário. Tais políticas visavam melhorias na participação dos Surdos no âmbito social, profissional e educacional. A luta não parou, pois ainda há muita coisa a ser feita no que se refere aos direitos da comunidade surda. Hoje, no Brasil, existe até uma data que representa a articulação política desse grupo de pessoas – o **dia nacional do Surdo** – comemorado em 26 de setembro, data em que são relembradas as lutas históricas por melhores condições de vida, trabalho, educação, saúde, dignidade e cidadania dos Surdos.

1.2 Conceito e caracterização da surdez

A explicação sobre o conceito, classificação e caracterização da surdez permite às pessoas que se relacionam ou que pretendem conhecer, interagir, comunicar e trabalhar com pessoas surdas, a compreensão do que significa “não ouvir” na vida de uma pessoa surda. Você irá perceber que ser “Surdo” é algo mais do que simplesmente não conseguir perceber os sons.

Antes, porém, de abordarmos esse assunto, gostaríamos de lhe apresentar algumas questões para refletir:



O que você entende por surdez? O que a causa? Existe um único tipo de surdez? O que significa ser Surdo? A forma de comunicação de todas as pessoas que não ouvem é igual?

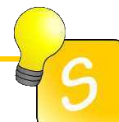
Você acredita que uma pessoa surda seja capaz de se comunicar e expressar tudo o que deseja? E ainda, você acredita que a pessoa surda possa aprender e ter acesso à escola como qualquer outra pessoa?

Você já deve ter ouvido falar na surdez como uma diminuição na capacidade de uma pessoa perceber normalmente os sons. Essa capacidade de ouvir pode ser menor ou maior para algumas pessoas. Uma pessoa pode ter perda auditiva leve e adquirir a linguagem oral naturalmente ou ter perda auditiva profunda, não sendo possível detectar nenhuma sensação auditiva verbal espontaneamente, o que geralmente acarreta a necessidade da aquisição de uma língua de sinais.

De acordo com Rinaldi (1997), a surdez pode ser congênita ou adquirida. As principais causas da surdez congênita são hereditariedade, viroses maternas, doenças tóxicas da gestante, ingestão de medicamentos ototóxicos durante a gravidez. É adquirida, também, quando existe uma predisposição genética, quando ocorre meningite, exposição a sons impactantes e viroses, por exemplo (Quadro 1). No entanto, é importante destacar que a surdez pode ser detectada desde o nascimento da criança por meio de exames **audiométricos**.



FIGURA 5



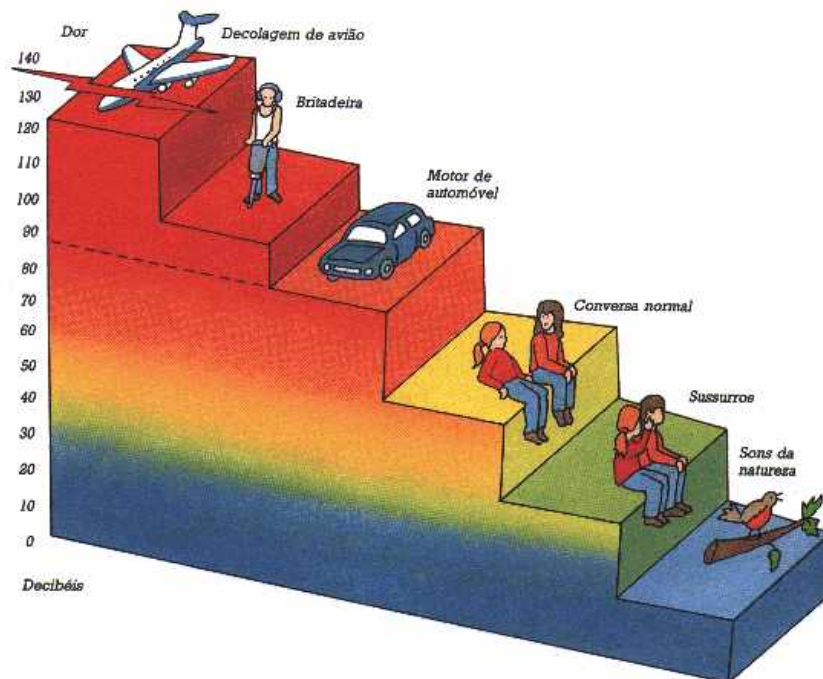
A audiometria é um exame que avalia a audição das pessoas, realizado por profissionais habilitados, como fonoaudiólogos ou otorrinolaringologistas. Os principais tipos de audiometria são a audiometria tonal, que é considerado um teste subjetivo para avaliar o grau e o tipo de perda auditiva e a audiometria vocal, que pesquisa a capacidade de compreensão da fala humana.

Quadro 1 - Causas potenciais da surdez

Causas:	Quando ocorre:	Relacionadas a:
Pré-natais	surdez provocada por fatores genéticos e hereditários, no período de gestação	desordens genéticas ou hereditárias; fatores consanguíneos, doenças infectocontagiosas (rubéola, sífilis, citomegalovírus, toxoplasmose, herpes); drogas; alcoolismo; desnutrição/subnutrição/carências alimentares; pressão alta, diabetes; exposição à radiação etc.
Perinatais	surdez provocada mais frequentemente quando surgem complicações no parto	prematuridade, pós-maturidade, anóxia, fórceps; infecção hospitalar etc.
Pós-natais	surdez provocada por doenças adquiridas pelo indivíduo ao longo da vida	meningite; sífilis adquirida; sarampo, caxumba; exposição contínua a ruídos ou sons muito altos; traumatismos cranianos etc.

Fonte: Adaptado de “Etiologia e Prevenção da Surdez” (RINALDI, 1997, p. 33-34)

Rinaldi (1997) descreve a intensidade ou volume dos sons como medida em unidades chamadas decibéis (dB). Sessenta dB é a intensidade do som de uma conversa, e 120 dB a de um avião a jato. Se uma pessoa “perder” 25 dB de volume, poderá ter dificuldades de ouvir. A perda de 95 dB pode ensurdecer totalmente uma pessoa, ao ponto dela não conseguir perceber o barulho de uma britadeira ou de uma decolagem de avião, conforme imagem abaixo.



Fonte: Níveis de decibéis (RINALDI, 1997, p. 46)

FIGURA 6

A competência auditiva é classificada como normal, perda leve, moderada, severa e profunda (Quadro 2). Para ilustrar, examinemos a tabela a seguir:

Quadro 2 – Classificação das Perdas Auditivas de Davis

Grau de Deficiência	Perda em dB
Normal	0 a 15
Leve	16 a 40
Moderada	41 a 55
Moderada Severa	56 a 70
Severa	71 a 90
Profunda	+ de 90

Fonte: “Competência Auditiva” (RINALDI, 1997, p. 46)

Como você pode perceber existem diferentes graus de surdez e a relação entre a perda auditiva e a forma de a pessoa se comunicar e interagir com o mundo irá variar substancialmente, sobretudo nos aspectos que envolvem a aquisição da linguagem e as adequações necessárias na escolarização desses sujeitos.

Quadro 3 – Relação entre a perda auditiva e suas implicações

Tipos	Implicações
Perda auditiva leve	A pessoa é capaz de perceber os sons da fala; não tem atraso na aquisição da linguagem oral; a audição é muito próxima do normal. Apresenta dificuldades em perceber igualmente os fonemas da palavra. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. O aluno pode ter dificuldade em ouvir a voz do professor e, por isso, é geralmente considerado um aluno “distraído”.
Perda auditiva moderada	A pessoa pode demorar a desenvolver a linguagem oral; apresenta alterações na articulação e compreensão da fala. Só consegue ouvir a palavra, quando esta é de intensidade forte. Tem dificuldades nas discussões em grupo e na aula, em ambientes com ruídos.
Perda auditiva severa	Não consegue perceber a palavra normalmente. Dificuldade em adquirir a fala e linguagem oral espontaneamente; não distingue os sons (fonemas) da fala. A pessoa apoia-se na leitura labial e na linguagem gestual tanto para se expressar como para compreender os outros.
Perda auditiva profunda	Nenhuma sensação auditiva verbal pode ser captada pela pessoa espontaneamente. Não adquire a linguagem oral naturalmente. A recorrência à linguagem gestual-visual é constante e fundamental para a aprendizagem. Apenas responde auditivamente a sons graves que transmitem vibração (trovão, helicóptero, avião etc.).

Fonte: Adaptado de “Caracterização dos tipos de deficiência auditiva” (RINALDI, 1997, p. 53-54)

Já em relação ao tempo em que a surdez ocorre, podemos encontrar grupos de pessoas com surdez pré-lingual e pós-lingual. A idade em que a surdez ocorre também será determinante em relação à forma como a pessoa se comunica e se relaciona como o mundo ao seu redor.

Surdez Congênita: quando o indivíduo já nasceu Surdo. Nesse caso a surdez é pré-lingual, ou seja, ocorreu antes da aquisição da linguagem.

Surdez Adquirida: quando o indivíduo perde a audição no decorrer da sua vida. Nesse caso a surdez poderá ser pré ou pós-lingual, dependendo da sua ocorrência ter se dado antes ou depois da aquisição da linguagem.

No Brasil, o Decreto 3298, de 20 de dezembro de 1999, em seu Artigo 4º, definiu a deficiência auditiva como perda parcial ou total das possibilidades auditivas sonoras, variando de graus e níveis na forma seguinte:

- a) de 25 a 40 decibéis (dB) - surdez leve;
- b) de 41 a 55 db - surdez moderada;
- c) de 56 a 70 db - surdez acentuada;
- d) de 71 a 90 db - surdez severa;
- e) acima de 91 db - surdez profunda; e
- f) anacusia (perda completa da audição. Pode ocorrer em um ou em ambos os ouvidos.)

Posteriormente, o Art. 70 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, alterou o Art. 4º do Decreto 3298 que passou a vigorar com as seguintes alterações:

Art. 4º

II - deficiência auditiva - perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz;

Por fim, o Decreto nº 5.626, em seu Art. 2º, considera pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Entendemos que esta última lei se adequa melhor ao que possa ser entendido como pelo termo “deficiente auditivo” e “Surdo”, pois apresenta uma definição que extrapola a compreensão da surdez pela quantificação da perda, como pode ser percebido também nos textos do Ministério da Educação (BRASIL, 2004, p. 10):

Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos Surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de Surdos que se define como grupo diferente de outros grupos.

Esclarecida a parte conceitual e legal que define a surdez, neste momento do nosso estudo, daremos início agora a uma discussão importante. Vale ressaltar que o que menos interessa para nós é o grau de perda auditiva ou o que causou a surdez, uma vez que passaremos

a tratar, exclusivamente, da definição exposta no Decreto 5.626, ou seja, do sujeito que *“compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Libras”*, o sujeito “Surdo”.

1.3 Os discursos sobre o Surdo: terminologias, abordagens e imaginário social



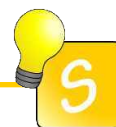
FIGURA 7

A partir deste momento, adotaremos o uso do termo “Surdo”, grafado com a inicial maiúscula. Moura (2000, p. 72) nos dará respaldo nessa opção conceitual, uma vez que estamos falando de um indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não será “caracterizado pela sua “deficiência”, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e respeito a sua diferença”.

Mas, antes de chegar ao uso desse termo precisaremos retomar alguns outros conceitos. Muitos estudos e discussões apontam que a concepção sobre o Surdo foi construída ao longo dos anos (como as que foram vistas na história das pessoas surdas apresentada anteriormente) com foco na deficiência, na caridade, na incapacidade e na indiferença.

Queremos que você conheça como o Surdo foi “inventado” em cada contexto histórico apresentado e representado por diversas terminologias, dentro de uma determinada abordagem: Surdos-mudos, deficientes auditivos, mudinhos ou simplesmente Surdos, na perspectiva clínica-terapêutica e socioantropológica. Esses termos e abordagens, muitas vezes, afetam a nossa forma de perceber e nos relacionar com o Surdo.

A pessoa com “deficiência auditiva” é representada, no imaginário social, pelo estigma da incapacidade. Segundo Cerveline (2003), quando diagnosticada a surdez, o senso comum traz uma representação daquele que não escuta, que é imediatamente assumida pela família. Assim, a representação social que se tem é do Surdo como um ser incompleto, menor e que tem dificuldades para aprender. Não está em pauta a pessoa, na condição de sujeito possuidor de um conjunto de possibilidades que ultrapassa a sua limitação auditiva.



Para conhecer um pouco da vida das pessoas surdas e de como as representações sociais afetam a nossa relação com elas, sugerimos uma boa sessão pipoca. O filme indicado é **“E seu nome é Jonas”**, de 1979, que conta a história de um menino Surdo que foi diagnosticado como deficiente mental e ficou em uma instituição durante três anos. Esse filme retrata a dificuldade de adaptação da família, as buscas por uma boa educação, a exclusão familiar e social e finalmente apresenta uma solução para o dilema: a língua de sinais como mediadora de conhecimentos e da comunicação.

E Seu Nome é Jonas



A família tem um papel primordial no desenvolvimento da criança e na inserção dela ao meio social. Em geral, a família se prepara para o nascimento de uma criança com muita emoção e ansiedade. Desde o nascimento, os pais passam por um processo de adaptação para o acolhimento do mais novo membro da família. Quando a criança nasce, os pais a cercam de afetividade, expressa por beijos, cantigas e conversas, que está presente na relação comunicativa entre pais e filhos.

Rossi (2000) relata que quando a família recebe o diagnóstico da surdez, que geralmente leva alguns meses, a relação da família com a criança muda substancialmente. Muitos pais passam a sentir pena do filho, a olharem-no com tristeza, tendendo a se culparem e, até mesmo, deixando de falar ou cantar com o filho que não escuta. Todo o contexto familiar se transforma, carregado de tensão, e muitas vezes se torna silencioso. Quando bem orientadas, as famílias buscam alternativas para o melhor desenvolvimento da criança. A primeira delas é aprender a se comunicar com ela para que a mesma não se sinta diferente e excluída na sua própria casa. No entanto, quando os pais recebem informações ou orientações inadequadas quanto ao diagnóstico, tendem a se lamentar e negar a surdez do filho por um tempo muito maior.

O descrédito dos pais está no medo de seu filho ser excluído, o que desencadeia uma ânsia pela busca de soluções para o “problema”: encontrar caminhos que possibilitem ao filho adquirir e desenvolver a linguagem oral para se integrar ao mundo dos ouvintes. Muitos pais não querem aprender a Língua de Sinais, temendo que a mesma os separe definitivamente de seus filhos, pois dificultaria o trabalho com a língua oral. Na tentativa de proporcionar ao Surdo o desenvolvimento da língua oral, os pais tentam de tudo e as crianças são convencidas a abandonar o seu mundo visual para serem “incluídas” no mundo auditivo, mesmo que isso lhe custe anos de um trabalho fonoaudiológico intenso, às vezes, acompanhado de muito sofrimento.

O fato é que muito já se discutiu sobre a visão que as pessoas têm do sujeito Surdo, e ainda hoje esse tema está em alta. A deficiência está arraigada no imaginário social que permeia o Surdo, que para muitos, é desacreditado, considerado uma pessoa inferior, rotulado pela sua deficiência e pela busca incessante em participar do mundo dos ouvintes que lhe é apresentado como a única forma de se tornar um cidadão produtivo e capaz.



O termo ouvintismo refere-se ao processo pelo qual os ouvintes definem e tentam mudar a cultura surda. O termo sugere uma forma particular específica de colonização dos ouvintes sobre os Surdos e supõe representações, práticas de significação etc., em que os Surdos são vistos como sujeitos inferiores, primitivos e incompletos.

No modelo **clínico-terapêutico**, a surdez é considerada uma “deficiência auditiva” limitada à quantificação da perda auditiva e tal postura sugere a redução ou ausência da capacidade de ouvir. Nesse modelo, segundo Skliar (1997), o Surdo é considerado uma pessoa que não ouve e, portanto, não fala. Existe, assim, uma tendência em perceber a surdez como uma deficiência, pois o sujeito Surdo precisa ser “normalizado”, ou seja, é preciso tornar a sua vida a mais parecida possível com a dos ouvintes “normais”. Skliar (1998, p. 7) define esse conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o Surdo é obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte como “Ouvintismo”:

Para Skliar (1997, p. 112-113), a visão clínico-terapêutica “entende a surdez estritamente relacionada com a patologia, com o *déficit* biológico, com a surdez do ouvido, e se traduz educativamente em estratégias e recursos de índole reparadora e corretiva”. Esse autor ressalta que, com base nessa

visão, a surdez afetaria de um modo direto a competência linguística das crianças surdas, estabelecendo, assim, uma equivocada identidade entre a linguagem e a língua oral, sendo a noção de desenvolvimento cognitivo condicionada ao maior ou menor domínio que as crianças surdas adquirem da língua oral.



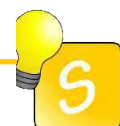
FIGURA 8

Nessa perspectiva, o objetivo do currículo escolar é dar ao sujeito Surdo o que lhe falta: a audição, e seu derivado: a fala. “Nesse olhar-se e nesse narrar-se é que acontecem as percepções do ser ‘deficiente’, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais” (SKLIAR, 1998, p. 15). Medicalizar a surdez significa orientar toda a atenção para a cura do “problema” auditivo, para a correção de defeitos da fala, para o treinamento de certas habilidades menores, mais do que a interiorização de instrumentos culturais significativos, como a Língua de Sinais.

Ao converter a educação a um caráter terapêutico, busca-se a reeducação e a compensação das pessoas com algum tipo de deficiência, vistas como educativamente incompletas, dependentes de outras pessoas, incapazes de trabalhar e isentas de deveres naturais a qualquer cidadão, como a única forma capaz de integrá-los à normalidade vigente.

Além disso, é necessário esclarecermos outra questão – a nomenclatura utilizada pelas pessoas em geral ao “nomear” o sujeito Surdo. As terminologias estão arraigadas à concepção que se tem da pessoa surda.

Sassaki (2005) ao discutir sobre a nomenclatura na área da surdez, coloca a questão: “quanto à pessoa do Surdo, como nos referiremos a ela? Surda? Pessoa surda? Deficiente auditiva? Pessoa com deficiência auditiva? Portadora de deficiência auditiva? Portadora de surdez?”. O autor propõe que “paremos” de dizer ou escrever a palavra “portadora” como substantivo e como adjetivo. A condição de ter uma deficiência faz parte da pessoa, essa não “porta” a sua deficiência. Ela tem uma deficiência. Tanto o verbo “portar” como o substantivo, ou adjetivo “portador” não se aplicam a uma condição inata ou adquirida que está presente na pessoa. Sassaki ainda



A expressão “Surdo-mudo” é, provavelmente, a mais antiga e incorreta denominação atribuída ao Surdo, e ainda utilizada em certas áreas e divulgada nos meios de comunicação, principalmente na televisão, em jornais e no rádio. O fato de uma pessoa ser surda não significa que ela seja muda. A mudez é uma outra deficiência, sem conexão com a surdez. São minoria os Surdos que também são mudos. O Surdo pode aprender a falar por meio de exercícios fonoaudiológicos, aos quais chamamos de Surdos oralizados. Também é possível que um Surdo nunca tenha falado, sem que seja muda, apenas por falta de exercício. Por essa razão, o Surdo só será também muda se, e somente se, for constatada clinicamente a deficiência no aparelho fonador, impedindo-o de emitir sons.

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Surdo-mudo>> Acesso em 18 dez. 2012.

comenta que a origem dessa diversidade de termos está no grau da audição afetada.



Para você, qual seria a terminologia mais adequada para se referir às pessoas surdas? Até este momento, qual terminologia você costumava usar? Faça uma busca rápida pela internet e observe quais termos são utilizados!

Os termos “deficiente auditivo”, “Surdo-mudo” e “pessoa com surdez” são comumente utilizados na área clínica, por médicos e fonoaudiólogos, em função dos trabalhos estarem relacionados aos “problemas auditivos” e aos processos de reabilitação da audição e da fala. No entanto, a Comunidade Surda defende a utilização do termo “Surdo”, uma vez que os termos anteriores sugerem um rótulo ligado à incapacidade de o sujeito ouvir ou como se uma pessoa surda fosse deficiente em todas as áreas. A deficiência é vista, então, como um fardo que o Surdo carregará para o resto da vida. Ao “cristalizar” a deficiência à constituição do Surdo como sujeito, inicia-se uma busca incessante desse sujeito em participar do mundo ouvinte, busca essa acompanhada, na maioria das vezes, por conflitos e sofrimentos, pela negação da sua cultura e identidade, permanecendo a ideia de que somente a “integração” com o mundo ouvinte possibilitará a esse sujeito ser um cidadão “normal”, produtivo e participativo.



FIGURA 9

Para Skliar (1998, p.13) existe uma diferença crucial entre entender a surdez como uma deficiência e entendê-la como uma diferença, por isso, o autor propõe o reconhecimento político da surdez como uma diferença e admite as especificidades da pessoa surda.

Esse autor entende “a diferença (...) não como espaço retórico, mas como uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre os Surdos”.

A Comunidade Surda se pauta por uma atitude diferente frente ao déficit, já que não leva em consideração o grau de perda auditiva entre seus membros. A participação na comunidade surda se define pelo uso da Língua de Sinais, pelo sentimento de identidade grupal, pelo autoconhecimento e identificação como Surdo, o reconhecimento como diferentes (...) fatores estes que levam a redefinir a surdez como diferença e não como deficiência. A Língua de Sinais anula a deficiência e permite que os Surdos constituam, então, uma comunidade linguística minoritária diferente e não em desvio da normalidade (SKLIAR, 1997, pp. 143-144).

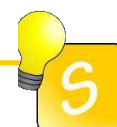
Assim, ao contrário do que foi pensando por tantos séculos, a surdez não implica, obrigatoriamente, prejuízo ou limitação intelectual, psicológica e/ou física, muito menos em desvio de conduta. Segundo Góes (2002), não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, tudo depende das possibilidades oferecidas pela família para o desenvolvimento humano e a comunicação do Surdo.

Fernandes (1990, p. 38) aponta que “a surdez é uma deficiência não visível fisicamente e se limita a atingir uma pequena parte da anatomia do indivíduo. Suas consequências são extraordinárias no que concerne ao desenvolvimento emocional, social e educacional do Surdo”.

Para Góes (2002, p. 35), “a deficiência não torna a pessoa um ser que tem possibilidades menos; ela tem possibilidades diferentes”. Nessa percepção a deficiência não deve ser concebida como uma falta ou fraqueza, pois a pessoa pode encontrar, a partir das suas relações sociais, outras formas de se desenvolver com base em recursos distintos daqueles tipicamente acessíveis na cultura.

Alguns autores como Skliar (1997), Perlin (1998) e Sá (2006) defendem uma visão **socioantropológica** da surdez, na qual a surdez é vista como uma diferença que se constitui histórica e socialmente, caracterizando-se como uma experiência visual-gestual que necessita ser aceita e respeitada. Assim, Skliar (1998, p. 11) apresenta um conceito de surdez que tem por base quatro níveis diferenciados, porém politicamente interdependentes: a surdez como diferença política, como experiência visual, caracterizada por múltiplas identidades e, finalmente, localizada dentro do discurso da deficiência.

Nessa perspectiva, não há preocupação em negar as diferenças, mas fazer com que o Surdo assuma o seu papel como cidadão brasileiro, em condições de participar ativamente da sociedade, o que requer uma visão para além dos subterfúgios teóricos e terminológicos, considerando as suas peculiaridades na inclusão social e na práxis escolar.



Skliar não restringe o visual a uma capacidade de produção e compreensão, especificamente, linguística ou a uma modalidade singular de processamentos cognitivos. Experiência visual envolve todo tipo de significações ou produções, seja no campo intelectual, linguístico, ético, estético, artístico, cognitivo, cultural etc.

Para Skliar (1998), existe a possibilidade de estar sempre buscando e propondo novas potencialidades para o sujeito Surdo, bem como conhecendo como se processa a apropriação dessas potencialidades, seja no contexto político, social e escolar de base inclusivista, sem, entretanto, se esquivar da importância desse sujeito como agente de transformação como um todo no meio social.

Essa abordagem possibilitou um novo olhar sobre a Comunidade Surda, pois considerou o Surdo como participante de uma comunidade linguística diferente, com identidade e valores culturais próprios, tendo a Língua de Sinais como língua natural. Nessa perspectiva, a compreensão da surdez vai além dos aspectos físico-biológicos e preocupa-se com o desenvolvimento da identidade, da cognição, da cultura e da língua do Surdo, tomando por referência as suas diferenças e não a sua “deficiência”. Ao tomarmos por base essa abordagem, damos início a um espaço aberto para lutas, conquistas e respeito aos direitos do Surdo como cidadão brasileiro e do mundo.

Vamos finalizar essa parte do estudo com um poema de Carlos Drummond Andrade...

IGUAL-DESIGUAL

Eu desconfiava: todas as histórias em quadrinho são iguais.
Todos os filmes norte-americanos são iguais.
Todos os filmes de todos os países são iguais.
Todos os best-sellers são iguais.
Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.
Todos os partidos políticos são iguais.
Todas as mulheres que andam na moda são iguais.
Todas as experiências de sexo são iguais.
Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e rondós são iguais e todos, todos os poemas em versos livres são enfadonhamente iguais. Todas as guerras do mundo são iguais.
Todas as fomes são iguais.
Todos os amores, iguais iguais iguais.
Iguais todos os rompimentos.
A morte é igualíssima.
Todas as criações da natureza são iguais.
Todas as ações, cruéis, piedosas ou indiferentes, são iguais.
Contudo, o homem não é igual a nenhum outro homem, bicho ou coisa.
Não é igual a nada.
Todo ser humano é um estranho ímpar.



O que você entendeu do poema? O que ele tem a ver com a nossa visão sobre o(s) Surdo(s)? Para você, os Surdos são diferentes ou cada um tem uma forma particular de ser e agir neste mundo?

1.4 A Língua de Sinais e a constituição da identidade e da cultura dos sujeitos Surdos

Dando prosseguimento ao estudo da disciplina, retomaremos a questão da família, pois ela será o primeiro elo de comunicação entre a criança surda e o mundo. De fato, ao tomar conhecimento da surdez do filho, os pais se desorganizam emocionalmente. O sentimento de culpa, por um bom tempo, impossibilita a aceitação da surdez, mas, aos poucos, os pais vão buscando orientações que os ajudarão a entender que a surdez tem características culturais próprias e que se o Surdo for estimulado a se comunicar desde cedo, poderá se desenvolver como qualquer criança. Cabe aos pais possibilitar à criança o desenvolvimento de sua linguagem natural, despertando nela a necessidade de se expressar e se comunicar. Para isso, a criança precisa estar num ambiente afetivo, com experiências positivas, que a faça sentir capaz, nunca a deixando à margem das práticas comunicativas.



FIGURA 10

Sacs (1998) aponta que a mãe, principalmente, detém o poder de se comunicar com o filho ou não. Aquelas mães que introduzem no mundo da criança objetos individuais, estáticos, rotulados, um diálogo empobrecido, levam seu filho à constrição intelectual, à passividade e à timidez. Já aquelas que incentivam a formação de um mundo conceitual, que realça um mundo perceptivo, elevando a criança ao nível do símbolo e do significado, num diálogo criativo, desperta sua imaginação e sua mente, desenvolve sua autossuficiência, espírito brincalhão, humor que a acompanharão pelo resto da vida.

O desenvolvimento da linguagem é fundamental na comunicação e tem ligação direta com a organização do nosso pensamento e cognição. Ela é fundamental na nossa relação com o mundo e com nós mesmos. É ela que fornece os conceitos, as formas de organização real, a mediação entre o sujeito e o conhecimento. Isto é, a linguagem não representa apenas a comunicação; significa a regulação do pensamento e é um fenômeno profundamente histórico e social.

Daí decorre a importância de, desde cedo, a criança ter contato com a Língua de Sinais para o seu desenvolvimento linguístico, uma vez que a sua língua natural será a base do aprendizado de outras línguas e isso inclui a escrita e, até mesmo, a língua oral. Caso contrário, o desenvolvimento da pessoa surda pode ser comprometido.

No entanto, as crianças surdas são, em sua maioria, filhas de pais ouvintes. Assim, por mais que eles se esforcem, é muito difícil elaborarem atividades que proporcionem a essa criança uma resposta visual, pois a língua materna dos pais é a língua oral. A interação com o mundo por meio de recursos visuais é fundamental para o Surdo, pois é por meio do uso desses recursos que ele consegue construir e desenvolver a sua própria identidade.

De acordo com Skliar (1997, p. 132), a maioria das crianças surdas, filhas de pais ouvintes – 95% ou 96% – não tem a mesma possibilidade de desenvolvimento que os filhos de pais Surdos; ao contrário, essas crianças crescem e se desenvolvem dentro de uma família ouvinte que geralmente desconhece ou, se conhece, rejeita a Língua de Sinais. A desvantagem em que vivem os filhos Surdos de pais ouvintes é percebida já nas primeiras interações comunicativas. Essas interações apresentam características críticas, originadas pelo tipo de informação que os pais recebem durante e depois do diagnóstico de surdez de seus filhos e que modificam, substancialmente, o curso natural de suas expectativas de comunicação, sobretudo no que se refere à modalidade de expressão e ao momento em que as interações evoluem.

De acordo com Fernandes (2011), é fundamental considerarmos, para o desenvolvimento das crianças surdas, a exposição delas em ambientes linguísticos variados que possibilitem experiências linguísticas muito diferentes. As crianças surdas, filhas de pais Surdos, devido ao ambiente linguístico adequado, onde circula uma língua que não oferece barreiras ao seu aprendizado e à sua interação, adquirem de forma espontânea a Língua de Sinais de modo semelhante ao que acontece entre as crianças ouvintes e a linguagem oral falada em sua família.



O Surdo pode desenvolver a língua oral e fazer uso da leitura labial desde que receba acompanhamento fonoaudiológico específico que tenha início logo na infância. No entanto, o processo de aquisição da língua oral pelo Surdo não acontece da mesma forma como para uma pessoa que ouve. A aquisição da oralidade para o Surdo não é um processo natural, como é, de fato, o aprendizado da Língua de Sinais. É um processo sistemático e contínuo e dependerá de uma escolha da família e da pessoa surda.

Ao pensarmos nos Surdos congênitos, por exemplo, podemos constatar que eles são muito prejudicados em relação à aquisição não só da língua (especialmente se tem pais ouvintes), mas, também do conhecimento. Esse tipo de Surdo não tem contato natural com a língua que as crianças ouvintes têm antes mesmo de chegarem à escola: as conversas entre as pessoas, os sons em geral, como por exemplo, os sons dos programas de televisão, do rádio, de casa, etc. Para Sacks (1998, p. 41), isso acontece também em relação ao conteúdo da educação de crianças com surdez congênita, que pode ser considerado pobre, se comparado ao conteúdo que faz parte das práticas de crianças ouvintes: gasta-se muito tempo ensinando as crianças surdas a falarem e sobra pouco tempo para ensinar a elas conteúdos necessários à ampliação de sua cultura, ao desenvolvimento de habilidades ou de qualquer outro aspecto que contribuirá para que essa criança se torne um adulto participativo e cidadão.

De acordo com Sacks (1998, p. 43-44), as pessoas surdas não mostram nenhuma inclinação para falar. Falar é uma habilidade que precisa ser ensinada a elas, e constitui um trabalho de anos. Por outro lado, elas demonstram uma inclinação imediata e acentuada para a língua de Sinais que, sendo uma língua visual, é para essas pessoas totalmente acessível. Assim, as crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na Língua de Sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for aprendida, tudo então pode decorrer: livre intercuro de pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e escrita e, talvez, da fala. Não há indícios de que o uso de uma Língua de Sinais iniba a aquisição da fala. De fato, provavelmente, ocorre o inverso.



FIGURA 11

Assim, acreditamos que ao adquirirem a Língua de Sinais, isto é, a língua visual-gestual como primeira língua, a criança surda terá menos dificuldade para a aquisição de uma segunda língua na modalidade oral-auditiva devido ao seu conhecimento internalizado do funcionamento de uma língua que foi aprendida pelo processo natural, ou seja, espontaneamente.

Lara (2003), tendo realizado uma pesquisa abordando o processo formal de educação de pessoas surdas adultas, concluiu com base nos dados obtidos que os Surdos obtiveram sucesso na escola porque, basicamente, têm uma família que os apoia, incentiva e os orienta em todos os momentos. Além disso, esses Surdos são possuidores de uma situação econômica que lhes possibilitou o acesso aos recursos necessários e, também, porque foram encaminhados precocemente ao atendimento, inclusive ao atendimento educacional adequado, conforme sua capacidade e necessidade.

Acreditamos que o aprendizado de qualquer língua, seja ela na modalidade oral/auditiva ou visual/gestual, acontece pelo uso social da língua, ou seja, por meio da interação com as pessoas, falantes nativos, e que o aperfeiçoamento e a fluência nessas modalidades são adquiridos por meio da prática e do uso constante da língua.

As pessoas surdas têm a Língua de Sinais, ou a língua visual-gestual, como língua natural de comunicação e é por meio dela que a maioria dos Surdos tece as suas relações com o mundo. Para Sacks (1998, p.136), a Língua de Sinais existe e sustenta-se sobre dois pilares: o biológico e o cultural:

(...) aquilo que a distingue, seu “caráter”, é também biológico, pois se alicerça nos gestos, na iconicidade, numa visualidade radical que a diferencia de todas as línguas faladas. A língua emerge (biologicamente) de baixo, da necessidade irreprimível que tem o indivíduo humano de pensar e se comunicar. Mas ela também é gerada, e transmitida (culturalmente) de cima, uma viva e urgente incorporação da história, de visões de mundo, das imagens e paixões de um povo. A Língua de Sinais é, para os Surdos, uma adaptação única a outro modo sensorial; mas é também, e igualmente, uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas.

Assim, Sacks (1998, p.135) aponta para o fato de que “a surdez por si só não é o problema; o problema surge com o colapso da comunicação e da linguagem” uma vez que, se não forem alcançadas as condições comunicativas adequadas, se a criança surda não for exposta a condições de linguagem e diálogo saudáveis, muitos problemas linguísticos, intelectuais, emocionais e culturais podem ser observados. Assim, o desenvolvimento de uma Língua de Sinais, cuja aquisição se processa de maneira natural com o sujeito Surdo, será a base para a aquisição de uma segunda língua, pois tal aquisição possibilitará a esse sujeito as condições necessárias para o desenvolvimento de sua cognição, de sua autoestima e de sua identidade.

Em outras palavras, estamos defendendo uma forma de se “conectar” com o mundo, ou seja, de desenvolver uma linguagem, de forma que o Surdo possa se sentir pertencente ao mundo. Quando adquirimos uma língua nós temos acesso às informações, à cultura, à história etc. O processo de aquisição de uma língua é fundamental e deveria ser natural para todos. Não tem sentido para nós, nascidos no Brasil, adquirirmos o russo como primeira língua, por exemplo. A nossa língua natural e espontânea é a Língua Portuguesa. Assim como é natural e espontâneo para o Surdo, a aquisição da Língua de Sinais para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Como você deve ter observado ao ler a história das pessoas surdas, essa língua, tão importante e fundamental para o desenvolvimento da comunicação e do aprendizado, permaneceu por muitos anos ignorada e/ou proibida. Mas ela não foi esquecida e continuou viva nas mãos dos

Surdos, que continuaram a lutar e a reivindicar o direito de utilizarem sua língua natural de comunicação, tendo sua cultura e identidade como bases.

Assim, conceitos como os de cultura surda, identidade surda e Língua de Sinais passarão a fazer parte do nosso estudo. Tais conceitos são essenciais para refletirmos sobre a constituição do sujeito Surdo. Neste momento é importante lembrarmos que cada sujeito é único e as experiências de vida também são particulares. Cada um possui formas diferentes de agir e interagir com o mundo que o cerca. Assim como os ouvintes, os Surdos não são todos iguais.

Em primeiro lugar, gostaríamos que você refletisse: quem são os Surdos?

Os Surdos são pessoas que se identificam enquanto surdas. Surdo é o sujeito que apreende o mundo por meio de experiências visuais e tem o direito e a possibilidade de apropriar-se da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento e garantir o trânsito em diferentes contextos sociais e culturais. A identificação dos Surdos situa-se culturalmente dentro das experiências visuais. Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de Surdos que se definem enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes (BRASIL, 2004, p. 10).



Você já ouviu falar em Emmanuelle Laborit? Emmanuelle é uma atriz francesa, surda, nascida em 1971, diretora do Teatro Visual Internacional. Escreveu o belíssimo livro – O grito da gaivota, onde retrata as suas lembranças de infância, sua difícil adolescência e o início da sua idade adulta autônoma. Neste livro ela relata: Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou Surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta, é a sociedade que me torna excepcional.

Salles (2007, p. 40-41) explica que pelo fato de Surdos e ouvintes encontrarem-se imersos, normalmente, no mesmo espaço físico e partilharem de uma cultura ditada pela maioria ouvinte, como é o caso do Brasil, Surdos e ouvintes, compartilham uma série de hábitos e costumes, ou seja, aspectos próprios da cultura surda, mesclados com aspectos próprios da cultura ouvinte, decorrendo daí, a necessidade de entendermos o conceito de cultura surda, dentro de um contexto multicultural.

Assim, ao longo dos séculos os Surdos foram formando uma cultura própria centrada principalmente em sua forma de comunicação. Em quase todas as cidades do mundo vamos encontrar associações de Surdos que se reúnem e convivem socialmente. Para Moura (2000, p. 66-67) a cultura não é vista como estando relacionada à etnia, à nação ou à nacionalidade, mas como um lugar de direitos coletivos para determinação própria de grupos. Nessa visão multicultural podemos pensar em diferenças culturais que podem revelar os aspectos relacionados ao comportamento, aos valores, às atitudes, aos estilos cognitivos e às práticas sociais. Com relação ao Surdo podemos verificar variações nos aspectos de comportamento linguístico, de valores e atitudes nos quais a surdez não é vista como doença, mas como diferença. Os Surdos são pessoas que possuem uma determinada forma de perceber o mundo, pela via visual, e de compartilhar práticas sociais que se estabelecem pela forma como eles lidam com a linguagem. Sendo assim, a **Cultura Surda** não deve ser vista como diversidade a ser defendida e mantida fora do contexto social mais amplo, mas deve ser entendida, sim, como existente e, por isso, deve ser necessariamente respeitada.

Ainda na visão da autora, há muitos anos os Surdos reivindicam o respeito a sua cultura e o direito de ter um lugar dentro de outras culturas, sobretudo porque os Surdos têm experiências diferentes daquelas pertencentes à cultura ouvinte, sobretudo a língua e tudo o que implica o uso da comunicação no dia a dia. Eles têm uma história que se destaca em muitos aspectos da vida pública, da educação, do desenvolvimento de suas comunidades e possuem regras próprias de comportamento, costumes e tradições. O movimento Surdo não busca uma uniformização de identidades culturais Surdas, nem tampouco que a cultura ouvinte seja desprezada ou considerada como não válida, mas eles reivindicam o direito de uso da sua Língua e o contato com seus pares em espaços públicos.

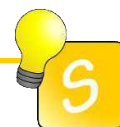
Esse contato com seus semelhantes, do Surdo que se identifica como Surdo, possibilita ricas trocas de conhecimento sobre sua história, sua língua, fortalece a sua cultura e identidade. Assim, arraigado ao conceito de cultura Surda está o de **Identidade Surda** que, na visão de Perlin (1998), se constitui no interior da cultura surda, na relação com o outro. Assim, as identidades surdas são plurais, em construção, fragmentadas, onde o Surdo passa a ser Surdo através de sua experiência visual.

De acordo com Moura (2000), esse conceito é construído no contato com a **Comunidade Surda**, que pode ser entendida como o lugar onde os Surdos se encontram e se sentem à vontade, entre iguais, seja na escola, em clubes, associações, eventos esportivos, festas de Surdos etc. Nesses locais, ele pode esquecer completamente a surdez, que é anulada e não pode ser usada como instrumento de discriminação contra ele e, principalmente, onde ele não precisa ser excluído ou diferente.



FIGURA 12

Assim, tentamos deixar claro até este momento que os Surdos se organizam em comunidades, onde o fator principal de agregação é a utilização de uma língua de sinais, onde sua Identidade, Cultura e Língua não são repreendidas, onde eles possam se expressar da maneira mais conveniente a eles.



Os Surdos foram perseguidos, vigiados e punidos após o Congresso de Milão. Qualquer manifestação por sinais foi reprimida, a cultura surda foi “amordaçada”. Muitos Surdos tinham suas mãos amarradas, para que não utilizassem a língua de sinais. Outros relatam que apanhavam nas mãos com réguas ou palmatórias, a cada vez que se manifestavam gestualmente.

No entanto, não podemos utilizar esses conceitos como um caminho para a exclusão ou para o isolamento do grupo de pessoas Surdas, em contraposição ao conceito de sociedade. Afinal, defendemos a inclusão do Surdo em todos os espaços e para que essa inclusão de fato exista, pressupomos o convívio e o respeito entre as pessoas. Outras pessoas “não surdas” participam da Comunidade Surda, como filhos ouvintes de pais Surdos, pais ouvintes de filhos Surdos, amigos, familiares e profissionais de diversas áreas, mantendo relações permanentes e significativas com eles.

Por fim, o entendimento desses conceitos é fundamental para que o Surdo, desde a sua infância, se reconheça como diferente e não como uma pessoa limitada, deficiente e incapaz.

1.5 Abordagens educativas para alunos Surdos



FIGURA 13

A contextualização cultural das comunidades surdas se baseia nos vários grupos de pessoas surdas existentes no Brasil, com diferentes particularidades, tais como os Surdos oralizados, Surdos usuários de Libras, Surdos pré-linguais, pós-linguais, índios Surdos, etc. Todos esses grupos têm maneiras diferentes de se comunicar (Libras, língua de sinais indígena, mímicas, oralidade, escrita, bilinguismo), tudo isso para diferenciar as relações linguísticas, históricas, sociais e culturais desses sujeitos se manifestarem e situarem-se no (e com) o mundo.

Dando prosseguimento ao conteúdo, não poderíamos deixar à margem a discussão sobre as abordagens educativas que predominaram e ainda hoje envolvem o contexto educacional das pessoas surdas. Como vocês puderam perceber, em cada momento histórico, os Surdos foram representados e vistos de diferentes maneiras, ocupando papéis ora expressivos, ora marginalizados. O ponto central de toda essa discussão que envolve o método “mais adequado” para o Surdo se desenvolver, aprender e se relacionar com a sociedade é controverso entre os estudiosos, professores e Surdos, em cada época. O fato é que o método está relacionado às questões de natureza linguística. Seria a Língua de Sinais a mais apropriada? O desenvolvimento da língua oral? A combinação de ambas? Ou a utilização de vários recursos comunicacionais?

Como vocês puderam perceber na história dos Surdos, em 1880, no 2º Congresso Internacional de Ensino de Surdos-Mudos, em Milão, foi aprovado o método oral puro para o ensino dos Surdos e a comunicação por meio de sinais foi proibida. Os Surdos foram obrigados a aprender a falar e o processo pedagógico, isto é, a aprendizagem dos conteúdos escolares, foi colocado em último plano.

De acordo com Quadros (1997, p. 22), basicamente, a proposta “**Oralista**” fundamenta-se na “recuperação” da pessoa surda, chamada de “deficiente auditivo”, não sendo permitido que a Língua de Sinais seja usada no processo educativo e no ambiente familiar, desconsiderando as questões relacionadas à cultura e à Comunidade Surda.

Segundo Capovilla e Raphael (2001), o “**Oralismo**” é uma filosofia educacional para Surdos, que enfatiza abordagens para o desenvolvimento da fala e a amplificação da audição e que rejeita, de maneira explícita e rígida, qualquer uso da Língua de Sinais.

A proposta oralista desconsidera as especificidades pertinentes às pessoas surdas. O seu objetivo é “integrar” a criança surda ao mundo ouvinte, por meio da língua oral. Tal método valoriza a utilização de próteses na reeducação auditiva, inclusive na dos Surdos profundos, para estimular os resíduos auditivos por meio da amplificação dos sons. Segundo Dorziat (1997), a aprendizagem da fala é ponto central e para desenvolvê-la algumas técnicas específicas são utilizadas:

Treinamento auditivo: estimulação auditiva para reconhecimento e discriminação de ruídos, sons ambientais e sons da fala, geralmente com a utilização de aparelhos de amplificação sonora individual (AASI).

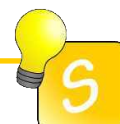
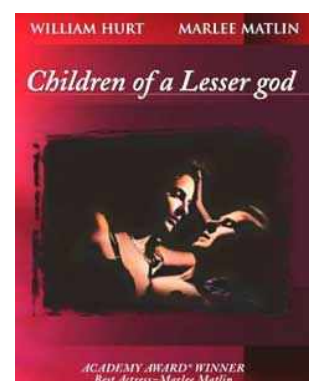
Desenvolvimento da fala: exercícios para a mobilidade e tonicidade dos órgãos envolvidos na fonação (lábios, mandíbula, língua) e exercícios de respiração e relaxamento.

Leitura labial: treino para a identificação da palavra falada por outra pessoa por meio dos movimentos dos lábios (leitura labial) aliados à expressão facial. Alguns obstáculos da leitura labial: deficiência visual, distância, posição de quem fala, má articulação, fonemas homógrafos, entre outros.

No que se refere ao processo de ensino e aprendizagem com a utilização da filosofia oralista, a criança apresenta sérias restrições em relação ao desenvolvimento cognitivo e escolar, uma vez que a principal fonte para captar as informações é a leitura labial e a leitura dos textos. Nesse sentido, Quadros (1997, p. 23) aponta que de acordo com uma pesquisa realizada nos Estados Unidos foi constatado que, apesar do investimento de anos da vida de uma criança surda na oralização, ela somente é capaz de captar, através da leitura labial, cerca de 20% da mensagem e, além disso, sua produção oral, normalmente, não é compreendida por pessoas que não convivem com ela. Sacs (1998 p. 41) aponta ainda que “o oralismo e a supressão da Língua de Sinais acarretaram uma deterioração marcante no aproveitamento educacional das crianças surdas e na instrução dos Surdos em geral”.

Esse autor ainda relata que a filosofia oralista dominou em todo o mundo até a década de 1960, quando Willian Stokoe publicou, em 1960, o artigo *Sign Language Structure: An Outline of the Usual Communication System of the American Deaf*, demonstrando que a *American Sign Language* (ASL), a Língua de Sinais usada pelos Surdos americanos, era tão legítima quanto as línguas orais.

Com o passar do tempo, a filosofia educacional oralista passou a ser amplamente criticada. Conforme afirma Góes (2002, p. 40), esse trabalho



Vamos a mais uma sessão pipoca! Busque nas informações na internet sobre o filme “Filhos do Silêncio”, de 1986. Este filme recebeu quatro indicações ao Oscar da Academia e ganhou o de melhor atriz para **Marlee Matlin**, atriz surda, norte americana. Narra a história de amor de John Leeds, um idealista professor de Surdos e uma decidida moça surda, chamada Sarah. No início, Leeds vê Sarah como desafio à sua didática. Mas logo o relacionamento dos dois transforma-se num romance tão apaixonal que rompe a barreira do silêncio que os separa.



A leitura labial é uma tarefa muito difícil para o Surdo, pois exige extrema atenção aos movimentos da boca. Ao realizar a leitura labial, o Surdo não pode desviar o olhar da boca do interlocutor. O interlocutor, por sua vez, não pode sequer virar o rosto. É muito comum a ideia de que falar de frente para o Surdo, ou falar devagar, fará com que ele entenda tudo o que é dito. Esse entendimento é equivocado, na medida em que nem todo Surdo faz uso da leitura labial, e, mesmo os que a utilizam, não compreendem 100% do que está sendo dito.



O Bimodalismo consiste no uso simultâneo de sinais e da fala, obedecendo à estrutura da língua oral. Essa proposta é criticada por Quadros (1997), que esclarece que não é possível efetuar a transliteração de uma língua falada em sinal, palavra por palavra ou frase por frase – as estruturas são essencialmente diferentes. Quando se usa o bimodalismo ou o português sinalizado, desconsideramos a Língua de Sinais e sua riqueza estrutural e desestruturamos também a Língua Portuguesa.

educacional, ao invés de eliminar a desigualdade entre Surdos e ouvintes, faz com que elas sejam acentuadas, dificulta ganhos nas esferas linguística e cognitiva, por exigir que o Surdo incorpore a linguagem numa modalidade a qual não pode ter acesso natural. E nessa tentativa de impor aos Surdos a língua oral, reduzem-se as possibilidades de trocas sociais e de desenvolvimento linguístico e cognitivo dos Surdos.

O Oralismo prevaleceu de forma predominante até meados da década de 1960, quando surgiu uma nova filosofia educacional: a “**Comunicação Total**”, que consiste, na visão de Dorziat (1997), em uma proposta flexível no uso de meios de comunicação oral e gestual. Esse método não explicita claramente os procedimentos de ensino, caracterizando-se, basicamente, pela aceitação de vários recursos comunicativos com a finalidade de ensinar a língua majoritária e promover a comunicação. Freeman, Carbin e Boese (1999, p. 171) definem a Comunicação Total da seguinte forma:

A Comunicação Total inclui todo o espectro dos modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, Língua de Sinais, fala, leitura oro-facial, alfabeto manual, leitura e escrita. A Comunicação Total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura oro-facial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais e/ou sistemas de alta fidelidade para amplificação em grupo.

Essa filosofia defende a ideia de que o Surdo pode e deve utilizar todas as formas de comunicação possíveis, tais como gestos naturais, português sinalizado, alfabeto datilológico, oralidade, leitura labial, leitura e escrita, entre outros, tudo isso visando ao desenvolvimento linguístico. A base desse tipo de comunicação é o uso concomitante de dois recursos – a fala e os gestos. O problema reside no fato de que os sinais são utilizados apenas como recurso instrumental para a aprendizagem da língua majoritária, e não como língua.

Dorziat (1997) aponta que o grande problema dessa filosofia é a mistura de duas línguas – a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais – o que resulta numa terceira modalidade: o português sinalizado, em que ocorre a introdução de elementos gramaticais de uma língua na outra. Essa prática recebe, também, o nome de “Bimodalismo” e inviabiliza o uso adequado da Língua de Sinais na sua estrutura própria.

Segundo Quadros (1997), essas duas primeiras abordagens (o Oralismo e a Comunicação Total) caracterizam a maior parte da educação dos Surdos no Brasil. Embora ainda hoje, em algumas escolas, exista a utilização do Oralismo e da Comunicação Total na educação de Surdos, hoje, já é possível perceber, em instituições, anteriormente comprometidas com uma visão oralista e bimodalista, uma maior abertura para a utilização da Língua de Sinais em seus espaços, apoiados em trabalhos educacionais bilíngues, os quais postulam a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua. Para Quadros (1997), a utilização dessa filosofia se configura em uma terceira fase, que se caracteriza como um período de transição – a proposta educativa bilíngue.

Quadros (1997) defende que o “**Bilinguismo**” é uma proposta de ensino que considera a Língua de Sinais como língua natural da criança surda, ou seja, como sua primeira língua, que deve ser aprendida o mais cedo possível, e a língua portuguesa escrita, como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da Língua de Sinais. Skliar (1997) aponta que aspectos culturais, sociais, metodológicos e curriculares inerentes à condição de surdez precisam ser considerados em uma proposta séria de ensino à comunidade surda.

De acordo com Sanches (1992 *apud* SKLIAR, 1997, p. 147), a proposta educacional bilíngue demanda conhecimentos específicos e diferenciados para ensinar as duas línguas, necessitando a aplicação de quatro tópicos fundamentais:

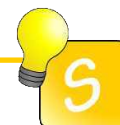
um ambiente apropriado às formas particulares de processamento comunicativo, cognitivo e linguístico de sujeitos Surdos, seu desenvolvimento sócio-emocional íntegro, baseado na identificação com adultos Surdos, bem como a possibilidade de que desenvolvam sem pressão uma teoria sobre o mundo que os rodeia e um completo acesso à informação curricular e cultural.



FIGURA 14

Skliar (1997), relatando o método de educação bilíngue para os Surdos, enfatiza a necessidade de um novo olhar sobre a surdez que possibilite refletir sobre algumas questões ignoradas nesse território, entre as quais se destacam: as políticas de significação dos ouvintes sobre os Surdos; o amordaçamento da cultura surda; os mecanismos de controle através dos quais se obscurecem as diferenças; o processo pelo qual se constituem e ao mesmo tempo se negam as múltiplas identidades surdas; a “ouvintização” do currículo escolar; a burocratização da língua de sinais dentro do espaço escolar e a necessidade de uma profunda reformulação nos projetos de formação de professores (Surdos e ouvintes), entre uma série de fatores.

Ainda para esse autor, a educação bilíngue é algo mais que o domínio de duas línguas. O foco das análises sobre essa educação para os Surdos deve-se deslocar dos espaços escolares, das restrições formais e metodológicas, para localizar-se nos mecanismos e relações de poder e conhecimentos situados dentro e fora da escola.



A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, em dezembro de 1987, aceitou a recomendação de seus especialistas que, reunidos num Encontro Global, declararam: “os Surdos (...) devem ser reconhecidos como uma minoria linguística, com o direito específico de ter suas línguas de sinais nativas aceitas como sua primeira língua oficial e como meio de comunicação e instrução, tendo serviços de intérpretes para suas línguas de sinais”.

A proposta bilíngue não trata apenas da transposição de uma língua para outra, pois a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais têm bases originárias distintas, princípios e regras gramaticais diferenciadas: a Libras tem uma modalidade gesto-visual e a Língua Portuguesa, oral-auditiva (....) as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua (RINALDI, 1997).

O primeiro passo para a implementação de um modelo bilíngue é a aceitação da Língua de Sinais como uma “língua verdadeira”. Essa aceitação deve partir, em primeiro lugar, da família do Surdo, pois é esta que, muitas vezes, impõe o oralismo, temendo que a criança não se desenvolva normalmente como uma criança ouvinte. Ao abrir espaço para a Língua de Sinais como primeira língua de instrução e comunicação, é preciso entender que os Surdos têm uma cultura própria, que deve ser reconhecida e respeitada.

Lodi e Moura (2006) e Quadros e Schmiedt (2006) descrevem a realidade brasileira sobre a proposta educativa bilíngue:

Infelizmente, as colocações realizadas sobre a educação bilíngue não se configuram como realidade da educação de Surdos no Brasil. O desenvolvimento da Língua de Sinais como L1 é ainda restrito aos filhos e Surdos usuários desta língua e às poucas experiências educacionais que possuem, em seu quadro de profissionais, professores Surdos (LODI & MOURA, 2006, p. 2).

(...) ainda a criança surda brasileira deve “pular” o rio de um lado para o outro sem ter uma ponte. Assim, a criança vai ser alfabetizada na língua portuguesa sem ter sido “alfabetizada” na Língua de Sinais (QUADROS & SCHMIEDT, 2006, p. 30).

Portanto, ainda que a proposta educativa bilíngue seja a que mais se aproxime das necessidades educacionais dos sujeitos Surdos, atualmente, ela ainda enfrenta grandes dificuldades de consolidação plena na realidade brasileira. Ainda há um grande abismo entre a teorização sobre essa proposta e o que se vê no cotidiano vivenciado pelos Surdos nas salas de aula brasileiras.



A proposta educativa bilíngue não prega a aquisição da oralidade, mas sim o aprendizado da Libras como primeira língua do Surdo e, posteriormente, o aprendizado da Língua Portuguesa, na sua modalidade ESCRITA, como segunda língua.

Lacerda (2002) aponta alguns entraves para a efetivação de uma proposta educativa bilíngue, tais como: (i) a falta de Surdos adultos usuários de Língua de Sinais e habilitados como professores; (ii) o preconceito social ante a Língua de Sinais; (iii) a dificuldade de muitos em aceitar a comunidade surda como uma comunidade linguística especial, fazem com que a proposta de educação bilíngue avance lentamente, enfrentando grandes obstáculos e problemas.

Para que a proposta educativa bilíngue seja vivenciada de fato e adequada ao objetivo ao qual se destina, faz-se necessário um trabalho pedagógico que considere a surdez como uma diferença histórica, determinada por uma cultura e não pela própria diferença sensorial (Skliar, 1997). Nesse sentido, é essencial a transformação do currículo e da formação docente, contribuindo para que o espaço escolar seja capaz de propiciar um ambiente de construção do conhecimento que respeite as diferenças linguísticas, identitárias e as especificidades culturais dos sujeitos Surdos.

É a partir do reconhecimento das peculiaridades linguísticas dos Surdos e do respeito aos seus modos de construção e apropriação da linguagem que a escola bilíngue deve ser pensada e concretizada. Com base nas políticas públicas atuais, que defendem uma escola inclusiva e o direito de o Surdo possuir a sua língua materna, é necessário pensarmos em ações e práticas que conduzam esses sujeitos a uma educação significativa e igualitária, sobretudo no que tange ao respeito a sua língua e aos procedimentos metodológicos condizentes com as suas peculiaridades.

1.6 O processo de inclusão educacional da pessoa surda

Para iniciarmos essa parte do estudo da nossa disciplina, começaremos com algumas indagações:



Como tem acontecido, em nosso País o processo de escolarização do Surdo?

O processo de ensino e aprendizagem para alunos Surdos e ouvintes se processa da mesma maneira?

A escola e os profissionais em geral estão preparados para a inclusão do aluno Surdo?

A Língua de Sinais tem sido utilizada como língua de instrução no processo de ensino e aprendizagem desse aluno?



FIGURA 15

A realidade da educação brasileira, vivenciada pelos educandos Surdos, ainda é marcada por uma naturalização da diferença que permeia as práticas escolares e o agir desse sujeito na sociedade como um todo. Esse olhar contribui para a permanência de uma situação de exclusão sobre os demais, além de ficar sob a responsabilidade da escola “compensar os déficits socioculturais aos quais a criança surda está exposta por estar numa comunidade majoritariamente ouvinte” (SÁ, 2006, p. 89).

Apesar da crescente democratização do processo de inclusão, a maioria dos professores ainda possui pouco ou nenhum conhecimento e formação pedagógica para lidar com as diferentes necessidades de ensino e



Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo IBGE, 2010), cerca de 9,8 milhões de brasileiros possui deficiência auditiva, o que representa 5,2% da população brasileira. Desse total, 2,6 milhões são Surdos e 7,6 milhões apresentam grande dificuldade para ouvir. Essas pessoas encontram-se excluídas de diversas formas da participação social, educacional e profissional. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/> Acesso em 02 dez. 2012.

aprendizagem em contextos inclusivos. A inclusão de alunos Surdos nas escolas regulares tem repercutido uma série de desafios socioeducacionais, dentre os quais podemos destacar: a adaptação do espaço físico da escola, as metodologias de ensino e a formação inicial e continuada dos professores, ressaltando que não basta apenas que esses profissionais aprendam Libras, mas aprendam em seus cursos de formação como desenvolver uma prática de ensino e aprendizagem que considere as necessidades de aprendizes Surdos.

Como foi visto no tópico anterior, a realidade educativa bilíngue para os Surdos está posta e as políticas públicas brasileiras têm defendido a perspectiva da educação inclusiva. Porém, quais são os problemas que dificultam a implantação dessa proposta? Por que a inclusão em nosso País está mais para integração? Por que as escolas e os professores ainda se sentem tão fragilizados em relação às práticas educativas que respeitem e trabalhem com as diferenças em diferentes grupos?

Primeiramente, vamos retomar a importância do respeito às diferenças do Surdo. O trabalho com alunos Surdos necessita de profissionais que considerem suas diferenças e que lhes deem o espaço necessário para a sua realização emocional, cognitiva, social e linguística. Trabalhar as diferenças não significa negá-las. A inclusão educacional que aqui defendemos é aquela que além de garantir o acesso dos Surdos à escola, garanta também a sua permanência na escola com qualidade educacional, com vistas à conclusão dos seus estudos.



Quem é intérprete da língua de Sinais? É o profissional que domina a língua de sinais e a língua falada no país e que é qualificado para desempenhar a função de intérprete. No Brasil, o intérprete deve dominar a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa. O profissional intérprete deve ter formação específica na área de sua atuação, por exemplo, a área da educação. O seu papel consiste em realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa, observando os seguintes preceitos éticos: confiabilidade, neutralidade, discrição, distância profissional, fidelidade ao conteúdo objetivo da interpretação.

Para que a educação bilíngue para Surdos se consolide, o contato com a Comunidade Surda deve ser instigado pela família, pois, no que tange à aquisição da linguagem, esse contato propiciará um desenvolvimento rápido e efetivo da Língua de Sinais, que será a base para o acesso igualitário ao conteúdo curricular e aos saberes construídos historicamente. Além disso, o aprendizado da Libras não deve ser feito apenas pelo professor, mas pelos vários atores envolvidos no contexto escolar. Isso significa que não devemos atribuir toda a responsabilidade do processo de ensino das pessoas surdas aos profissionais intérpretes.

Muitas vezes, os professores se sentem despreparados para o trabalho com o aluno Surdo na escola. A maior preocupação é: se eu não sei como lidar com esse aluno, como ensiná-lo, como vou entendê-lo? São sentimentos de medo do desconhecido e, não raro, de rejeição, principalmente pelo fato de esse aluno se comunicar de uma forma diferente. A perspectiva que muitos professores ainda carregam do sujeito Surdo tem sua raiz irrigada na “condição física da falta de audição”. A falta de desconhecimento sobre as características do aluno Surdo acarreta dificuldades na prática pedagógica, pois, muitas vezes, os professores relacionam a surdez à deficiência intelectual ou à mudez.

Em grande parte das escolas brasileiras que atendem alunos Surdos não há a atuação de intérpretes em salas de aula e muito menos professores regentes que dominem a Libras para atender à proposta educativa bilíngue. Além disso, mesmo que exista a presença do profissional intérprete na sala de aula, este tem apenas a função de “realizar a interpretação da língua falada para a língua sinalizada e vice-versa”, “intermediar um processo interativo que envolve determinadas intenções conversacionais ou discursivas”, “tendo a responsabilidade pela veracidade e fidelidade das informações”

(BRASIL, 2004, pp. 28-31). Em momento algum, o código de ética do profissional intérprete faz menção à necessidade da formação pedagógica específica

nos conteúdos e/ou disciplinas que interpreta, pois a função de ministrar o processo de ensino e aprendizagem é exclusiva do professor que recebeu formação adequada para esse trabalho. Diante dessa realidade, é fundamental que os professores que recebem alunos Surdos aprendam Libras para garantir as condições mínimas de aprendizado, partindo do fato de que não há como ensinar sem que exista uma comunicação entre o aluno e o professor.

Entendemos que o professor, ao desenvolver suas atividades curriculares voltadas para o ensino do aluno Surdo, precisa realizá-las utilizando a Libras, pois, segundo a Lei n. 10.436/2002 e o Decreto n. 5626/2005, esse grupo de estudantes tem o direito de se comunicar, de aprender e ser avaliado na sua primeira língua – a Libras. Nesse caso, acreditamos na necessidade da existência de professores bilíngues para realizar a escolarização desses alunos, uma vez que o intérprete não tem a função de ensinar e, em muitos casos, esse profissional não possui formação pedagógica para o exercício da docência.

Sendo assim, tal abordagem depende da presença de professores bilíngues que tenham domínio das duas línguas envolvidas, utilizando cada uma em suas diferentes modalidades. “O professor que assumir essa tarefa estará imbuído da necessidade de aprender a Língua Brasileira de Sinais” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 19).

Na visão de Sá (2006), não se trata apenas de aceitar a Língua de Sinais, mas de viabilizá-la, pois todo o trabalho pedagógico de desenvolvimento cognitivo deve considerar a aquisição de uma primeira língua natural. Ainda na visão da autora, quando se opta por utilizar a Libras como primeira língua no processo educativo dos Surdos, necessita-se entender que tal postura altera toda a organização escolar: os objetivos pedagógicos, as práticas de ensino e aprendizagem e a participação da Comunidade Surda no processo escolar.

Estamos diante de um processo simbólico de negociação política: a Língua de Sinais brasileira e a língua portuguesa na sociedade, incluindo o espaço educacional em que o Surdo está inserido. Os espaços políticos que cada língua representa para uns e para outros não são os mesmos. Os Surdos querem ter a Libras como a sua língua de instrução, sua língua para se comunicar com o mundo, compreender e interagir. Querem aprender o português, para que possam ter acesso aos documentos oficiais que são feitos nesta língua (leis, recibos, documentos) e exercer sua cidadania; para ter acesso a informações, à literatura e aos conhecimentos científicos (QUADROS; PATERNO, 2006, p. 22).

É a partir do reconhecimento das peculiaridades linguísticas dos Surdos e do respeito aos seus modos de construção e apropriação da linguagem que a escola bilíngue para Surdos precisa repensar o currículo de língua portuguesa e assumir politicamente a Língua de Sinais. Essa assunção pode se dar por



De acordo com um documento publicado pelo INEP/MEC (2006), sobre a “Evolução da Educação Especial no Brasil”, entre 1998 e 2006, foi possível constatar uma evolução da política de inclusão nas classes comuns do ensino regular, em relação às matrículas em escolas especializadas e classes especiais. Nesse período, houve crescimento de 194% nas matrículas inclusivas. Já em 2011, de acordo com o Censo Escolar (MEC/Inep), o aumento no número de alunos incluídos em classes comuns do ensino regular e na EJA foi de 15,3% e nas classes especiais e nas escolas especiais houve diminuição de 11,2% no número de alunos, evidenciando o êxito da política de inclusão na educação básica brasileira.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dadosed.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2012.



Atualmente faz parte da educação de Surdos o Atendimento Educacional Especializado (AEE), regulamentado pelo decreto nº 6.571 de 2008, que o define como sendo “o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestados de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular”, com o intuito de eliminar as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento da sua aprendizagem. O AEE precisa fazer parte do projeto pedagógico da escola, envolvendo todos os profissionais envolvidos na instituição. A sala de recursos multifuncionais é o espaço destinado à oferta do AEE, ambiente este dotado de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos. No entanto, a oferta da AEE para alunos Surdos gera uma série de debates na Comunidade Surda. Isso ocorre porque, frequentemente, muitas escolas continuam a priorizar os aspectos clínicos, ao invés dos pedagógicos, deixando de lado a identidade do Surdo, sua língua e sua cultura. Para saber mais sobre o AEE para o aluno Surdo indicamos o livro “Atendimento Educacional Especializado para alunos Surdos” (MOURÃO E SILVA, 2012).

meio da sistematização do currículo de Libras, pois para que a Língua de Sinais seja usada em toda sua plenitude por todos, Surdos e ouvintes, é preciso que ela se torne objeto de estudo sistemático dentro dos espaços escolares (GIANINI e PORTO *et al.*, 2004, p. 2).

Essa postura exige que a escola esteja comprometida com a reconstrução histórica dos Surdos e aberta a sua produção intelectual. Partindo do princípio de que a aquisição de conhecimentos não é tarefa para ser realizada por um indivíduo isolado, mas inserido em um contexto com outras pessoas que agem de forma participativa, “se a escola oferecer aos Surdos os instrumentos necessários à sua comunicação, seu potencial intelectual não será apenas preservado, mas seletamente estimulado” (ZICH, 2003, p. 122).

Assim, reafirmamos a necessidade de transformação do currículo e da formação docente, visando possibilitar ao aluno Surdo um conhecimento escolar que respeite as suas peculiaridades e trabalhe as especificidades linguísticas, identitárias e socioculturais determinadas pela diferença e não pela deficiência. Sabemos que ainda existem muitas barreiras para a consolidação de uma educação bilíngue para os Surdos. Entretanto, elas estão sendo, aos poucos, minimizadas mediante as conquistas desse grupo de aprendizes. Primeiro, o reconhecimento do *status* linguístico da Libras como meio de expressão e comunicação da Comunidade de Surdos, posteriormente, o direito legal de serem ensinados em sua língua natural, por meio de uma educação bilíngue.

1.7 As políticas públicas brasileiras na educação de pessoas surdas



FIGURA 16

Chegamos ao último tópico da primeira parte teórica da nossa disciplina! Na leitura a seguir você perceberá avanços nas políticas públicas brasileiras destinadas ao sujeito Surdo. Tente fazer um paralelo entre as discussões realizadas no tópico 1, sobre a história do Surdo, com este último tema.

Depois reflita: Que mudanças aconteceram ao longo da história? Hoje as pessoas surdas são mais respeitadas pela sociedade? As políticas públicas trouxeram mudanças no campo educacional em relação à visão clínica do Surdo?

Vamos começar retomando algumas políticas públicas internacionais...

No cenário internacional, o tema educação inclusiva alcançou maior visibilidade e respaldo com a realização da Conferência Mundial de Jomtien (Tailândia, 1990), a Conferência Mundial de Educação Especial, em Salamanca (Espanha, 1994), o Congresso Internacional “Sociedade Inclusiva”, em

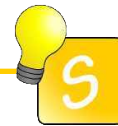
Montreal (Canadá, 2001) e a Convenção de Guatemala, em 2001. Tais eventos resultaram, respectivamente, na elaboração da declaração mundial de educação para todos, na definição de princípios políticos e práticos para garantir às “pessoas com necessidades educativas especiais”¹ o direito à educação, na defesa pelo acesso igualitário a todos os espaços da vida e no documento para eliminação de todas as formas de discriminação contra as “pessoas portadoras de deficiência”².

No contexto brasileiro, as políticas públicas construídas a partir da década de 1990 ampliaram as garantias de universalização e democratização da educação e promoveram modificações na educação de modo a tornar os espaços escolares acessíveis a todos (Política Nacional de Educação Especial/1994, LDBEN n. 9394/1996³, Decreto n. 3.298/1999, Resolução CNE/CEB n. 2/2001⁴, Portaria n. 3.284/2003, Decreto n. 5.296/2004, Decreto n. 6.949/2005, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva/2007⁵ e Decreto n. 7.612/2011).

A partir da década de 1990, os discursos e as práticas marcadas por uma visão clínico-terapêutica começaram a dar lugar a uma nova visão de sujeito Surdo a partir de suas diferenças linguísticas, identitárias e culturais. As políticas públicas começaram a mudar o cenário histórico da educação de pessoas surdas, ao marcar fortemente a defesa da comunicação e do acesso ao conhecimento por meio da Língua de Sinais.

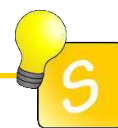
A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/1996 constituiu-se como um avanço significativo para a Comunidade Surda, pois aponta elementos que garantem o acesso de todas as pessoas à escola, asseguram aos alunos currículo, métodos, recursos e organização específicos para atender as suas necessidades, dentre outros elementos que possibilitam a participação dessa Comunidade no contexto escolar. Em seu Art. 26 fica consolidada a garantia de as pessoas surdas serem incluídas em todas as etapas e modalidades da educação básica, nas redes públicas e privadas de ensino, bem como a oferta de Libras, na condição de língua nativa das pessoas surdas.

Posteriormente, na Lei nº 10.098/2000 garantiu a acessibilidade aos Surdos mediante a supressão de barreiras, especificamente aos meios de comunicação, no que se refere a qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa. Assim, o Poder Público estabeleceu mecanismos e alternativas técnicas que tornaram acessíveis os sistemas de comunicação para garantir ao Surdo o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer. Essa Lei abriu espaço nos meios de comunicação, especialmente na televisão, para o direito de as



As políticas públicas são o conjunto de ações coletivas desencadeadas pelo Estado, no caso brasileiro, nas escalas federal, estadual e municipal, voltadas para a garantia dos direitos sociais, que configuram um compromisso público, visando atender os direitos de uma determinada demanda em diversas áreas. Elas podem ser desenvolvidas em parceria com Organizações Não Governamentais e, como se verifica mais recentemente, com a iniciativa privada.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADtica_p%C3%BAblica>



A programação veiculada pelas emissoras de televisão no Brasil é realizada em língua oral, o que dificulta, e até mesmo, torna impossível a compreensão do telespectador Surdo, usuário de Libras. Na tentativa de superar essa barreira de comunicação, foi criado o Closed Caption, um sistema de transmissão de legendas via sinal de televisão, que possibilita ao Surdo o acesso por meio da leitura de textos em diversos programas televisivos. Entretanto, esse sistema auxilia mais as pessoas com perdas auditivas, com fluência na leitura da Língua Portuguesa. Para os Surdos, usuários de Libras, cuja estrutura linguística é diferente do português, não há uma compreensão plena. O ideal para os Surdos seria que os programas tivessem a janela com a interpretação em Libras.

1 Terminologia utilizada na Declaração de Salamanca (1994).

2 Terminologia utilizada na Convenção de Guatemala (2001).

3 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

4 Conselho Nacional de Educação (CNE) e Câmara de Educação Básica (CEB).

5 Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

pessoas surdas visualizarem a janela com o intérprete de Língua de Sinais e a subtitulação por meio de legenda oculta nos programas televisivos (*closed caption*).

Um importante marco dessas conquistas é a oficialização da Língua Brasileira de Sinais por meio da Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Art. 1º, parágrafo único). A referida Lei ainda preconiza, em seu Art. 2º, que devem ser garantidas formas institucionalizadas de apoiar o uso e a difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.



Antes da publicação do Decreto 5.626 não existia, no Brasil, cursos de formação em nível superior para habilitar profissionais para o ensino de Libras. Assim, o Ministério da Educação (MEC), diante do projeto de curso elaborado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), autorizou a criação e a oferta do curso Letras/Libras na modalidade de educação a distância, em 2006, com a finalidade de atender à demanda de formação de profissionais. O curso de Licenciatura tem como objetivo formar professores para atuar no ensino da Libras como primeira e segunda língua, nos diferentes níveis de ensino. Em 2008, foi criado o curso de Bacharelado, cujo objetivo é o de formar tradutores/intérpretes de Libras/Português em diferentes contextos, com foco na área da educação. Para conhecer mais sobre esse curso acesse: <<http://www.libras.ufsc.br>>.



Quais os desdobramentos do Decreto nº 5.626 para a Comunidade Surda? Quais os obstáculos para a sua implementação na escola pública brasileira? Quais fatores que aumentam as lacunas entre o legal e o real?

Além disso, em 22 de dezembro de 2005, o Decreto n. 5.626 veio regulamentar a Lei n. 10.436 que prevê a criação do Curso de Formação de Letras/Libras e a presença curricular obrigatória da Libras nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, de instituições de ensino públicas e privadas do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (Art. 3º).

O Decreto n. 5.626/2005 define que a inclusão da Libras como disciplina curricular deveria iniciar-se a partir do primeiro ano após a sua publicação nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, e ser ampliada progressivamente para as demais licenciaturas até o prazo de dez anos, em 100% dos cursos da instituição.

O referido decreto trata, também, do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, da formação do tradutor e intérprete de Libras e da Língua Portuguesa, da garantia do direito à educação e à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva e do papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e à difusão da Libras. A lei ainda deixa claro, em parágrafo único, que “a Língua Brasileira de Sinais não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Assim sendo, deve ser proporcionado aos alunos Surdos um ensino bilíngue que considere a Língua de Sinais como a língua natural dos Surdos e a língua portuguesa como sua segunda língua.

A aprovação da Lei n. 10.436/2002 do Decreto 5.626/2005 constitui-se em um marco significativo das conquistas dos movimentos Surdos. A partir desses documentos oficiais a oferta de educação bilíngue passou a ser

organizada pelos sistemas de ensino e considerada um direito dos alunos Surdos, fundamental ao exercício da cidadania. O objetivo principal desse tipo de educação é viabilizar o acesso desses alunos aos conteúdos curriculares, levando em consideração, neste caso, que a leitura e a escrita não dependem

da oralidade. Os sistemas de ensino devem organizar classes ou escolas bilíngues, abertas a Surdos e ouvintes, viabilizar cursos de qualificação profissional aos professores, organizar serviços de tradutor e intérprete de Libras para atuação nas classes que tenham alunos Surdos nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio, na educação profissional e na educação superior. A Libras, como 1ª língua, e a Língua Portuguesa, como 2ª língua, constituem complementação curricular específica a ser desenvolvida nas escolas em que o aluno Surdo está matriculado.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva, publicada em 2008, reafirmou a Lei n. 10.436/2002 do Decreto 5.626/2005, legitimando, mais uma vez, a educação bilíngue para as pessoas surdas, conforme disposto seguir:

Para a inclusão dos alunos Surdos, nas escolas comuns, a educação bilíngue - Língua Portuguesa/Libras, desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na Língua de Sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos Surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado é ofertado, tanto na modalidade oral e escrita, quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, na medida do possível, o aluno Surdo deve estar com outros pares Surdos em turmas comuns na escola regular.

Assim, vivemos dois movimentos complementares e congruentes: o movimento de inclusão escolar das pessoas surdas e o reconhecimento de suas lutas históricas no interior da sociedade, que é formada, em sua maioria, por ouvintes. Esses movimentos provocam a necessidade de uma significativa mudança na formação inicial e continuada dos professores, que agora se deparam com a necessidade real de se prepararem profissionalmente para compreenderem as implicações pertinentes à surdez. Os professores também sabem da necessidade de adequação das orientações didático-pedagógicas de ensino e aprendizagem demandadas pelos aprendizes Surdos, o que envolve diretamente a Libras, pois esta passa a ser reconhecida como meio de comunicação e de ensino oficial a ser utilizado no processo educacional desse grupo de pessoas.

Posto o reconhecimento do status linguístico da comunicação utilizada pela comunidade de Surdos no Brasil, a regulamentação da Lei n. 10.436/2002 e do Decreto n. 5.626/2005 representa uma grande conquista para a comunidade surda e tem consequências extremamente favoráveis à participação efetiva desta nas mais diversas atividades da sociedade. Logo, são necessárias mais do que adaptações curriculares. É preciso que haja a efetivação de rupturas ideológicas e a mudança da práxis pedagógica, bem como a transformação do currículo básico presente na formação docente. Essas transformações precisam conduzir a uma ação docente que organize os conhecimentos a partir de uma construção visual que respeite e trabalhe com as diferenças dos Surdos com base nas suas especificidades linguísticas, identitárias e socioculturais.

II – ATIVIDADES DO TEXTO BÁSICO

Prezado (a) aluno (a):

Após a leitura do texto básico e a reflexão sobre o tema, é importante exercitar os conhecimentos aprendidos. A nossa primeira atividade será um fórum de discussão:

Fórum de discussão

Como você pode observar, a trajetória histórica das pessoas surdas é marcada por conflitos, preconceitos, marginalização e lutas desse grupo pela sua forma de comunicação natural – a Língua de Sinais.

Neste fórum, iremos retomar alguns questionamentos lançados ao longo do nosso estudo:

Você conhece alguma pessoa surda?

Você acredita que a pessoa surda seja capaz de se comunicar e expressar tudo o que deseja?

A visão da sociedade sobre a pessoa surda, em cada contexto histórico, evoluiu ou permaneceu a mesma?

Existem diferenças entre a concepção clínica-terapêutica de surdez e a visão socioantropológica de sujeito Surdo?

Quais as dificuldades você destacaria para a inclusão escolar do aluno Surdo?

Quais condições são necessárias para que a inclusão do aluno Surdo aconteça de forma plena e igualitária?

Dicas para a participação no Fórum

1. Apresentar comentários envolvendo todas as questões acima; (não precisa ser apenas um comentário, mas vários)
2. Não se restringir apenas à leitura dos comentários dos outros participantes;
3. Participar de todas as discussões propostas;
4. Se reportar aos outros colegas de sala e não apenas ao seu Tutor;
5. Articular suas ideias com aquelas propostas por mais de um participante.

Agora é com você! Mãos à obra!



III – LEITURA COMPLEMENTAR

Prezado (a) aluno (a):

Para ampliar as informações sobre os conteúdos trabalhados no módulo 1 e complementar a sua compreensão sobre o estudo realizado, acesse o texto **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos Surdos** da autoria de Cristina B. F. de Lacerda. O artigo discute a história da educação de pessoas surdas e as abordagens educativas para alunos Surdos. Leia o texto com atenção e grife os trechos que achar mais importante.

Cadernos CEDES vol.19 n.46 Campinas Set. 1998

Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>> Acesso em: 20 jan. 2013.



IV – ATIVIDADES DA LEITURA COMPLEMENTAR

Prezado (a) aluno (a):

Com base na leitura do texto complementar e na discussão realizada neste módulo, faça um resumo crítico, de até 2 laudas, da história da educação de Surdos, destacando os aspectos mais relevantes que tiveram impactos no atual contexto educacional e social.

Considere nesse percurso histórico, a análise das propostas educacionais que mais se destacaram na educação de Surdos.

Conclua, defendendo a filosofia que você acredita ser capaz de resultar numa educação mais eficaz para as pessoas surdas.

Dica: Um resumo crítico deve ser um texto analítico, no qual o aluno, a partir das leituras, interpreta as ideias e se posiciona frente às discussões propostas. Lembre-se de que todo texto deve apresentar ideias introdutórias, um desenvolvimento dessas ideias e conclusão.

Lembre-se: ao realizar pesquisas na internet e utilizar referências bibliográficas, faça a citação correta do autor, ano da obra e página transcrita no corpo do texto, segundo normas da ABNT e a devida citação da referência bibliográfica ao final do texto



V – VÍDEO BÁSICO

Prezado(a) aluno(a),

Assista ao vídeo “Libras na escolar regular: os educadores e suas estratégias”, que está disponível em nosso Ambiente Virtual de Aprendizagem.

Este vídeo foi desenvolvido pela Universidade Estadual Paulista, em 2012, e lhe permitirá conhecer mais de perto a realidade educativa de alunos surdos. Aborda as modificações que a escola e professores precisam considerar para desenvolver um trabalho de qualidade com este grupo de alunos.



VI – ATIVIDADES DO VÍDEO BÁSICO

Prezado (a) aluno (a):

Após a leitura do texto básico e depois de assistir ao vídeo, você deverá responder às questões abaixo com o intuito de aprimorar o seu aprendizado. Assinale as proposições a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F):

- () O Abade de L'Épée foi o fundador da primeira escola para Surdos, em Paris, e o primeiro a pesquisar sobre a língua de sinais utilizada por Surdos.
- () Samuel Heinicke acreditava que a utilização de gestos ou mímicas era prejudicial na educação do Surdo e que era necessária a sua oralização.
- () A Universidade Gallaudet é a mais famosa universidade para Surdos do mundo, onde a língua de instrução, em todos os espaços, é a língua de sinais.
- () O Congresso de Milão (1880) proibiu o uso da língua de sinais e defendeu a oralização como o método mais eficiente para fazer o Surdo participar da sociedade.
- () O Imperial Instituto de Surdos-Mudos foi a primeira escola para Surdos do Brasil e iniciou suas atividades com a utilização da língua de sinais.
- () Apesar da forte repercussão do Congresso de Milão, a educação de Surdos no Brasil, que acontecia no Imperial Instituto de Surdos-Mudos, continuou utilizando o método gestual.
- () Os diferentes graus de surdez e a idade em que ela ocorreu na vida do Surdo não afeta ou interfere na forma de a pessoa surda se comunicar e interagir com o mundo.
- () É importante que desde cedo a criança surda tenha contato com a Língua de Sinais para o seu desenvolvimento linguístico.
- () O desenvolvimento da língua oral na criança surda será a base do aprendizado de outras línguas, apesar de a língua de sinais ser sua língua natural.
- () A aquisição da Língua de Sinais é um processo natural para a pessoa surda e esta deve ser tida como a sua primeira língua.
- () Não existe uma única comunidade surda no Brasil, uma vez que temos diferentes grupos de pessoas surdas.
- () A proposta educativa bilíngue para o Surdo consiste no aprendizado da Libras como primeira língua e Língua Portuguesa, como segunda língua, em sua modalidade oral e escrita.
- () O intérprete tem o mesmo papel do professor em relação ao processo de ensino e aprendizagem, pois ele é o mediador da comunicação na sala de aula.
- () Todos os Surdos fazem uso da leitura labial, pois a maioria deles teve acompanhamento fonoaudiológico e aprendeu a falar e a “ler lábios”.
- () Na visão “socioantropológica” a surdez é vista como uma anormalidade que deve ser “remediada”. Nessa visão, espera-se que o Surdo se aproxime dos padrões de normalidade da sociedade ouvinte.
- () O grau de perda auditiva na comunidade surda é um dado irrelevante. Os ouvintes é quem têm a prática de classificar os Surdos segundo os padrões de perda de audição.
- () A inclusão do aluno Surdo acontece quando há a presença do intérprete na sala de aula. A postura pedagógica do professor e a adoção de estratégias diversificadas não são necessárias, pois na inclusão é preciso considerar que todos são iguais.



VII – ATIVIDADES SUPLEMENTARES

Prezado (a) aluno (a):

Leia o **Decreto Federal nº 5626/2005** que dispõe sobre o uso e o ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras, oriunda da comunidade surda brasileira, e regulamenta a Lei no 10.436,

de 24 de abril de 2002. A aprovação do Decreto constitui-se em um marco significativo das conquistas dos movimentos Surdos.

Após a leitura, destaque e explique, de forma sucinta (em até 2 laudas), o seu entendimento sobre:

1. Capítulo I – das disposições preliminares

- Considerando a explicação que é realizada nos Artigos 1º e 2º do Decreto, explique, com suas palavras, as principais diferenças entre a pessoa deficiente auditiva e pessoa Surda.

2. Capítulo II – da inclusão da Libras como disciplina curricular

- O que você pensa sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores?

3. Capítulo III – da formação do professor de Libras e de Instrutor de Libras

- Qual a formação docente necessária para o ensino de Libras na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental e nas séries finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio e Superior?
- Existe diferença entre docente de Libras e instrutor? A docência pode ser exercida por qualquer pessoa, Surdos ou ouvintes? Qual o perfil você julga ser o mais adequado para o ensino da disciplina?

4. Capítulo IV – do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação

- O Decreto prevê que seja difundido na comunidade escolar o uso e a divulgação de Libras por meio de oferta de cursos. Vocês acham que existe interesse por parte da equipe escolar (professores, alunos, funcionários, direção da escola) e de familiares em obter informações específicas sobre a educação dos Surdos?
- O que os sistemas de ensino devem assegurar no processo educacional de alunos Surdos?
- O que você entende quando o Decreto prevê a necessidade de adotarmos mecanismos de avaliação diferenciados para o aluno Surdo, coerentes com o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, na correção das provas escritas, reconhecendo a singularidade linguística desse grupo de alunos?

5. Capítulo V – da formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa

- A partir de um ano da publicação desse Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos Surdos. As instituições já estão cumprindo esta exigência? Você acredita que temos profissionais capacitados para atuação em número suficiente?

6. Capítulo VI – da garantia do direito à educação das pessoas surdas

- O Decreto regulamenta o funcionamento de escolas e classes de educação bilíngue. Qual a sua compreensão sobre isso?
- Em sua opinião, as escolas e os professores estão preparados para trabalhar com alunos Surdos? Quais condições, metodologias e recursos são necessários para que a escola atenda o aluno Surdo em suas peculiaridades?

VIII - SÍNTESE DO MÓDULO

Caro(a) aluno(a):

Chegamos ao final do módulo 1! Esperamos que você tenha construído um aprendizado consistente sobre as principais discussões que envolvem o Surdo, seu histórico de lutas, a disputa pelo direito a uma língua, o percurso educacional e o processo de solidificação dos seus direitos.

Neste primeiro módulo aprendemos sobre:

- a história da pessoa surda no mundo e no Brasil;
- o conceito e a caracterização da surdez;
- os discursos sobre o Surdo: abordagens e imaginário social;
- a Língua de Sinais e a constituição da identidade e da cultura dos sujeitos Surdos;
- abordagens educativas para alunos Surdos;
- o processo de inclusão educacional da pessoa surda e
- as políticas públicas brasileiras na educação de pessoas surdas.

Tais tópicos foram selecionados para possibilitar a você, aluno e aluna, uma reflexão sobre alguns aspectos da educação de Surdos ao longo da história, com o objetivo de levá-lo/la a compreender como se deu o histórico de lutas dos Surdos, quais foram os desdobramentos e as influências dessas lutas para solidificar a educação. Também foi nosso objetivo neste módulo esclarecermos o uso de algumas terminologias e conceitos que permeiam o sujeito Surdo e o seu processo educacional.

Ao longo da apresentação do conteúdo deste módulo, pudemos perceber o crescimento da consciência do grupo de Surdos em busca de seus direitos como cidadãos e do reconhecimento

da sua identidade linguística e cultural. Em relação às políticas públicas, o atual contexto demonstra que, após décadas de discursos e práticas educacionais de reabilitação e normalização, nas últimas décadas, houve avanços significativos no campo da pesquisa e da produção de materiais para a melhoria das condições de inclusão do Surdo na sociedade e na escola.

Esperamos que esta discussão tenha contribuído para que você, aluno e aluna, dê continuidade ao fortalecimento desse grupo e continue a abrir caminho para a concretização cada vez maior dessas políticas públicas na realidade do Surdo brasileiro.

IX - BIBLIOGRAFIA ADICIONAL COMENTADA

Prezado (a) aluno (a):

Após o estudo deste módulo recomendamos a leitura de alguns livros muito interessantes e fundamentais para aprofundarmos nosso conhecimento nessa área:

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem pelo mundo dos Surdos. Trad. Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Neste livro, Oliver Sacks realiza uma fascinante incursão pelo universo dos Surdos, procurando responder a questões, tendo como preocupação não simplesmente apresentar a condição daqueles que não conseguem ouvir, mas acompanhar a história, os dramas e as lutas dessas pessoas. O autor demonstra que a aquisição da Língua de Sinais se mostra como a grande responsável pelo desenvolvimento e pela comunicação e inclusão social dos Surdos.

SKLIAR, C. B. (Org.). **Educação e exclusão**: abordagem sócio-antropológica em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

Esta obra desacomoda velhas tradições em educação especial. Nela, o autor apresenta uma escola de direito que luta contra as formas indignas de submissão às interpretações patológicas. Organizada por Carlos Skliar, pesquisador de mérito internacional, esse livro reúne experiências educativas norteadas por uma concepção socioantropológica na luta a favor da inclusão e do direito à educação para todos.

FERNANDES, S. **Educação de Surdos**. 2 ed. Curitiba: IBPEX, 2011.

Esta obra busca sintetizar os principais debates e demandas educacionais que contextualizam a inclusão dos Surdos na atualidade. A autora apresenta os determinantes históricos e ideológicos da educação dos Surdos, oferecendo aos leitores a oportunidade de reflexão crítica e de aprofundamento acerca da trajetória escolar e social dos Surdos.

MOURÃO, M. P., SILVA, L. C., DECHICHI, C., SILVA (Orgs). **Professor e Surdez**: cruzando caminhos, produzindo novos olhares. Uberlândia: EDUFU, 2009, v.1.

Este livro é resultado de um curso de aperfeiçoamento na modalidade a distância, oferecido pela UFU e pelo Centro de Ensino, Pesquisa, Extensão e Atendimento em Educação Especial (CEPAE), em parceria com o MEC e a UAB. É voltado para a formação de docentes para atuar na educação de pessoas surdas, a partir da exploração de conteúdos curriculares básicos, presentes na 1ª fase do ensino fundamental. O livro está organizado em módulos que tratam da surdez, da Libras, das políticas públicas e da inclusão educacional. Os autores apresentam, ainda, discussões e estratégias apropriadas para o trabalho com o aluno Surdo no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa como segunda língua, Geografia, História, Ciências e Matemática.



MÓDULO

INTRODUÇÃO

À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
IDENTIDADE E FAMÍLIA

Sumário Quinzenal

Conteúdos básicos do módulo 2

Introdução à Língua Brasileira de Sinais - Identidade e Família

- História da Língua Brasileira de Sinais
- Libras é Língua
- Mitos sobre a Língua Brasileira de Sinais
- Terminologias utilizadas
- Parâmetros para a formação dos sinais
- Alfabeto Manual
- Nome na Libras – o “Sinal”
- Pronomes pessoais e possessivos na Libras

Objetivos do módulo

Ao final do estudo do módulo 2 da disciplina Língua Brasileira de Sinais, esperamos que você possa alcançar os seguintes objetivos:

- apresentar aspectos históricos que levaram a Língua Brasileira de Sinais ao reconhecimento, demarcando o seu espaço atual;
- apresentar as principais características, estrutura e gramática da Libras;
- apontar algumas diferenças existentes entre a Libras e a Língua Portuguesa;
- desmistificar concepções equivocadas sobre a Libras;
- esclarecer algumas terminologias utilizadas;
- apresentar a gramática da Libras: parâmetros para a formação dos sinais, configurações de mão e alfabeto manual, pronomes pessoais e possessivos;
- introduzir a prática de comunicação na Libras, por meio de diálogos e frases em situações de contexto, como: “Encontro entre amigos”, “Minhas características”, “O lugar onde eu moro” e “Minha família é assim...”.

I – TEXTO BÁSICO

1.1 História da Língua de Sinais Brasileira



FIGURA 17

Prezado(a) aluno(a):

Após termos discutido, no Módulo 1, a relação entre a história da pessoa surda e as abordagens sobre a linguagem, as políticas públicas efetivadas para a consolidação da educação de Surdos, vamos, neste momento, convidá-lo(la) a refletir especificamente sobre a Língua Brasileira de Sinais. Assim, este Módulo tratará sobre os aspectos que constituem a Libras enquanto Língua, sua estrutura linguística própria e a introdução a sua gramática. Nosso objetivo é possibilitar a você o conhecimento sobre as configurações das mãos, o alfabeto manual, os pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos e os advérbios de lugar.

Antes de iniciarmos esta parte do estudo, gostaríamos de saber o que você já conhece sobre essa língua.

- O que é Libras?
- Essa língua sempre existiu?
- Por que podemos considerar a Libras como uma língua?
- Se eu aprender Libras, posso me comunicar com qualquer Surdo, de diferentes partes do mundo?

Voltando a nossa primeira ilustração deste estudo, que nos mostra pessoas em uma caverna apontando para pinturas rupestres de gestos utilizados pelos Surdos, podemos perceber que a Língua de Sinais existe desde que a humanidade surgiu. Você também percebeu ao ler a história dos Surdos que vários estudiosos de outras épocas se debruçaram no estudo da comunicação dos Surdos.

Mas foi somente na década de 1960, como vimos no Módulo 1, que o linguista americano, William Stokoe, reconheceu a Língua de Sinais como língua. A genialidade de Stokoe foi provar que essa língua satisfazia a todos os critérios linguísticos de uma língua comum, sobretudo na capacidade de gerar um número infinito de proposições (SACKS, 1998, p. 88). Havia o entendimento na época de que essa língua era uma espécie de código gestual, apenas como um apoio à comunicação. Então, esse pesquisador percebeu que a Língua de Sinais era complexa e que tinha uma estrutura própria, ou seja, uma gramática própria, com localização, movimento e configurações de mão importantes para a efetivação da comunicação.

No cenário brasileiro, a Língua de Sinais utilizada pelos Surdos do nosso País, começou a sua história com a criação do Instituto Nacional de Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, em 1857, com a influência do professor Surdo francês Ernest Huet. A partir desse momento, os Surdos brasileiros tiveram a oportunidade de criar a sua própria língua, configurada, nessa época, como sendo uma mistura da Língua de Sinais Francesa com os sistemas de comunicação já usados pelos Surdos das mais diversas localidades.

Foi a partir da década de 1980, sob a influência das pesquisas desenvolvidas por Lucinda Ferreira, que a língua de sinais utilizada pelos Surdos das capitais do Brasil foi denominada como Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB). A pesquisadora apontou ainda que existia no Brasil a Língua de Sinais Urubus-Kaapor (LSKB), utilizada por índios Surdos da Amazônia. Outras pesquisas, realizadas nas duas últimas décadas, como as de Eulália Fernandes, Ronice Müller de Quadros, Lodenir Karnopp, Tanya Amara Felipe, Karin Strobel, Sueli Fernandes, comprovam o *status* linguístico da Língua Brasileira de Sinais, denominação utilizada oficialmente na nossa legislação.



Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas, por toda parte do mundo, que estão inseridas em “Culturas Surdas”, possuem suas próprias línguas, existindo, portanto, muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena, Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chinesa, Uruguaia, Russa, Urubus-Kaapor, citando apenas algumas. Estas línguas são diferentes uma das outras e independem das línguas oral-auditivas utilizadas nesses e em outros países (Felipe, 1997).

Assim, a Lei n. 10.436/2002, conhecida como Lei de Libras, definiu a Língua Brasileira de Sinais como uma forma de comunicação e expressão, cujo sistema linguístico é de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, utilizada pelas comunidades de pessoas surdas do Brasil.

De acordo com Felipe (1997), pesquisas sobre as Línguas de Sinais demonstram que essas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer outras línguas orais. Essas línguas expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda, além de ser possível utilizá-la com função estética para fazer poesias, histórias, teatro e humor. Como toda língua oral, as Línguas de Sinais não são universais, cada país tem sua própria língua com estrutura gramatical diferente. Ainda na visão da autora, a Libras, como toda Língua de Sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, tal língua diferencia-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva.

É importante frisar que a Lei nº. 10.436 reconhece a comunicação utilizada pelos Surdos brasileiros como “Língua” e não como “Linguagem”, terminologia utilizava comumente pelas pessoas leigas no assunto. Diante disso, entender os conceitos de língua e linguagem é também um ponto importante para a compreensão da comunicação do Surdo.

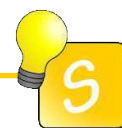
Língua: é um sistema de signos compartilhado por uma comunidade linguística comum. A fala e os sinais são expressões de diferentes línguas. A língua é um fato social, ou seja, um sistema coletivo de uma determinada comunidade linguística. A língua é a expressão linguística que é tecida em meio a trocas sociais, culturais e políticas. As línguas naturais apresentam propriedades específicas da espécie humana: são recursivas (a partir de um número reduzido de regras, produz-se um número infinito de frases possíveis), são criativas (ou seja, independentes de estímulo), dispõem de uma multiplicidade de funções (função argumentativa, poética, conotativa, informativa, persuasiva, emotiva, etc.) e apresentam dupla articulação (as unidades são decomponíveis e apresentam forma e significado) (BRASIL, 2004, p. 7).

Linguagem: é utilizada num sentido mais abstrato do que língua, ou seja, refere-se ao conhecimento interno dos falantes-ouvintes de uma língua. Também pode ser entendida num sentido mais amplo, ou seja, incluindo qualquer tipo de manifestação de intenção comunicativa como, por exemplo, a linguagem animal e todas as formas que o próprio ser humano utiliza para comunicar e expressar ideias e sentimentos além da expressão linguística (expressões corporais, mímica, gestos, etc.) (BRASIL, 2004, p. 8).

Para Capovilla (2001), citado por Sassaki (2005), “Língua define um povo. Linguagem, um indivíduo”. Assim, do mesmo modo como o povo brasileiro é definido por uma língua ou idioma em comum, o Português (que o distingue dos povos de outros países), a comunidade surda brasileira é definida por uma língua em comum, a Língua de Sinais Brasileira. “As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social” (QUADROS; SCHMIEDT, 2006, p. 13).

Entretanto, ainda há muitos mitos que rodeiam o imaginário popular sobre a Libras, o que revela uma compreensão equivocada e desconhecimento sobre o seu *status* linguístico. Muitas pessoas utilizam terminologias equivocadas para nomear a Língua de Libras, tais como mímica, código, alfabeto manual, linguagem dos sinais, linguagem do Surdo-mudo etc. Existem ainda aqueles que acreditam que Libras é realmente uma língua, mas que ela é limitada e expressa apenas informações concretas, não sendo capaz de transmitir ideias abstratas. Muitos acreditam também que a Libras é a Língua Portuguesa expressa com as mãos, na qual os sinais substituem as palavras. Outros pensam que ela é uma linguagem como a linguagem das abelhas ou do corpo, como a mímica, ou, ainda, que essa língua é somente um conjunto de gestos que interpretam as línguas orais. Para Felipe (2001), esses são pensamentos comuns para a maioria dos ouvintes que não tem contato com a Comunidade Surda.

De acordo com a Feneis, a Libras é composta por todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica (do significado), morfológico (da formação de palavras), sintático (da estrutura), pragmático (contexto em que é utilizada) e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos necessários para ser considerada como instrumento linguístico de poder e força. A Libras possui todos os componentes classificatórios identificáveis de uma língua, cujo aprendizado requer muita prática, como qualquer outra língua.



Saiba por que outras terminologias não são adequadas para se referir à Língua Brasileira de Sinais. Quais são os termos corretos? Linguagem de sinais? Língua de sinais? Língua de Sinais Brasileira? Libras? LIBRAS? LSB? Leia o texto de Romeu Sassaki “Nomenclatura na área da surdez” para saber mais!



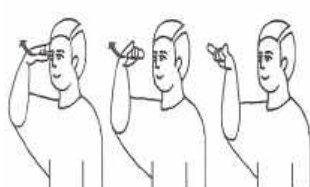
Em Libras os sinais são formados a partir da combinação entre diferentes parâmetros (formato e movimento das mãos, ponto ou espaço em que os sinais são realizados, expressão facial, orientação/direção dos interlocutores). Combinar esses elementos que formam os sinais é muito importante para um bom entendimento de como se processa a Libras e, em consequência, aprender a dominá-la de forma proficiente.

Outro importante aspecto a ser esclarecido é a comparação frequente que os ouvintes fazem entre a Libras e a Língua Portuguesa. Como se trata de uma língua visual-gestual, muitos tendem a pensar que é apenas a representação gestual da língua oral. É importante lembrarmos que a Libras não é derivada da Língua Portuguesa, ela é autônoma e tem sua gramática própria. Mais adiante em nosso estudo, você irá perceber que, dentre os vários aspectos que diferem a Libras da Língua Portuguesa, além da modalidade visual-gestual de uma e da oral-visual da outra, a construção frasal é diferente e distingue-se também pela ausência de conjunções, preposições e artigos.

1.2. Parâmetros para realização dos sinais na Libras

Conforme estudos de Ferreira (1995, 1997), Felipe (1997, 2001) e Quadros e Karnopp (2004), todas as línguas têm seus próprios parâmetros para a formação de palavras ou itens lexicais. A partir desses parâmetros, cada língua combina elementos que formam palavras e as palavras formam frases em um determinado contexto. Na Libras, assim como em todas as línguas de sinais, um item lexical é chamado de sinal. Um sinal é formado a partir da alteração nas combinações dos cinco parâmetros, descritos a seguir:

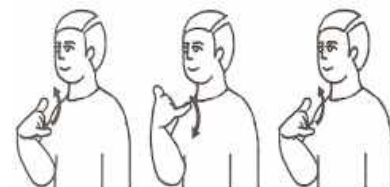
a) Configuração de mãos: É a forma que a mão assume ao realizar o sinal. Pode ser uma letra do alfabeto manual ou outras formas feitas pela mão dominante (mão direita para os destros, mão esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos do sinalizador. Há sinais feitos com as duas mãos configuradas na mesma forma e há aqueles feitos com as duas mãos em que cada mão está configurada de forma diferente da outra. Exemplo: TRABALHAR e TELEVISÃO – as duas mãos configuradas em L; XÍCARA – cada mão com uma configuração diferente de outra. Os sinais DESCULPAR, EVITAR e IDADE, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (letra Y). A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.



EVITAR



DESCULPAR



IDADE

As mãos podem assumir diversas formas de acordo com o alfabeto manual (datilologia), dos números, ou ainda outras formas comuns que a mão assume para realizar o sinal. Vamos listar a seguir algumas configurações de mão mais comuns na Libras:



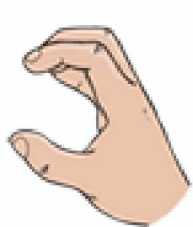
1

2

3

4

5



6



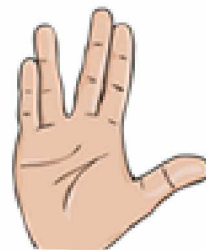
7



8



9



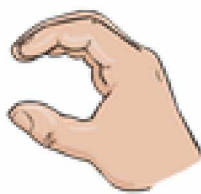
10



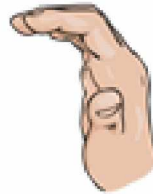
11



12



13



14



15



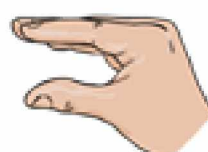
16



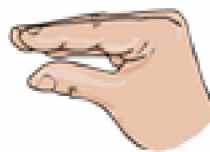
17



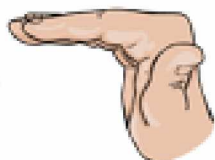
18



19



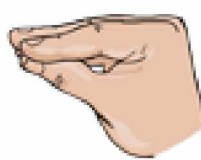
20



21



22



23



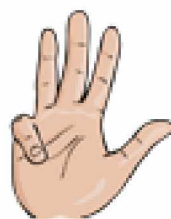
24



25



26



27



28



29



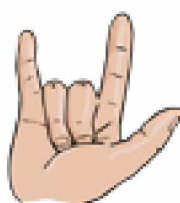
30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40



41



42



43



44



45



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55



56



57



58



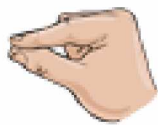
59



60



61



62



63



64



65



66



67



68



69



70



71



72



73



74



75



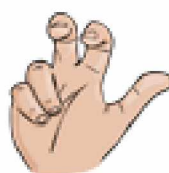
76



77



78



79



80



81



82



83



84



85



86



87



88



89



90



91



92



93



94

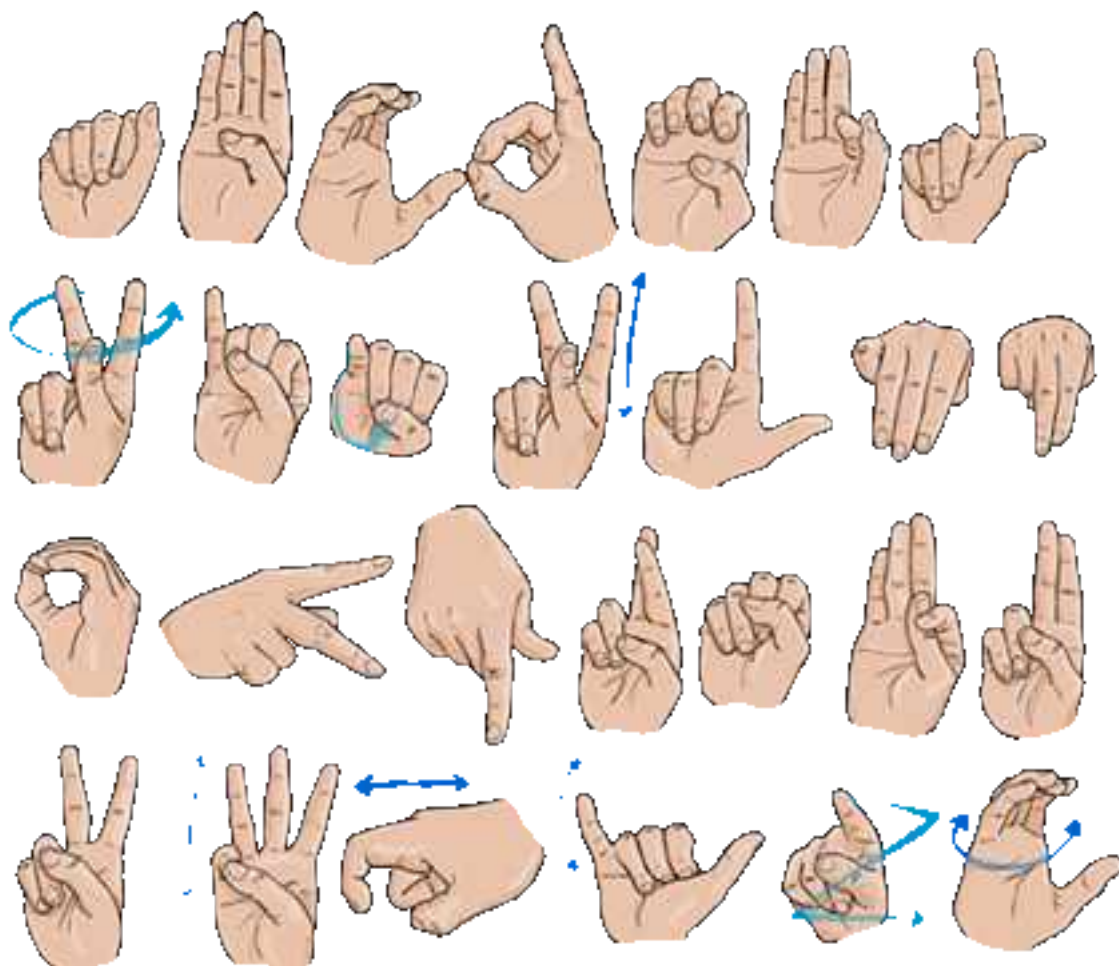
Conhecendo a Libras 1 - Alfabeto Manual

Dentre as configurações de mão listadas anteriormente podemos destacar as que representam o alfabeto manual. Muitos pensam que todos os sinais da Libras são constituídos a partir da soletração desse alfabeto. No entanto, a soletração manual das letras de uma palavra em português é apenas uma transposição das palavras da língua oral para o espaço das letras. O alfabeto manual ou datilologia é um sistema de representação das letras dos alfabetos das línguas orais e escritas por meio das mãos. É como se estivéssemos escrevendo no espaço por meio da soletração manual.

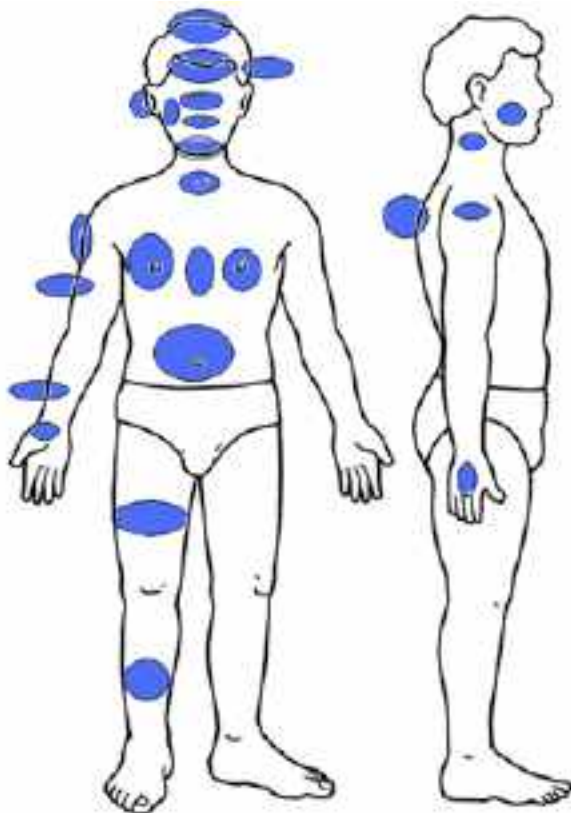
É aconselhável, para os iniciantes no aprendizado de Libras, soletrar devagar, posicionando a mão sempre de frente e visível para o interlocutor. Entre as palavras soletradas, é natural fazer uma pausa curta ou mover a mão direita para o lado esquerdo, como se estivesse “quebrando” a soletração, quando a palavra é composta.

Quando devemos usar a soletração manual ou datilologia?

- Para soletrar nomes próprios, de pessoas, ruas, lugares etc;
- Para soletrar uma palavra em português que ainda não tem um sinal em Libras;
- Para soletrar uma palavra em português que tem um sinal em Libras, o qual é desconhecido por uma pessoa, em geral, um ouvinte.

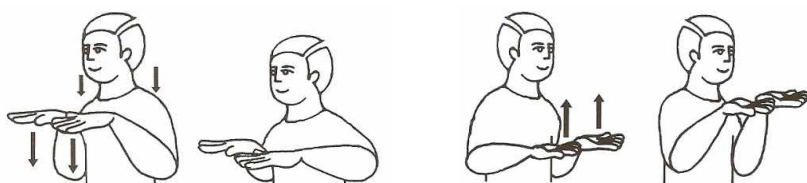


b) Ponto de articulação ou locação da mão – É o lugar onde a mão dominante realiza o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar perto dela, ou estar em frente ao corpo do emissor, no chamado espaço de enunciação (do meio do corpo até a cabeça). Exemplo: Os sinais TRABALHAR, BRINCAR, CONSERTAR são feitos no espaço neutro e os sinais ESQUECER, APRENDER e PENSAR são feitos na testa.



Para se comunicar em Libras não basta conhecer somente sinais isolados e o alfabeto manual, visto que este é apenas um recurso utilizado para soletrar nomes próprios e empréstimos linguísticos do Português. Assim, os Surdos não se comunicam apenas por meio do alfabeto manual e nem por palavras soltas. A Língua de Sinais é composta por uma gramática e um conjunto suficiente de sinais que, dentro de um contexto, podem traduzir toda e qualquer situação.

c) Orientação: É a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Estudiosos da Libras enumeram seis tipos de orientação da palma da mão: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda. Exemplo: AJUDAR – para frente, AJUDAR-ME – para o corpo. LEVANTAR – para cima, ABAIXAR – para baixo.



ABAIXAR

LEVANTAR

d) Movimento: Os sinais podem ter movimento ou não. Os movimentos podem envolver várias formas e direções, podem estar nas mãos, pulsos e antebraço. Os movimentos podem ser classificados por tipo, direcionalidade, maneira e frequência. Quanto à direcionalidade, os movimentos podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. A maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento. A frequência refere-se ao número de repetições de um movimento. Por exemplo, os sinais PENSAR e EM-PÉ não têm movimento; já os sinais TELEVISÃO e BICICLETA possuem movimento.



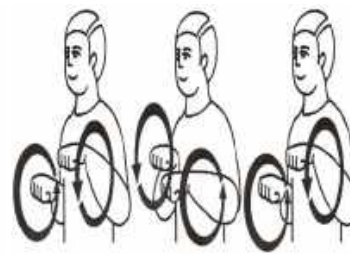
PENSAR



EM PÉ



TELEVISÃO

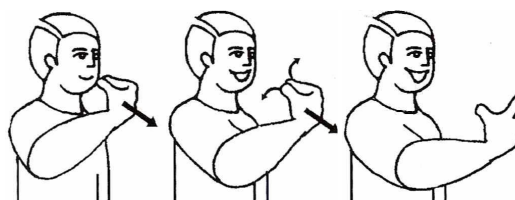


BICICLETA

e) Expressão facial e/ou corporal ou expressões não-manuais: Muitos sinais, além dos quatro parâmetros mencionados acima, têm em sua configuração também como traço diferenciador a expressão facial e/ou corporal, tais como os sinais de DOR e PIADA. Esses são movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco. As expressões não-manuais marcam os tipos de frases: interrogativa, exclamativa, negativa, afirmativa etc. Há sinais feitos somente com a bochecha, como LADRÃO, ATO SEXUAL; sinais feitos com a mão e a expressão facial, como o sinal BALA, e há ainda sinais em que sons e expressões faciais complementam os traços manuais, como os sinais de HELICÓPTERO e MOTO.



DOR



PIADA

Conhecendo a Libras 2 - Expressões faciais na Libras



CALMA



FELIZ



NERVOSO



ÓDIO



SAUDADE



TRISTE



MEDO



CORAGEM



GORDO



MAGRO



PEQUENO



GRANDE



FINGIR



SURPRESA-BOA



DIFÍCIL



FÁCIL



BONITO



FEIO



PERDER



DESCANSAR



PREOCUPAR



ORGULHO



ANSIOSO



VERGONHA



VINGANÇA



FRACO



POR-FAVOR



ADMIRAR



PAQURAR



AMAR



ALEGRE



SURPRESA-RUIM



BÊBADO



FALSO



RAIVA



Os sinais, assim, são fruto da combinação desses quatro, ou cinco, parâmetros. Utilizar a Libras é, portanto, combinar esses elementos que formam as palavras e estas formam as frases em um contexto. No entanto, nem todos os sinais apresentam os cinco parâmetros, há sinais sem movimento e/ou sem expressão facial e há sinais feitos apenas com expressões não-manuais. Sendo assim, para conversar, em qualquer língua, não basta conhecer as palavras, é preciso aprender as regras de combinação dessas palavras em frases.

Conhecendo a Libras 3 - Nome na Libras - o “Sinal”

Agora vamos tratar de outro assunto que não poderia ser esquecido, quando o assunto é a iniciação no aprendizado da Libras! Na comunidade surda, não é comum usar a soletração manual para se referir ao nome de alguém. As pessoas, geralmente, têm um sinal próprio que representa seu nome.

Quando as pessoas são apresentadas umas às outras, elas dizem seus primeiros nomes após os cumprimentos. Na comunidade surda, além de dizer o nome, utilizando a soletração manual, a pessoa surda primeiro se apresenta pelo seu sinal, que lhe foi dado pela comunidade da qual faz parte. Esse sinal representa seu nome em Libras, que pode ter-lhe sido atribuído devido a uma característica própria, ou estar relacionado com sua personalidade ou ainda com sua profissão:

1. Representar uma característica da pessoa. Exemplo: pinta no rosto, “cavinhas” no rosto, bigode, formato dos olhos, da sobrancelha, cabelos etc.
2. Representar a profissão de uma pessoa e uma característica. Exemplo: professor + magro, cozinheira + cabelo encaracolado.

Conhecendo a Libras 4 - Pronome na Libras

Na Libras também há uma forma de representar as pessoas do discurso, ou seja, há um sistema pronominal. Assim como na Língua Portuguesa, na Libras, uma pessoa surda pode omitir a primeira pessoa porque, pelo contexto e pela interação, essa posição fica claramente demarcada. Outra possibilidade de utilização do sistema pronominal em um determinado evento comunicativo é quando um dos interlocutores usa a primeira pessoa para dar ênfase à frase, marcando a pessoa do discurso.

Podemos relacionar como pronomes pessoais os sinais de: EU, ELE/ELA, VOCÊ, VOCÊS, NÓS, NÓS DOIS, NÓS TRÊS, NÓS QUATRO.

Os pronomes possessivos não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso e não à coisa possuída, como acontece em Português:

- MEU/MINHA: mão aberta batendo no peito do emissor
- TEU/SEU: mão em “P”, movimento em direção à pessoa referida
- DELE/DELA: mão em “P”, movimento em direção à pessoa referida

Já os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar também têm o mesmo sinal, sendo diferenciados no contexto:

- ESTE/AQUI: olhar para o lugar apontado, perto da 1ª pessoa;
- ESSE/ÁÍ: olhar para o lugar apontado, perto da 2ª pessoa;
- AQUELE/LÁ: olhar para o lugar distante apontado.

Diferentemente do Português, os pronomes pessoais e possessivos não possuem marca para gênero (masculino e feminino).



II – ATIVIDADES DO TEXTO BÁSICO

1. Prezado(a) aluno(a), responda às perguntas a seguir, dissertando sobre os temas abordados no Módulo 2, de forma a demonstrar sua compreensão a respeito do que foi estudado:

- a) O que é Libras?
- b) Você considera que a Libras é uma língua verdadeira, capaz de expressar conceitos abstratos e discutir qualquer assunto?

c) Quais as principais diferenças podem ser destacadas entre a Libras e a Língua Portuguesa?

d) Quais são os parâmetros utilizados para a comunicação em Libras?

2. Todas as alternativas estão corretas **exceto**:

- a) () Nas línguas de Sinais podem ser encontrados 05 parâmetros que, juntos, dão forma e significado ao sinal.
- b) () O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas oral-auditivas é considerado como “sinais” nas línguas de sinais.
- c) () Devido à característica visual-gestual da Libras, é possível utilizá-la ao mesmo tempo em que falamos a Língua Portuguesa, que é oral-auditiva.
- d) () Existem sinais que podem ser realizados com as duas mãos e aqueles realizados com apenas uma mão.

3. Sobre a Língua de Sinais marque a alternativa **correta**.

- a) () A Língua de Sinais é uma língua universal.
- b) () A Libras é uma língua visual-gestual, possui uma gramática própria e preenche todos os requisitos necessários para ser considerada língua.
- c) () Na Língua de Sinais o ponto de articulação é o parâmetro menos importantes para a compreensão da frase.
- d) () A Língua de Sinais é o único meio de comunicação do Surdo.

4. Assinale as proposições a seguir como verdadeiras (V) ou falsas (F):

() A Língua de Sinais passou a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão dos Surdos brasileiros a partir da Lei nº. 10.436/2002.

() Apesar de William Stokoe ter sido um importante pesquisador da Língua de Sinais, antes dele essas línguas já eram muito conhecidas e respeitadas em todo o mundo.

() A Língua Brasileira de Sinais teve influência da Língua de Sinais Francesa devido ao professor Surdo francês Ernest Huet.

() A Libras, apesar de ser reconhecida como língua, não permite aos seus usuários Surdos discutir assuntos mais complexos, como religião, filosofia, literatura e política.

() As Línguas de Sinais não são universais, cada país tem sua própria língua com estrutura gramatical diferente.

() A Libras é um tipo de linguagem que permite ao usuário expressar-se por meio de mímicas, gestos e expressões, ideias e pensamentos da comunidade surda brasileira.

() Cada Surdo e pessoa que se relaciona de alguma forma com a comunidade surda tem um sinal próprio que representa o seu nome.

() O ponto de articulação de um sinal refere-se ao movimento que esse sinal pode adquirir na comunicação em Libras.

III - DIÁLOGOS EM LIBRAS

A partir deste momento, daremos início à conversação em Libras. Apresentaremos as características da língua por meio de diálogos e frases em situações de contexto. Os diálogos exploram situações do dia a dia e foram organizados com uma estrutura frasal mais simples para o aluno iniciante no aprendizado de Libras.

Você, aluno(a), contará com a ajuda, no Ambiente Virtual de Aprendizagem, de um Dicionário que traz uma lista de todos os sinais utilizados nos diálogos da nossa disciplina, com seus respectivos significados. A ideia é que você assista primeiro ao vídeo e só depois consulte o dicionário para tirar dúvidas sobre os sinais que não entendeu, certo?

Lembre-se de que, apesar de o nosso material ser utilizado como instrumento didático principal nesta disciplina, a melhor maneira de aprender a Libras é praticando-a constantemente com usuários dessa língua. Assim, durante toda a disciplina, não tenha receio de procurar uma pessoa surda para se comunicar. Explique a ela que você está aprendendo Libras! Demonstre o seu interesse em conhecer mais sobre essa Língua tão rica e instigante!

Pense nesta disciplina como um primeiro passo. Aprender Libras exige anos de estudo, dedicação e convívio com a comunidade surda para adquirir fluência e constante atualização.

Vamos lá?!

Diálogo 1 - Encontro entre amigos

Objetivo: explorar soletração utilizando o alfabeto manual, saudações, “sinal” na Libras, pronomes pessoais, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Oi, boa tarde!
- b) Oi, boa tarde! Tudo bem com você?
- a) Tudo bem. Hoje você irá conhecer meu amigo.
- b) Que legal!
- a) Nós vamos ao cinema, você quer ir?
- b) Hoje eu não posso.
- a) Que pena! Veja, ele chegou!
- c) Tudo bem?
- b) Tudo bem!
- a) Este é meu amigo!
- b) Boa Tarde! Qual é o seu nome?
- c) Meu nome é P-A-U-L-O e o seu?
- b) Meu nome é K-L-E-Y-V-E-R.
- c) Você tem sinal?
- b) Sim, meu sinal é..... e o seu?
- c) Meu sinal é ...
- a) A Cida sempre fala sobre você.
- b) Nós dois nos conhecemos desde criança.
- a) Eu convidei o kleyver para ir ao cinema, mas ele não quer.
- c) Por quê? Nós três vamos!
- b) Hoje não posso, preciso estudar.
- c) Que pena! Foi bom conhecer você.
- b) Obrigado!

- a) Vamos?! Não podemos atrasar.
- c) Vamos! Tchau!
- b) Tchau!

Diálogo 2 - Minhas características

Objetivo: explorar características físicas, soletração manual, cores, masculino e feminino, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Com licença!
- b) Pode entrar.
- a) Tudo bem?
- b) Tudo bem e você?
- a) Tudo bem. Preciso da sua ajuda.
- b) O que eu posso lhe ajudar?
- a) Estou procurando 4 alunos. Eles pararam de vir à escola.
- a) Você conhece uma aluna chamada M-A-R-I-A?
- b) Não conheço. Como ela é?
- a) Ela é magra, negra, alta, cabelo preto, liso, curto e tem os olhos castanhos.
- b) Eu não lembro!
- a) A segunda aluna é a C-A-R-L-A. Ela é morena, tem o cabelo grande, encaracolado e loiro.
- b) Não, a C-A-R-L-A não é minha aluna.
- a) O terceiro nome um homem, o nome dele é A-L-E-X. Você conhece?
- b) Parece que conheço! Ele é baixo, pele branca, cabelo ondulado e tem os olhos verdes?
- a) Certo, ele é careca também.
- b) Certo.
- a) O quarto aluno é o R-A-F-A-E-L. Ele tem o cabelo colorido: verde, amarelo, vermelho e roxo.
- b) Ah, conheço sim, é meu aluno.
- a) Que alívio! Avise para ele me procurar na sala que preciso conversar com ele.
- b) Se encontrar eu aviso a ele para procurar você na sua sala.
- a) Obrigada pela ajuda! Desculpe atrapalhar a sua aula.
- b) Ok. Por nada. Tudo certo!
- a) Tchau!
- b) Tchau!

Diálogo 3 - O lugar onde moro

Objetivo: trabalhar localização, perspectiva, números, endereços, cumprimentos, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Oi, tudo bem?
- b) Tudo bem!
- a) Meu nome é J-O-S-É e estou procurando um endereço.
- b) Eu moro por aqui e conheço a região. Acho que posso te ajudar.
- a) Estou aflito, pois estou perdido!
- b) Ah, você não mora aqui?
- a) Não, moro em Patos de Minas.
- b) Como eu posso te ajudar?
- a) Eu vou para o Santa Mônica.
- b) Então, eu moro no Saraiva, fica bem perto.
- a) Você sabe qual ônibus eu posso pegar?
- b) Eu sei. Tem dois ônibus: o 123 ou 145.
- a) Você sabe qual é o ponto?

- b) Não sei.
- a) Estou procurando a Rua Z-A-C-A-R-I-A-S, número 734.
- b) Não conheço.
- a) Fui informado que fica perto da padaria e da igreja.
- b) Ah, lembrei. Você desce no segundo ponto da Avenida J-O-Ã-O N-A-V-E-S.
- a) Muito obrigado!
- b) Por nada!
- a) Tchau!
- b) Tchau!

Diálogo 4 - Minha família é assim...

Objetivo: explorar sinais para representar os membros da família, graus de parentesco, sentimentos, idades, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Olá, tudo bem?
- b) Tudo bem!
- a) É a sua família?
- b) Sim.
- a) A sua família é grande!
- b) Sim, minha família é grande. E a sua?
- a) A minha família é pequena.
- b) Quantos irmãos você tem?
- a) Tenho três irmãos e você?
- b) Tenho 7 irmãos: 3 mulheres e 4 homens.
- a) Quantos anos tem o mais velho e o mais novo?
- b) O mais velho tem 31 anos e o mais novo 25 anos.
- a) Seus irmãos são solteiros ou casados?
- b) Tenho 2 irmãos solteiros, 3 casados e 2 estão namorando.
- a) Quantos anos têm seus pais?
- b) A minha mãe tem 58 e o meu pai 68. Eles são divorciados.
- a) Adorei conhecer a história de sua família.
- b) A minha família é muito grande e somos unidos.
- a) Desculpa, agora preciso ir! Depois nos encontramos e você me apresenta sua irmã.
- b) Ok, cunhado! Tchau!
- a) Tchau!
- b) Tchau!



IV - ATIVIDADES DOS DIÁLOGOS EM LIBRAS

Prezado(a) aluno(o):

Neste momento, você fará no AVA as atividades que envolvem a compreensão dos diálogos em Libras.

São 4 exercícios de cada diálogo, totalizando 12 questões de múltipla escolha. As questões são em Libras e as opções de resposta são em Língua Portuguesa. Você pode repetir o vídeo da questão quantas vezes achar necessário. Depois, marque uma única opção de resposta.

V - FAÇA VOCÊ MESMO(A)

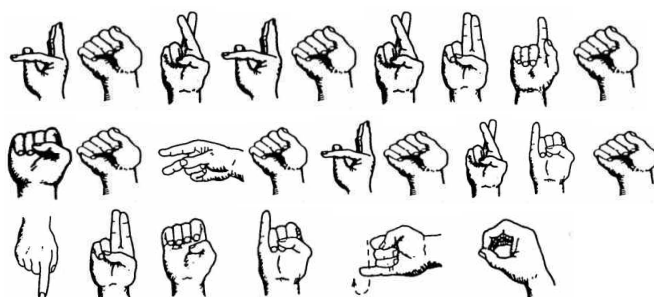
Prezado(a) aluno(a):

As atividades do “Faça você mesmo(a)” foram pensadas para você exercitar a Libras, individualmente ou com os seus colegas de turma. Você também pode pedir a colaboração de alguns amigos ou familiares! Não é necessário postar essas atividades no AVA.

1. Vocês entenderam o que é datilologia? Agora vamos exercitá-la com o diálogo abaixo:

Aluno 1	Aluno 2
Qual é o seu nome?	Meu nome é L-A-U-R-A.
Onde você mora?	Eu moro em U-B-E-R-L-A-N-D-I-A.
Qual é o nome de sua rua?	Rua C-A-R-M-E-L-I-T-A.
Qual é o seu bairro?	Bairro S-A-N-T-A M-Ô-N-I-C-A.
Qual o ônibus que passa no seu bairro?	Ônibus 175 S-A-N-T-A M-Ô-N-I-C-A.

2. Escreva a palavra correspondente a soletração:



3. Observe as pessoas famosas e dê um sinal a elas:



4. A partir dos sinais e frases vistos no Módulo 2, separe uma caixa e coloque dentro dela todos eles, sinal por sinal, ou frases deste Módulo, de acordo com o nível de dificuldade que você desejar. O ideal é que essa dinâmica seja feita em dupla ou em grupo. Siga os passos a seguir para realizar a “Dinâmica da Caixinha”:

- Recorte as principais palavras deste módulo e coloque-as numa caixa;
- Sorteie uma palavra. Em seguida, tente realizar o sinal;
- Repita o sorteio várias vezes e anote os sinais que você não conseguiu realizar;
- Depois, tente formar frases em Libras com esses sinais;
- Ao final da atividade veja: quantos sinais conseguiu reproduzir? Quantas frases conseguiu formar?
- Caso não tenha se saído muito bem nesta atividade, retome o estudo do módulo!

VIII - SÍNTESE DO MÓDULO

Caro(a) aluno(a):

Chegamos ao final do módulo 2! Esperamos que você tenha compreendido a história da Língua Brasileira de Sinais, sua origem, sua gramática e diferenças.

Neste módulo 2 aprendemos sobre:

- a história da Língua Brasileira de Sinais
- a Libras é Língua
- os mitos sobre a Língua Brasileira de Sinais
- as terminologias utilizadas
- os parâmetros para a formação dos sinais
- o Alfabeto Manual
- o nome na Libras – o “Sinal”
- os pronomes pessoais e possessivos na Libras



IX - BIBLIOGRAFIA ADICIONAL COMENTADA

Prezado (a) aluno (a):

Após o estudo deste módulo, recomendo alguns livros e um dicionário fundamentais para iniciarmos o estudo da gramática da Libras:

FELIPE, T. A; FERREIRA, L. Fascículo 7: A Língua Brasileira de Sinais. In: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Educação Especial: Deficiência Auditiva**. Org. RINALDI, G. *et al.* Brasília: 1997.

Este material foi produzido pela Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, objetivando a divulgação de conhecimentos técnico-científicos referentes às práticas pedagógicas na educação de alunos com deficiência. Um volume completo foi dedicado às discussões sobre a surdez, mas o fascículo 7, trata especificamente da Libras, sua origem, estrutura e gramática, de forma resumida. Acesse a Biblioteca no AVA para ter acesso a essa obra em formato pdf!

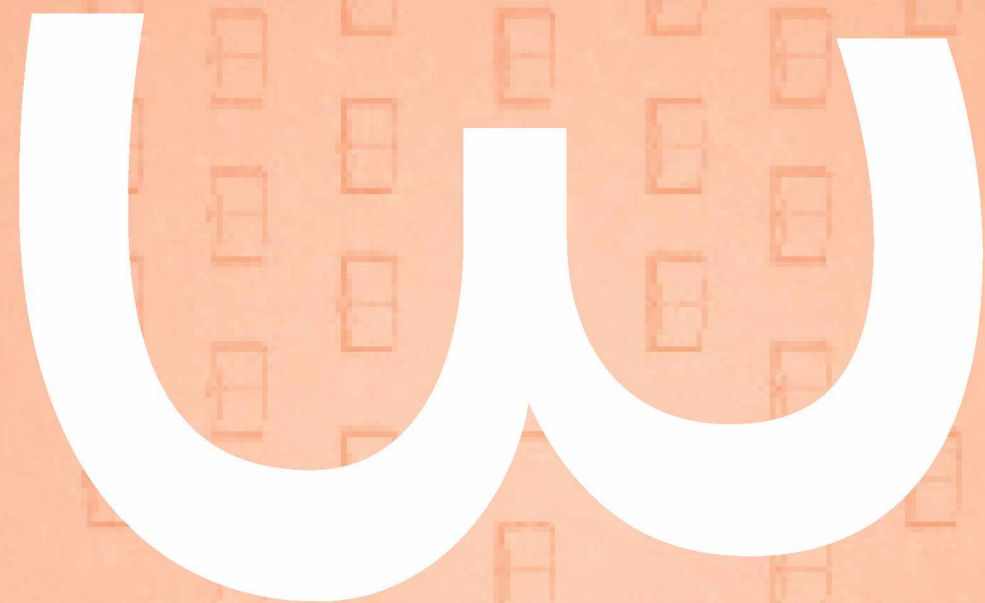
QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B.. **Língua de Sinais brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre. Artes Médicas. 2004.

As autoras desse livro estão entre os melhores tradutores da Libras em nosso País. O livro oferece uma fonte imprescindível para a aprendizagem, compreensão, análise e uso da Língua Brasileira de Sinais, ricamente ilustrado por fotos. Assim, os autores descrevem e analisam essa Língua, centrando foco nos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos.

Dica de dicionário:

Dicionário Acesso Brasil

Excelente Dicionário Digital de Língua Brasileira de Sinais *on-line*, onde podemos buscar o sinal por assunto, palavra ou configuração de mão, além de obtermos a definição da palavra e os exemplos de frases utilizando o sinal pesquisado. Esse dicionário foi desenvolvido pelo Centro de Referência do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – com o apoio da SEESP - Secretaria de Educação Especial do MEC – Ministério da Educação. Sua primeira versão foi concluída em março de 2001 e devido a sua facilidade de acesso é hoje o dicionário mais consultado por pessoas que querem aprender Libras. Acesse-o no seguinte endereço: <http://www.acessobrasil.org.br/libras/>



Módulo

INTRODUÇÃO

À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
ESTUDOS, TRABALHO E DIVERSÃO

Sumário Quinzenal

Conteúdos básicos do módulo 3

Introdução à Língua Brasileira de Sinais - Estudos, Trabalho e Diversão

- Estrutura linguística da Libras
- Sinais simples e sinais compostos
- Estrutura frasal
- Numerais
- Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar

Objetivos do módulo

Ao final do estudo do módulo 3 da disciplina Língua Brasileira de Sinais, esperamos que você possa alcançar os seguintes objetivos:

- apresentar a gramática da Libras: estrutura linguística e frasal, sinais simples e sinais compostos, os numerais, os pronomes demonstrativos e advérbios de lugar;
- introduzir a prática de comunicação na Libras, por meio de diálogos e frases em situação de contexto, como: “Minha agenda mensal”, “Quando será a festa”, “Procurando emprego” e “A visita ao Banco”.

I – TEXTO BÁSICO

1.1 Estrutura linguística da Libras



FIGURA 18

Prezado(a) aluno(a):

Nesta parte do nosso estudo, tomaremos por base as discussões realizadas por Ferreira (1997), Strobel e Fernandes (1998) e Quadros e Karnopp (2004). Todas essas pesquisadoras afirmam, de diferentes formas, que a Libras utilizada pela Comunidade Surda brasileira é organizada espacialmente, de forma tão complexa quanto a Língua Portuguesa, porém, baseada em uma comunicação visual-gestual. Podemos apontar, inclusive, que a Libras é dotada de uma gramática organizada a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de um léxico (conjunto de palavras da língua) que se estruturam com base em mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos. Esses mecanismos possibilitam a produção de um número infinito de construções por meio de um número finito de regras.

Na Língua Portuguesa, ao escrevermos uma palavra, por exemplo, “brincar”, temos sete letras, ou grafemas componentes da palavra. Em Libras, as unidades mínimas ou componentes do sinal são os parâmetros: ponto de articulação (PA), configuração de mão (CM), movimento (M), expressão facial e corporal (E), orientação (O). O sinal de “brincar” poderia ser explicado da seguinte maneira:

- CM: duas mãos configuradas em Y
- PA: em frente ao peito
- M: circular e contínuo entre os dois dedos mínimos
- O: palmas voltadas para o corpo
- E: feliz

Podemos observar pela descrição das unidades mínimas de “brincar”, em Libras, e em português, que as características das unidades dos sinais são espaciais. Assim como a Língua Portuguesa é composta de sons que formam palavras (fonemas), de palavras que formam frases, e de frases que formam textos, a Libras também é composta de pequenas partes que são combinadas para formar sinais (palavras), frases e textos, de forma diferenciada do português.

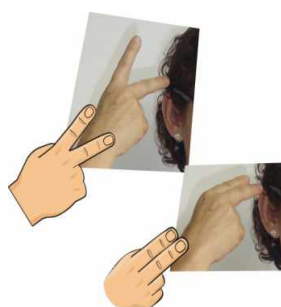
Podemos perceber, então, que assim como as diferentes línguas existentes no mundo, com seus próprios parâmetros para a formação de palavras, a Libras também se estrutura a partir de unidades mínimas espaciais que são distintas entre si, ou seja, quando substituídas uma por outra, geram um significado distinto:

- **Língua Portuguesa:** mata, pata, bata, lata
- **Libras:** sábado, laranja, aprender

Ou seja, ao trocarmos apenas uma letra na Língua Portuguesa, mudamos completamente o significado da palavra. Assim como na Libras, os sinais de “sábado”, “laranja” e “aprender” são realizados com a mesma configuração de mão, porém, em pontos de articulação diferentes. Desse modo, esses sinais adquirem sentidos diferentes.

No que se refere à formação dos sinais, podemos distinguir alguns casos interessantes. Por exemplo, alguns sinais que na Língua Portuguesa se referem a duas ou mais palavras, como “não poder”, “comer melancia”, “falar sem parar”, “não saber”, “sentar na cadeira”, “trabalhar muito”, “comer muito”, “cortar o cabelo”, na Libras essas palavras são representadas por um único sinal. Por exemplo, ao sinalizar “trabalhar muito”, não será necessário fazer o sinal de “trabalhar” e depois o sinal de “muito”. Bastará o sinalizador repetir o sinal de “trabalhar”, intensificando o número de movimentos e fazendo uma expressão facial. De forma semelhante, ao incorporar o movimento de negação com a cabeça, não será necessário sinalizar “não” e depois “poder”, uma vez que existe um sinal próprio para representar “não poder” em Libras.

Existem, também, sinais que são palavras simples na Língua Portuguesa, mas que em Libras tornam-se compostos, como é o caso do sinal de “escola” (casa + estudar), “açogue” (casa + carne), “padaria” (casa + pão), “igreja” (casa + cruz). Tais sinais são formados por meio de um processo denominado composição, isto é, a junção de dois sinais simples que dão origem a formas compostas.



CORTAR-CABELO

$$a) v_m = \frac{d(20) - d(10)}{20 - 10} = \frac{20^2 - 10^2}{20 - 10} = \frac{400 - 100}{10} = 30 \text{ m/s}$$

$$b) v_m = \frac{d(11) - d(10)}{11 - 10} = \frac{11^2 - 10^2}{11 - 10} = \frac{121 - 100}{1} = 21 \text{ m/s}$$

CASA + CARNE

$$\begin{aligned} a) \lim_{x \rightarrow 2} (4x^2 + 5x - 7) &= \lim_{x \rightarrow 2} (4x^2) + \lim_{x \rightarrow 2} (5x) - \lim_{x \rightarrow 2} (7) = 4 \lim_{x \rightarrow 2} (x^2) + 5 \lim_{x \rightarrow 2} (x) - \lim_{x \rightarrow 2} (7) = \\ &= 4 \lim_{x \rightarrow 2} (x) \cdot \lim_{x \rightarrow 2} (x) + 5 \lim_{x \rightarrow 2} (x) - 7 = 4(2)^2 + 5(2) - 7 = 16 + 10 - 7 = 19 \\ b) \lim_{x \rightarrow 2} \sqrt{\frac{x^2 + 9x + 3}{x^2 - 1}} &= \sqrt{\lim_{x \rightarrow 2} \frac{x^2 + 9x + 3}{x^2 - 1}} = \sqrt{\frac{\lim_{x \rightarrow 2} (x^2 + 9x + 3)}{\lim_{x \rightarrow 2} (x^2 - 1)}} = \\ &= \sqrt{\frac{\lim_{x \rightarrow 2} (x^2) + \lim_{x \rightarrow 2} (9x) + \lim_{x \rightarrow 2} (3)}{\lim_{x \rightarrow 2} (x^2) - \lim_{x \rightarrow 2} (1)}} = \sqrt{\frac{\lim_{x \rightarrow 2} (x) \cdot \lim_{x \rightarrow 2} (x) + 9 \lim_{x \rightarrow 2} (x) + \lim_{x \rightarrow 2} (3)}{\lim_{x \rightarrow 2} (x) \cdot \lim_{x \rightarrow 2} (x) - \lim_{x \rightarrow 2} (1)}} = \\ &= \sqrt{\frac{2^2 + 9 \cdot 2 + 3}{2^2 - 1}} = \sqrt{\frac{9 + 18 + 3}{4 - 1}} = \sqrt{\frac{30}{3}} = \sqrt{10} \end{aligned}$$

= AÇOUGUE

Outra particularidade da Libras é a sua **estruturação frasal** que é diferente do ponto de vista estrutural da Língua Portuguesa. Com relação a sua “Estrutura Sintática”, Strobel e Fernandes (1998, p. 15) esclarecem que a Libras não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque esta tem uma gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias, que refletem a

forma de o Surdo processar suas ideias com base na percepção visual-espacial da realidade. As autoras fornecem alguns exemplos para ilustrar a estrutura sintática da Libras:

Libras: IDADE VOCÊ (expressão facial de interrogação)

Português: “Quantos anos você tem?”

Libras: FLOR EU-DAR MULHER BÊNÇÃO (verbo direcional)

Português: “Eu dei a flor para a mamãe.”

A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias da Libras. Tais regras refletem a forma como o Surdo processa suas ideias com base em sua percepção visual-espacial da realidade. Enquanto a ordem predominante da estrutura da Língua Portuguesa é **sujeito/verbo/objeto**, na Libras, a frase, geralmente, possui uma **sequência topicalizada** que pode variar de acordo com o contexto. Vejamos o exemplo abaixo:

- **Sujeito/ verbo / objeto:** Maria gosta de sorvete.
- **Tópico-comentário:** SORVETE M-A-R-I-A GOSTAR

Observe que escrevemos de uma forma gramaticalmente “incorreta” do ponto de vista da Língua Portuguesa. No entanto, o “sistema de notação em palavras” para o registro escrito da Libras é aceito pela Feneis para facilitar a exemplificação da estrutura de uma frase em Libras. Isso acontece por meio da escrita do nome dos sinais que seriam utilizados para sinalizar

uma frase, considerando as diferenças gramaticais da Libras. Observe que além de a ordem do enunciado ter sido alterada, o verbo foi escrito no infinitivo, o nome próprio foi colocado em caixa alta e separado por hífen, indicando que foi sinalizado utilizando o alfabeto Manual.

Além disso, o tópico apresenta uma ênfase especial posicionada no início da frase e é seguido de comentários a respeito desse assunto. Assim, a estrutura da Libras é construída numa perspectiva “de macro a micro”, ou seja, do geral para o específico, do que é mais importante ser “destacado” no discurso. No caso das sentenças acima, os tópicos seriam realizados com sobranceiras erguidas e cabeça levemente inclinada para trás e depois, o comentário, com movimento afirmativo com a cabeça.

Na maioria dos casos, a Libras parece preferir a topicalização e o verbo no final da sentença, como no exemplo anterior. A ordem tópico-comentário é realmente a preferida pela comunidade surda, principalmente quando não há restrições que impeçam certos constituintes de se deslocarem. Porém, um grande número de sentenças sempre aparece na ordem sujeito/verbo/objeto ou verbo/objeto, como pode ser visto no exemplo abaixo:

- VOCÊ LER JORNAL (sujeito/ verbo / objeto)
- NÃO-ENXERGAR VOCÊ (verbo / objeto)

Veja um exemplo de como a diferença estrutural da Libras reflete na maneira como o Surdo escreve. Você poderá pensar: mas por que o Surdo escreve assim? Ele não deveria escrever obedecendo as normas da Língua Portuguesa?

Bem, é preciso lembrar que os sujeitos ouvintes, ao aprenderem uma segunda língua (L2), usam a sua língua materna, ou primeira língua (L1) como



Conheça mais alguns exemplos da estrutura da Libras:

Exemplo 1: Libras: **CASA EU IR.** (verbo direcional)

Português: Eu vou para casa. (para - não se usa em Libras, é incorporado ao verbo)

Exemplo 2: Libras: **FLOR EU-DAR MULHER BÊNÇÃO** (verbo direcional)

Português: Eu dei uma flor para a mamãe.

Exemplo 3: Libras: **IDADE VOCÊ** (expressão facial de interrogação)

Português: Quantos anos você tem?

estratégia para apoiar a aquisição e o desenvolvimento da aprendizagem da segunda língua. Nesse caso, estamos falando de duas línguas oral-auditivas. No caso da pessoa surda, a aquisição de uma L2, na sua modalidade escrita, como é o caso da Língua Portuguesa, não ocorre da mesma forma como para os ouvintes, pois os Surdos não têm o recurso auditivo que permite aos ouvintes associarem sons (fonemas) e palavra escrita. A dificuldade na escrita decorre do fato de o Surdo ter uma língua para escrever (a língua portuguesa, cuja estrutura é oral-auditiva) e outra para estruturar seu pensamento e se comunicar (a Libras, que é visual-gestual). Aliado a esse aspecto existem, ainda, as diferenças estruturais entre as duas línguas, conforme pode ser visto na explicação anterior sobre a “estrutura frasal na Libras”, exemplificada na mensagem de e-mail abaixo:

--- Original Message ----- From: XXXX
To: marisaXXXXX
Sent: Thursday, March 27, 2007 10:36 AM
Subject: Re: Curso online de Libras
Oi, Marisa!
tudo bem?
desculpa, eu nao veja e-mail fica tempo... hoje eu ver receber e-mail vc mandei pra comigo, obrigado pelo vc o que tem coisa la trabalho do software (montagem no computador)?
avisar! eu to aqui estudante continuo supletivo completos 2 grau, dezembro formatura depois pode livre eu vou penso la tipos trabalho software la lista? mas eu queria sabe o que tudo tipos montagem de microcomputador completos
mas eu trabalho particulo aqui minha casa, faz montagem de microcomputador... pessoalmente liga chama me, eu faz arrumo no computador, Antivirus, problema computador, windows,e etc... tudo ...
entende? eu sou XXX, é Surdo!
eu sabe faz webdesgin, montagem de computador,corel draw, e etc..
eu te esperando vc responde de mim, mas eu vou penso ou nao!
nao tem pressao tem tempo futuro resolver responde pra vc ok te combino certo!
a abraços pra vc, muito obrigado ajuda de mim



Na Libras também existem diferenças regionais. Essas diferenças variam de Estado para Estado, ou, até mesmo, de cidade para cidade. O sinal “inclusão”, por exemplo, tem, ao menos, seis sinais diferentes em todo o país, com pequenas mudanças de movimentos entre os sinais compartilhados no estado da Bahia e Pará e os usados em Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo. Temos também o sinal das cores “azul”, “verde”, “sexta-feira”, etc.

Conhecendo a Libras – Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar

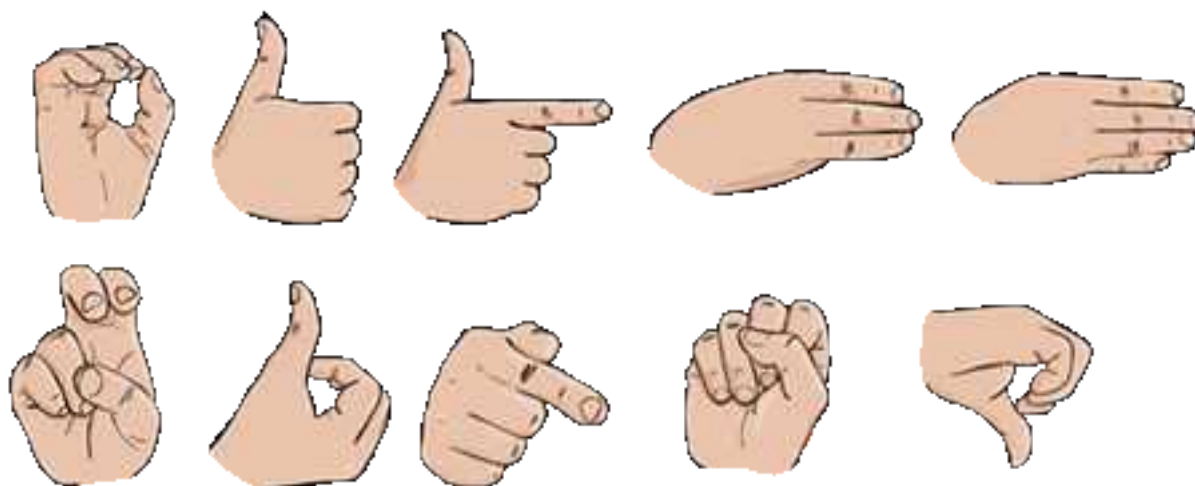
Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal e somente o contexto os diferencia pelo sentido da frase acompanhada de expressão facial. Esse tipo de pronome e de advérbio está relacionado às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante.

- ESTE/AQUI: mão configurada em “D”, apontando para um lugar perto e em frente do emissor;
- ESSE/ÁÍ: mão configurada em “D”, apontando para o lugar perto e em frente do receptor;
- AQUELE/Lá: mão configurada em “D”, apontando para um lugar mais distante.

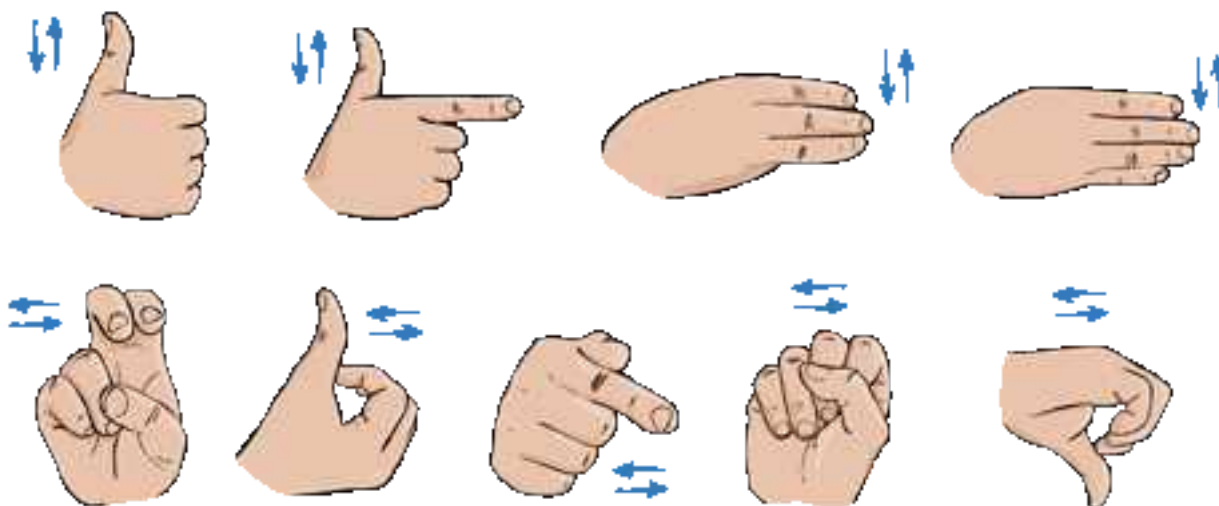
Conhecendo a Libras – Numerais na Libras

Na Libras temos formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários.

Números Cardinais: indicam o número ou a quantidade de elementos constituintes em um conjunto. Os sinais dos números cardinais do 1 ao 9 são representados com a mão parada.



Números Ordinais: indicam ordem de sucessão ou série, posição ou lugar. Os sinais dos números ordinais são representados com a mão trêmula. Os sinais do número 1 até o número 4 são representados com movimentos na posição vertical para cima e para baixo. Os sinais do número 5 até o número 9 são representados com movimentos na posição horizontal da direita para esquerda.



Números de Quantidade: os números cardinais do 1 ao 4 são representados com outras configurações de mãos: na posição vertical e sem movimentos.



Os números cardinais, as quantidades e idade a partir do número **11** são idênticos. Para representar valores monetários incorpora-se ao sinal dos numerais o sinal VÍRGULA, ou o sinal da letra R “real”. Quando o valor é centavos, é comum usar a letra C “centavos” para representar o valor.

II - DIÁLOGOS EM LIBRAS

Diálogo 1 - Minha agenda mensal

Objetivo: trabalhar noções temporais, dias da semana, meses, datas, estudos, pronomes pessoais, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Oi, tudo bem?
b) Tudo bem!
- a) Você sabe qual será o primeiro dia de aula?
b) Qual aula?
a) Da disciplina Libras.
b) Sei, será dia 1º de março.
a) Ok! Na semana que vem vai ter uma palestra de abertura do curso.
b) Não!!! Essa palestra foi na semana passada.
a) Já? Nossa! Achei que ainda seria no dia 9 do mês de março.
b) Não, mas no próximo mês teremos outra palestra.
a) Ontem e anteontem eu não vim à aula.
b) Então, você vai ter que estudar no próximo final de semana.
a) Nossa, não posso, porque é o aniversário da minha irmã.
b) Espera! Minha irmã nasceu no mesmo dia do meu pai.
a) Que bom, não sabia! Que dia é o seu aniversário?
b) O meu é no dia 15 de setembro e o seu?
a) Vou anotar na minha agenda para não esquecer. O meu é no dia 17 de dezembro, perto do natal.
b) Ah, que bom! Você precisa estudar porque amanhã teremos prova.
a) Eu vou estudar hoje e amanhã.
b) Você quer estudar agora?
a) Quero sim. Estou com tempo livre.
b) Ok, então vamos estudar na biblioteca.
a) Vamos!
b) Vamos.

Diálogo 2 - Quando será a festa?

Objetivo: trabalhar localização, datas, horários, pronomes pessoais, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Oi, tudo bem?
- b) Tudo bem!
- a) Você está sabendo da festa?
- b) Que festa?
- a) O aniversário da Associação de Surdos de Uberlândia.
- b) Não! Que dia?
- a) No dia 31 de agosto. Você quer ir?
- b) Eu quero. Eu não sei o endereço.
- a) Rua Mateus Vaz nº 856, bairro Luizote.
- a) Quem vai junto com você?
- b) Eu vou sozinho.
- a) Por quê? E a sua namorada?
- b) Ela trabalha de manhã e a tarde e estuda a noite.
- a) Entendi. Podemos ir juntos. Eu vou com a minha esposa.
- b) Que horas será a festa?
- a) Oito horas da noite.
- b) Ok. Eu quero ir!
- a) Você tem celular?
- b) Eu tenho, o número é 8871-5771.
- a) Fica mais fácil manter contato.
- a) Estou ajudando na festa, preciso chegar adiantado.
- b) Eu vou atrasar um pouco. Quero ficar até de madrugada!
- a) Certo, combinado.

Diálogo 3 - Procurando emprego

Objetivo: explorar situações envolvendo emprego, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Tudo bem com você?
- b) Não, estou triste.
- a) Por quê?
- b) Agora estou desempregado.
- a) O que aconteceu?
- b) A escola fechou, demitiu muitos e fui demitido.
- a) Eu posso te ajudar. Na minha escola tem vaga.
- b) Que bom que você pode me ajudar!
- a) Você tem currículo?
- b) Tenho. Já enviei o meu currículo para muitas escolas, nenhuma me chamou.
- a) É difícil! Na minha escola está precisando com urgência. Vou falar com o diretor. Ok?
- b) Ok. Posso te entregar meu currículo para você levar para o diretor?
- a) Pode. Você me envia o currículo por e-mail.
- b) Ok, vou te enviar.
- a) Você tem celular?
- b) Sim, tenho. Você pode anotar o número: 8760-9242.
- a) Certo. Você espera que eu vou enviar uma mensagem marcando entrevista.
- b) Ok. Muito obrigado por me ajudar.
- a) De nada! Calma, vou tentar te ajudar. Boa sorte!
- b) Obrigado. Tchau!
- a) Tchau!

Diálogo 4 - A visita ao banco

Objetivo: trabalhar os sinais para transações bancárias, contas a pagar no banco, numerais para valores monetários, documentos pessoais, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Olá, bom dia!
- b) Bom dia! Pode sentar-se.
- a) Eu quero abrir uma conta neste banco.
- b) Você quer abrir uma conta corrente ou conta poupança?
- A) As duas. Preciso também de cartão de crédito e de cheque.
- b) Vou precisar da cópia dos seus documentos para fazer o contrato.
- a) Quais documentos você precisa? Original ou cópia?
- b) Só a cópia da carteira de identidade, CPF, título eleitor, comprovante de rendimento e de endereço.
- a) Ah! Desculpe não trouxe o comprovante de endereço. E agora?
- b) Vou fazer seu cadastro e depois você traz uma cópia, assina e pronto.
- a) Eu posso receber o meu salário nesta conta ou depositar?
- b) Sim, os dois. Na conta corrente ou poupança que é boa para investir dinheiro.
- a) Que bom! Eu posso fazer empréstimo, transferência e pagar minhas contas?
- b) Sim, claro.
- a) Que bom, eu quero pagar minhas contas no caixa eletrônico: água, luz, telefone, e aluguel. Eu posso?
- b) Pode. Você precisa olhar sempre o seu saldo e tirar extrato da sua conta. É bom conferir para ver se está correto.
- a) Qual o valor limite especial da minha conta?
- b) O limite é de R\$ 800,00.
- a) Que bom, eu vou embora para casa. A tarde eu volto para te entregar o comprovante de endereço. Obrigado!
- b) De nada. Tchau!



III - ATIVIDADES DOS DIÁLOGOS EM LIBRAS

Prezado(a) aluno(o):

Neste momento, você fará no AVA as atividades que envolvem a compreensão dos diálogos em Libras.

São 4 exercícios de cada diálogo, totalizando 12 questões de múltipla escolha. As questões são em Libras e as opções de resposta são em Língua Portuguesa. Você pode repetir o vídeo da questão quantas vezes achar necessário. Depois, marque uma única opção de resposta.

IV - FAÇA VOCÊ MESMO(A)

Prezado(a) aluno(a):

As atividades do “Faça você mesmo(a)” foram pensadas para você exercitar a Libras, individualmente ou com os seus colegas de turma. Você também pode pedir a colaboração de alguns amigos ou familiares! Não é necessário postar essas atividades no AVA.

1. Pesquise a formação dos sinais abaixo e tente explicar, utilizando os 5 parâmetros, como eles são realizados (retome o exemplo do texto):

- | | | |
|------------|-------------|--------------|
| a) Brincar | e) Amigo | i) Trabalhar |
| b) Mulher | f) Aprender | j) Primo |
| c) Casa | g) Laranja | k) Sogro |
| d) Neto | h) Ter | l) Mãe |

2. Tente estruturar as frases abaixo na base tópico-comentário. Não se preocupe, pois pode haver variações nas respostas.

- a) Minha mãe tem 45 anos e meu pai tem 62.
- b) Eu gosto de morar no Brasil.
- c) Eu moro da cidade de Carneirinho.
- d) Quantos anos você tem?
- e) Você vai para Uberaba de carro ou de ônibus?
- f) Eu estudo na Universidade Federal de Uberlândia.
- g) Estou triste nome é Daniela. Eu tenho 28 anos.
- h) Paulo gosta de fotografar.
- i) Minha irmã casou-se em 1978.
- j) Hoje, pois, terminei o meu namoro.
- k) Meu namorado chama-se João e semana que vem vamos nos casar.

3. Faça o exercício sinalizando os seguintes números:

5698	18º	55º
1697	12º	1998
2008	22	8855-6977
897	3212-5021	77
9911-6856	15º	118
8879-5041	1º	486
11	888999	587

V - SÍNTESE DO MÓDULO

Caro(a) aluno(a):

Chegamos ao final do módulo 3! Esperamos que você tenha aprendido o conteúdo sobre gramática da Libras e suas diferenças linguísticas.

Neste módulo 3 aprendemos sobre:

- a estrutura linguística da Libras
- os sinais simples e os sinais compostos
- a estrutura frasal
- os numerais
- os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar

VI - BIBLIOGRAFIA ADICIONAL COMENTADA

Prezado (a) aluno (a):

Após o estudo deste módulo recomendamos um livro e um dicionário fundamental para o estudo da gramática da Libras:

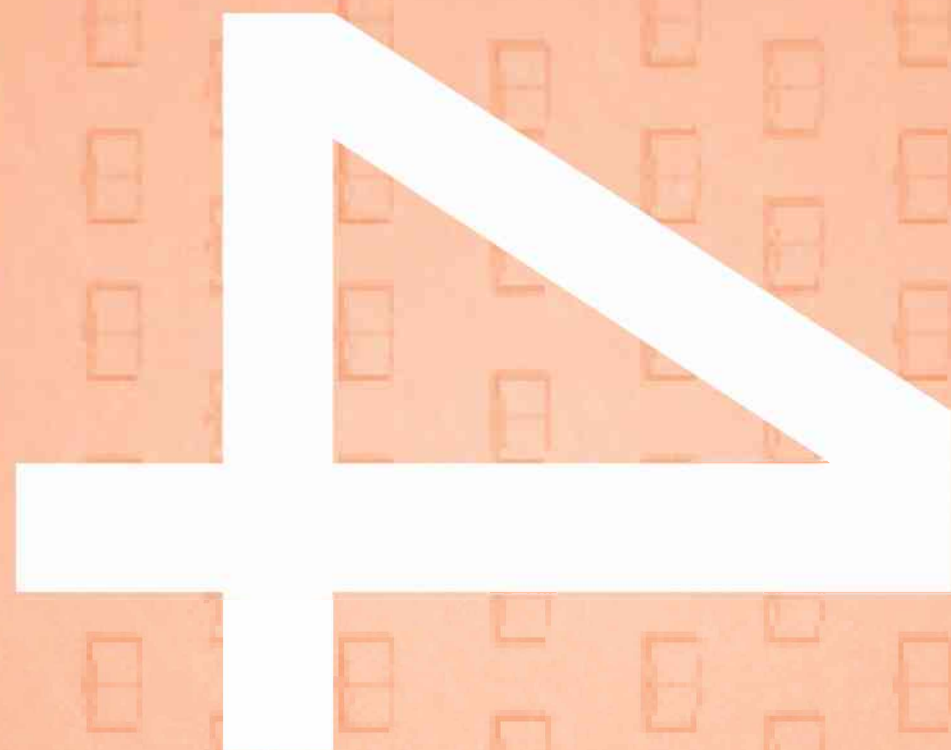
FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico, livro do professor e do estudante cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEESP, 2001.

Este livro foi o pioneiro no Brasil a ensinar a Libras de forma contextualizada. Está disponibilizado de forma impressa e possui dois volumes, o do professor e o do aluno. Todos são acompanhados de DVD elaborados pela Comunidade Surda. Esse livro é resultado de uma ação coletiva entre o MEC e a FENEIS e tem por objetivo apoiar e incentivar a formação profissional de professores, Surdos e ouvintes, para a aprendizagem e utilização da Libras em sala de aula, como língua de instrução e como componente curricular.

Dica de dicionário:

Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira

Esse dicionário foi elaborado por Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael e disponibiliza em três línguas (português, inglês e libras) cerca de 9500 verbetes. Esse dicionário fornece com exatidão descrições da forma dos verbetes e a articulação dos sinais. Traz também ilustrações com o significado dessas convenções. Publicado pela Edusp, o Dicionário apresenta dois volumes, num total de 1.620 páginas, contém três capítulos introdutórios, um corpo principal de sinais, três capítulos de Educação e três de novas tecnologias na educação. Também apresenta estratégias para a inclusão dos Surdos. Esse dicionário está disponível em formato impresso e também nos livros do Google, bastando apenas digitar o título acima no campo de busca. Acesse-o em: <http://books.google.com.br/>.



Módulo

INTRODUÇÃO

À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS
A CIDADE, A ESCOLA E AS FÉRIAS

Sumário Quinzenal

Conteúdos básicos do módulo 4

Introdução à Língua Brasileira de Sinais – A Cidade, a Escola e as Férias

- Tipos de frases na Libras
- Advérbios de tempo
- Gênero na Libras
- Adjetivos na Libras

Objetivos do módulo

Ao final do estudo do módulo 4 da disciplina Língua Brasileira de Sinais, esperamos que você, aluno(a), possa alcançar os seguintes objetivos:

- apresentar a gramática da Libras: tipos de frases, os advérbios de tempo, gênero e adjetivos;
- introduzir a prática de comunicação na Libras, por meio de diálogos e frases em situações de contexto como: “Os lugares da cidade”, “Na sala de aula”, “O vestibular” e “As férias chegaram”.

I – TEXTO BÁSICO

1.1 Tipos de frases em Libras

Prezado(a) aluno(a):

Neste módulo, tomaremos por base as discussões realizadas por Ferreira (1997) e Strobel e Fernandes (1998). Já estudamos em capítulos anteriores que a Libras utiliza as expressões faciais e corporais para estabelecer tipos de frases para marcar as entonações na Língua Portuguesa. Assim, para perceber se uma frase em Libras está na forma afirmativa, exclamativa, interrogativa, negativa ou imperativa, precisa-se estar atento às expressões facial e corporal do sinalizador que são feitas simultaneamente com certos sinais ou com toda a frase, exemplos:

Frase Afirmativa: a expressão facial é neutra.

- O meu nome é M-A-R-I-N-A

Frase Interrogativa: sobrancelhas franzidas e às vezes um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima.

- Eu posso ir ao banheiro?
- Qual é o seu nome?

Frase Exclamativa: sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo.

- O casamento foi lindo!

Frase Negativa: expressão de negação e movimento de discordância da cabeça.

- a) Negação através do uso do sinal NÃO.
 - Não coma esta comida!
- b) Negação simultânea ao sinal do item negado, com movimento da cabeça.
 - Não posso ir ao casamento
- c) Negação incorporada ao sinal, ou seja, o sinal sofre uma alteração em um de seus parâmetros, especialmente no Movimento.
 - Não tenho dinheiro.

Nos diferentes tipos de frases, as expressões faciais são fundamentais, pois uma única alteração na expressão pode comprometer o entendimento da frase ou do diálogo. Assim, podemos afirmar que além das expressões faciais ligadas ao estado emocional do sinalizador, há também as expressões com função gramatical, como as ligadas ao grau dos adjetivos (bonito, bonitinho e bonito, por exemplo) e as ligadas às sentenças, como as que vimos acima.

Outros aspectos gramaticais importantes que conheceremos neste módulo são os adjetivos, os advérbios de tempo e o gênero da Libras. Vamos ao primeiro!

Conhecendo a Libras – Adjetivo na Libras

Os adjetivos expressam o estado, a qualidade ou a característica das pessoas ou objetos. Na Libras, os adjetivos não possuem marca de gênero (masculino e feminino) e de número (singular e plural) e permanecem sempre em uma forma neutra. Em relação à ordem dos adjetivos na frase, eles geralmente vêm após o substantivo que o qualifica.

Exemplo:

- Libras: PASSADO PAI GORDO MUITO-COMER, AGORA PAI MAGRO COMER CERTO.
- Língua Portuguesa: No passado o meu pai era gordo, pois ele comia em excesso. Agora ele está mais magro, pois está se alimentando de forma correta.
- Libras: HISTÓRIA PROVA FÁCIL, MATEMÁTICA PROVA DIFÍCIL.
- Língua Portuguesa: A prova de História foi fácil, mas a de Matemática foi muito difícil.



Empréstimo da Língua Portuguesa para a Libras, o que é? Existem casos em que a Libras faz o empréstimo de palavras de uma língua oral e o faz por meio da datilologia. Podemos citar os exemplos do sinal A-Z-U-L, N-U-N-C-A, O-I, V-A-I, que já foram incorporados ao léxico da Libras. Os sinais soletrados têm um movimento próprio, é um movimento rítmico e dentro da maioria das soletrações esses sinais suprimem as letras. Devemos lembrar que estes são apenas exemplos, pois na maioria dos casos existe o sinal correspondente à situação, ao objeto ou à ideia e não é necessário usar a soletração manual.

Conhecendo a Libras – Advérbios de tempo

Na Libras não há marca de tempo nas formas verbais, é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo. O tempo é marcado sintaticamente por meio de advérbios de tempo que indicam se a ação:

- Está ocorrendo no presente: HOJE, AGORA;
- Ocorreu no passado: ONTEM, ANTEONTEM; ANO-PASSADO
- Irá ocorrer no futuro: AMANHÃ, DEPOIS, ANO-FUTURO

Os advérbios geralmente vêm no começo da frase, mas podem ser usados também no final.

- Exemplo - PRESENTE
- Hoje eu não vou para escola.
- Eu não quero comer agora.
- Exemplo - PASSADO
- Eu trabalhava em uma escola.
- Exemplo - FUTURO
- Eu quero ser professora.

Porém, dependendo do contexto em que a frase é sinalizada, não é necessário usar os advérbios de tempo, como é o caso da frase abaixo:

- Eu nasci em 1979.

Essa frase em Libras utilizou apenas o sinal “nascer” que, pelo contexto, já remete à ideia de passado, sem usar obrigatoriamente o sinal “passado”.

A marcação de gênero pode aparecer ou não nas diversas categorias gramaticais ou classes de palavras de uma língua. A Libras possui formas específicas de marcar gênero que conheceremos a seguir.

Conhecendo a Libras – Gênero na Libras

É interessante observar que não há flexão de gênero em Libras, os substantivos e adjetivos são, em geral, não marcados. Entretanto, quando se quer explicitar substantivos dentro de determinados contextos, a indicação de sexo é feita pospondo-se o sinal “HOMEM / MULHER”, indistintamente, para pessoas e animais, ou a indicação é obtida através de sinais diferentes para um e para outro sexo:

Exemplos:

- HOMEM “homem”
- MULHER “mulher”
- HOMEM+VELHO “vovô”
- MULHER+VELHO “vovó”
- HOMEM+PEQUENO “menino”
- MULHER+PEQUENO “menina”

Seguindo essa linha de raciocínio, para realizar o sinal MÉDICO foi realizado o sinal HOMEM e/ou MULHER + MÉDICO.

No entanto, em uma conversação em Libras, o gênero pode ser omitido quando, pelo contexto, as pessoas que estão interagindo sabem o gênero ao qual o sinal se refere.

Quando o gênero já tiver sido citado na conversação, ele não precisará ser repetido.

Adjetivos, artigos, pronomes e numerais não apresentam flexão de gênero, apresentando-se em forma neutra. Essa forma neutra está representada pelo símbolo @. Exemplo:

- AMIG@, FRI@, MUIT@, CACHORR@, SOLTEIR@

II - DIÁLOGOS EM LIBRAS

Diálogo 1 - Os lugares da cidade

Objetivo: explorar perspectiva e localização, locais do bairro e da cidade, verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Tudo bem?
b) Bem! Pode sentar.
a) O que aconteceu?
b) Estou preocupado.
a) Por quê?
b) Hoje um amigo meu vem de outra cidade.
a) Legal! Você deveria estar feliz!
b) Ele vai ficar aqui uma semana e quer conhecer a cidade.
a) E porque você está preocupado?
b) Não sei onde passear.
a) Fique tranquilo, a cidade é grande, tem muitos lugares bonitos.
b) Quais? Você pode me ajudar?
a) Posso! Tem a parte antiga da cidade: a prefeitura, a igreja, a praça que é bonita e o mercado onde compramos diversas coisas.



Na Libras, assim como na Língua Portuguesa, há sinais exatamente iguais que denotam vários significados dependendo do contexto. A isso chamamos polissemia, palavra de origem grega que significa “muitos significados”. Lembre-se do exemplo da palavra “gato” que, originalmente, serve para indicar um tipo de animal, mas que dependendo do contexto pode ser traduzida por outros significados como: beleza, “gato de energia”, “cama de gato”, “saco de gatos”, “balaio de gatos”, etc. Alguns sinais em Libras são realizados exatamente da mesma forma, mas adquirem diferentes significados de acordo com o contexto, como é o caso dos sinais “OCUPADO e NÃO-PODER”, “CADEIRA e SENTAR”, “AÇÚCAR e DOCE”, “TELEFONE e LIGAR”.

- b) É verdade, na parte antiga da cidade também tem a rodoviária e o teatro.
- a) Tem. Eu posso levá-lo ao shopping e ao cinema.
- b) Hum, posso levá-lo também para passear no centro da cidade.
- a) Pode! Tem muitas lojas diferentes e aproveitamos para fazer compras.
- b) É verdade. No sábado e domingo podemos ir ao clube.
- a) Podemos, é só combinar.
- b) Vamos juntos na boate tomar uma cerveja ou chopp.
- a) Vamos! Vamos combinar, estou com tempo livre.
- b) Você pode ir comigo ao aeroporto buscá-lo?
- a) Sim, posso. Na hora que você quiser.
- b) Que alívio! Quero agradecer você!
- a) De nada! Fique tranquilo e aproveite o passeio com seu amigo. Tchau!
- b) Tchau!

Diálogo 2 - Na sala de aula

Objetivo: trabalhar sinais relacionados à educação, ao ambiente escolar, às disciplinas escolares, aos eventos, às metodologias, aos verbos, entre outros sinais do contexto.

- a) Oi, bom dia professora!
- b) Bom dia! Você quer conversar comigo?
- a) Eu preciso.
- b) Pode sentar.
- a) Você viu minha redação sobre a educação?
- b) Olhei sim, você escreve muito bem. Parabéns!
- a) A escola que eu estudava era inclusiva.
- b) Vi que você teve muitos colegas Surdos.
- a) A nossa professora não sabe Libras.
- b) Mas tinha algum intérprete de Libras?
- a) No ensino fundamental não teve, mas, no ensino médio tivemos intérprete.
- b) Deve ter sido difícil.
- a) É verdade. Algumas disciplinas como Biologia e Matemática foram fáceis, mas, Português era difícil.
- b) Eu concordo com você, Português é muito difícil para surdo e ouvinte. Você já foi reprovado em algum ano?
- a) Já, na 5ª e 7ª série. Eu também fiquei em recuperação algumas vezes.
- b) Você precisa estudar mais viu?!
- b) Você viu que aqui na UFU vai acontecer um Congresso de Educação Especial?
- a) Sim, já me inscrevi.
- b) Que bom! É importante você fazer especialização nessa área.
- a) Ano que vem quero fazer especialização.
- b) Boa sorte! Estude bastante!
- a) Obrigado professora! Eu preciso ir embora.
- b) Por nada.
- a) Tchau!
- b) Tchau! Boa sorte!

Diálogo 3 - O vestibular

Objetivo: trabalhar sinais relacionados à educação, ao ambiente escolar, às disciplinas escolares, aos eventos, às metodologias, aos cursos de graduação, aos verbos, entre outros sinais do contexto.

a)Oi, tudo bem?
b)Tudo joia!
a)Fiquei sabendo que você passou no vestibular!
b)Sim, estou muito feliz!
a)Qual curso você escolheu?
b)Antes eu fiquei em dúvida se queria Pedagogia ou Psicologia, mas pensando muito, escolhi Pedagogia.
a)Eu também passei no vestibular de Educação Física.
b)Agora nós dois estamos estudando na Universidade Federal de Uberlândia.
a)Você está gostando das disciplinas?
b)Sim. Eu gosto mais da disciplina Didática e Educação Infantil.
a)Seu curso tem muitas provas?
a)Temos muito seminários e atividades de pesquisa em sala.
b)E os seus professores são bons?
a)Meus professores são bons, explicam bem.
b)Você sabia que nós teremos a disciplina Libras no nosso curso?
a)Eu vou fazer a disciplina Libras só no 5º período.
b)O meu professor me falou que é importante participar de congressos, seminários e palestras.
a)Certo. Nós precisamos melhorar nosso currículo para conseguir uma bolsa de estudos e continuar estudando.
b)Concordo com você. Tenho que ir agora, mas não se esqueça, quando você se formar, me convida para a festa.OK!?
a)Certo, combinado. Você será minha convidada especial!
b)Obrigada.
a)Por nada. Tchau!
b)Tchau!

Diálogo 4 - As férias chegaram

Objetivo: trabalhar sinais relacionados aos meios de transporte, à cidade, às distâncias, aos verbos, entre outros sinais do contexto.

a)Oi, tudo bem?
b)Tudo bem e você?
a)Estou bem. Você está de férias?
b)Sim e você?
a)Eu estava sonhando com as férias. Você vai viajar?
b)Vou para Belo Horizonte com a minha namorada. E você?
a)Vou para Salvador com a minha família.
b)Você vai de carro ou de ônibus?
a)Vou de avião, é muito longe. E você?
b)Vou de carro, é pertinho.
a)Queria viajar para Portugal, mas vai demorar tirar o passaporte.
b)Legal, mas aqui no Brasil tem muitos lugares lindos para passear.
b)Vai ficar quanto tempo lá?
a)Dois meses. E você?
b>Só sábado e domingo.
a)Tadinho! Quem você vai visitar?
b)Minha sogra. E você?
a)Vou visitar meus tios e primos.
b)Que bom!
a)Tenho que ir agora. Preciso comprar as passagens!
b)Boa viagem! Aproveite as férias!
a)Obrigada! Você também! Tchau!
b)Tchau!

III - ATIVIDADES DOS DIÁLOGOS EM LIBRAS

Prezado(a) aluno(o):

Neste momento, você fará no AVA as atividades que envolvem a compreensão dos diálogos em Libras.

São 4 exercícios de cada diálogo, totalizando 12 questões de múltipla escolha. As questões são em Libras e as opções de resposta são em Língua Portuguesa. Você pode repetir o vídeo da questão quantas vezes achar necessário. Depois, marque uma única opção de resposta.

IV - FAÇA VOCÊ MESMO(A)

Prezado(a) aluno(a):

As atividades do “Faça você mesmo(a)” foram pensadas para você exercitar a Libras, individualmente ou com os seus colegas de turma. Você também pode pedir a colaboração de alguns amigos ou familiares! Não é necessário postar essas atividades no AVA.

1. Vamos exercitar algumas Frases em Libras de situações trabalhadas nos módulos 2, 3 e 4. Lembrem-se: as frases estão em Português. Vocês devem passá-las para Libras.

- Meu nome é XXXXXX (soletrar o próprio nome).
- Oi, tudo bem? Boa tarde!
- Tudo bem? Qual é o seu nome?
- Bom trabalho para você!
- Quantos anos você tem?
- Em qual cidade você mora?
- Eu estou fazendo a disciplina Libras.
- Eu estudo na Universidade Federal de Uberlândia.
- Domingo eu vou à igreja.
- Vou viajar na sexta-feira para a casa da minha amiga.
- Eu tenho 2 filhos e 1 filha.
- O meu aniversário é no dia 12 de setembro.
- Meu pai tem olhos verdes e minha mãe tem olhos pretos.
- Eu estava triste ontem. Hoje estou feliz.
- Semana que vem as aulas acabam.
- Hoje à noite vou a uma festa.
- Você quer ir ao cinema hoje à tarde?
- Tchau! Até o próximo sábado. Bom descanso!
- O casamento foi lindo!
- Qual mês, dia e ano você nasceu?
- Que dia da semana é hoje?
- Na semana passada eu viajei para Uberlândia.
- Sexta-feira que vem não terá aula de Libras.
- Mês passado eu comprei um carro.
- Boa noite! Até amanhã!

- A minha mãe é gorda e o meu pai é magro.
- Qual o nome da sua rua e o número da sua casa?
- Ontem eu assisti a uma palestra de Educação Especial.
- Minha mãe faz aniversário no dia 25 de dezembro.
- Você pode entregar meu currículo?
- O número do meu celular é 9976-5543.
- Vou ao banco pagar a conta de água, energia e aluguel.
- Vou levar o meu amigo para conhecer a cidade.
- Eu moro perto da escola e da igreja.
- Eu quero ser professor de alunos Surdos.
- Eu passei no vestibular da UFU para o curso de Pedagogia.
- Tenho medo de viajar de avião. Só viajo de ônibus.



V - SÍNTESE DO MÓDULO

Caro(a) aluno(a):

Chegamos ao final do módulo 4 e gostaríamos de lhe dar os parabéns por ter concluído os estudos da disciplina de Libras!

Esperamos ter mostrado a você um pouco desse universo linguístico da Língua Brasileira de Sinais! É nosso desejo que o seu contato inicial com essa Língua tenha despertado o interesse para o aprendizado da Libras e o aprofundamento na educação das pessoas surdas.

Assim, entendemos que há uma necessidade urgente de torná-la acessível aos profissionais da educação que atuam com pessoas surdas, salientando que a comunicação é condição básica para qualquer processo de ensino e aprendizagem e interação social. Consideramos, então, que o movimento de divulgação e ensino dessa língua poderá contribuir com a Comunidade Surda na garantia de uma participação efetiva na sociedade e o acesso a uma educação de qualidade a todos os seus membros.

É de suma importância que, após o término dessa disciplina, você conviva e interaja com a Comunidade Surda e busque conhecimento nas diversas literaturas sobre a Libras e a surdez, a fim de que você possa compreender melhor o universo linguístico dos Surdos.

Neste módulo 4 aprendemos sobre:

- Tipos de frases na Libras
- Advérbios de tempo
- Adjetivos na Libras
- Gênero na Libras

VI - LISTA DE SITES COMENTADA

Prezado (a) aluno (a):

Após o estudo deste módulo recomendamos um passeio a vários *sites* muito interessantes sobre a Libras. Todos eles foram selecionados “a dedo”, com muito carinho, por isso, vale a pena você visitá-los. Com certeza as informações disponíveis nesses *sites* muito acrescentarão ao seu aprendizado de Libras!

<http://www.acessobrasil.org.br/libras/>

O site é mantido pela “Acessibilidade Brasil”, sociedade constituída por especialistas da área de educação especial, professores, engenheiros, administradores de empresas, arquitetos, desenhistas industriais, analistas de sistemas e jornalistas, cujo interesse comum é apoiar, realizar ações e projetos que privilegiem a inclusão social e econômica. O site dispõe de diversos projetos de acessibilidade, incluindo o Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais.

<http://www.librasemcontexto.org/>

O site foi concebido por Tanya A. Felipe para divulgar pesquisas relacionadas à área da linguística, metodologia de ensino de língua e educação de Surdos. Nele podemos fazer o *download* do Dicionário de Libras Digital e também dos livros/DVDs Libras em Contexto: Livro/DVD do Estudante e Livro/DVD do Professor, materiais muito ricos para os nossos estudos.

<http://www.ines.gov.br/>

Site do Instituto Nacional de Surdos que disponibiliza várias pesquisas e materiais para a difusão do conhecimento relacionado à educação de Surdos: Literatura Infantil em Libras (DVDs), periódicos científicos, música popular brasileira em Libras (DVDs). Divulga, também, informações sobre as ações diretas que são realizadas nos diversos níveis de ensino, tais como na Educação Básica para Surdos, no Ensino Superior, no Prolibras, e informa sobre cursos de capacitação, congressos e demais eventos na área da surdez.

<http://editora-arara-azul.com.br/novoeaa/>

Site destinado a todos aqueles que desejam ampliar conhecimentos sobre variados temas relativos ao universo das pessoas surdas e/ou pertinentes aos profissionais que atuam na área da surdez. Nele você terá acesso a clássicos da literatura em Libras, cursos *on-line*, além de vários textos e cadernos de atividades disponíveis para download gratuito em PDF, entre outras produções que valorizam a Libras e a Cultura Surda.

<http://www.libraselegal.com.br/>

O site “Libras é Legal” é resultado de um projeto da FENEIS com o patrocínio da Petrobras. Desse projeto resultou com conjunto de materiais didáticos para a difusão da Libras, como um minidicionário, histórias, jogos e livros didáticos em Libras, Língua Portuguesa e *sign writing* (escrita de sinais) para Surdos e ouvintes.

<http://www.atividadeseducativas.com.br/index.php?lista=libras>

Site com várias atividades educativas *on-line* para o ensino e aprendizagem da Libras.

<http://www.brinquelibras.com.br/> e <http://www.lsbvideo.com.br/>

Site com várias opções de materiais pedagógicos para o ensino e aprendizagem da Libras, além de cursos *on-line* de Libras.

<http://www.ges.ced.ufsc.br>

Site do Grupo de Estudos Surdos (GES) do Núcleo de Investigação de Desenvolvimento Humano (NUCLEIND), vinculado ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.



REFERÊNCIAS

- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>> Acesso em 02 dez. 2012.
- BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica**: 2011 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.
- BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Especial. **Evolução da educação especial no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dadosed.pdf>> Acesso em: 15 nov. 2012.
- BRASIL, Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. **O tradutor e o intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília, 2004.
- BRASIL. **Decreto n. 3.298** de 20 de dezembro de 1999. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em: 04 jan. 2013.
- BRASIL. **Decreto n. 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 04 jan. 2013.
- BRASIL. **Lei n. 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm>. Acesso em: 04 jan. 2013.
- BRASIL. **Lei n. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 04 jan. 2013.
- BRASIL. **Lei n. 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional, MEC/SEF, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Programa Nacional de Apoio a educação dos Surdos. Organizado por Ronice Muller de Quadros. **O Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/Seesp, 2004.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I: Sinais de A a L**. 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- DORZIAT, A. Metodologias Específicas ao Ensino de Surdos: Análise Crítica. In: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Educação Especial: Deficiência Auditiva**. RINALDI, G.. (Org.). Brasília: SEESP, 1997. p 299-308.

- FELIPE, T. A. **Libras em contexto**: curso básico, livro do professor e do estudante cursista. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC; SEESP, 2001.
- FELIPE, T. A.; FERREIRA, L. Fascículo 7: A Língua Brasileira de Sinais. In: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Educação Especial: Deficiência Auditiva**. Org. RINALDI, G *et al.* Brasília: 1997.
- FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Campinas: Artmed, 2003.
- FERNANDES, E. **Problemas linguísticos e cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1990.
- FERNANDES, S. **Educação de Surdos**. 2 ed. Curitiba: IBPEX, 2011.
- FERREIRA, L. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro UFRJ, 1995.
- FREMAN, R. D.; CARBIN, C. F.; BOESE, R. **Seu filho não escuta?** Um guia para todos que lidam com crianças surdas. Brasília: MEC/SEESP, 1999.
- GIANINI, E.; PORTO, S. B. N.; *et all.* Elaborando Proposta Curricular para o Ensino de Libras e Língua Portuguesa no Ensino de Surdos. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/congrent/Educa/Educa77.pdf>>. Acesso em 02 dez. 2012.
- GÓES, M. C. R. **Linguagem, surdez e educação**. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- LACERDA, C. B. F. **A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes**: focalizando a organização do trabalho pedagógico. Anais da 25ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1518t.PDF>> Acesso em: 14 nov. 2012.
- LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos Surdos. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 46, set. 1998. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>> Acesso em: 20 jan. 2013.
- LARA, A. T. S. Processo Formal de Educação de Pessoas Surdas: Subsídios para a Re (Construção) do Espaço Educacional para Portadores de Surdez. In: STOBBAUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. M. (Orgs). **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p.133-147.
- LODI, A. C. B.; MOURA, M. C. **Primeira língua e constituição do sujeito**: uma transformação Social. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.1-13, Jun. 2006.
- MOURA, M. C. **O Surdo**: caminho para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, FAPESP, 2000.
- MOURÃO, M. P., SILVA, L. C., DECHICHI, C., SILVA (Orgs). **Professor e Surdez**: cruzando caminhos, produzindo novos olhares. Uberlândia: EDUFU, 2009, v.1.
- MOURÃO, M. P.; SILVA, L. C. (Orgs). **Atendimento Educacional especializado para alunos**. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- PERLIN, G. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. B. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998, p.51-73.
- QUADROS, R. M. **Educação de Surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais brasileira**: Estudos linguísticos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, R. M.; PATERNO, U. Políticas linguísticas: o impacto do decreto 5.626 para os Surdos brasileiros. **Revista Espaço** (INES), v. 25, 2006, p. 19-25.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos Surdos**. Porto Alegre: Gráfica Palotti- MEC, 2006.

RINALDI, G. *et all* (Org). BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Deficiência Auditiva**. Brasília: SEESP, 1997.

ROCHA, S. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil**. Vol. 1, Rio de Janeiro: INES, 2007.

ROSSI, T. R. F. **Brincar**: uma opção para a interação entre mãe ouvinte/filho Surdo. Tese (Doutorado) Unicamp, 2000.

SÁ, N. R. L. **Cultura, poder e educação de Surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem pelo mundo dos Surdos. Trad. Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, H. M. M. L. (Org). **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

SASSAKI, R. K. **Nomenclatura na área da surdez**. 2005. Disponível em: <<http://www.saci.org.br/index.php?modulo=akemi¶metro=16545>> Acesso em: 04 jan 2013.

SKLIAR, C. B. (Org.). **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. B. (Org.). **Educação e exclusão**: abordagem sócio-antropológica em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, C. B. (Org.). **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOARES, M. L. **A Educação do Surdo no Brasil**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

STROBEL, K. **História da Educação de Surdos**. Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED, SUED, DEE, 1998.

ZICH, A C. Reflexão sobre a educação escolar dos Surdos. **Guarapuava**, Paraná. Vol. 4 n. 2, p. 121-126, jul/dez. 2003. Disponível em: <<http://www.unicentro.br/editora/revistas/analecta/v4n2/reflex%E3o.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2008.